5685 0001 - Ed. 20 P

NCz$ 3,00

EDITORA AZUL

VÍDEOS 150 SELECIONADOS

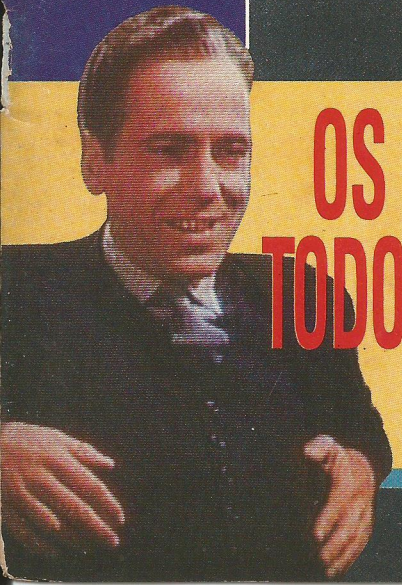
ESPECIAL

SET

# POLICIAL E SUSPENSE

## HITCHCOCK

O CINEASTA QUE SABIA DEMAIS



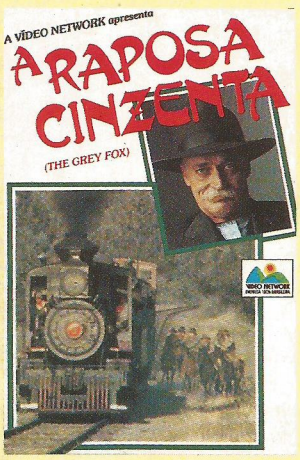
## OS DETETIVES DE TODOS OS TEMPOS

DE SHERLOCK HOLMES A DICK TRACY

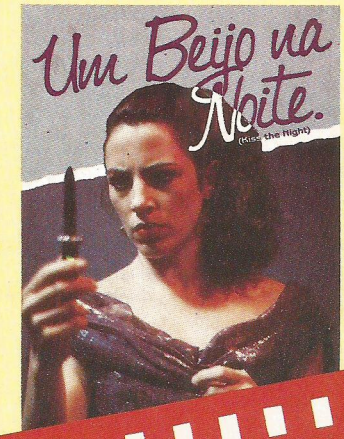
## ALAN PARKER

FALA DE RACISMO E DEFENDE SEU ÚLTIMO FILME MISSISSIPPI EM CHAMAS

# VTI-NETWORK-Para aqueles

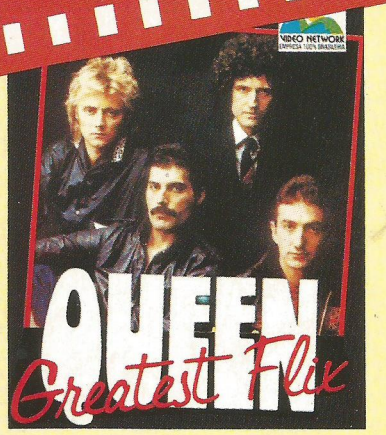



**A RAPOSA CINZENTA**
Western, Legendado.
O mais famoso pistoleiro de todos os tempos, preso em 1868, é solto em pleno século XX depois de passar 33 anos na prisão.



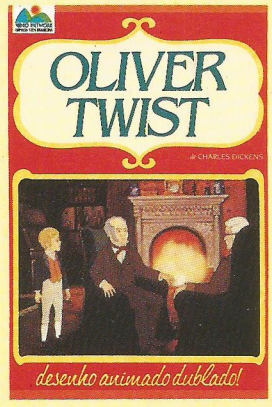

**UM BEIJO NA NOITE**
Policial, Legendado.
Todo o sub-mundo do crime visto pelos olhos de uma bela mulher, que se envolve em vários crimes em sua luta pela verdade.

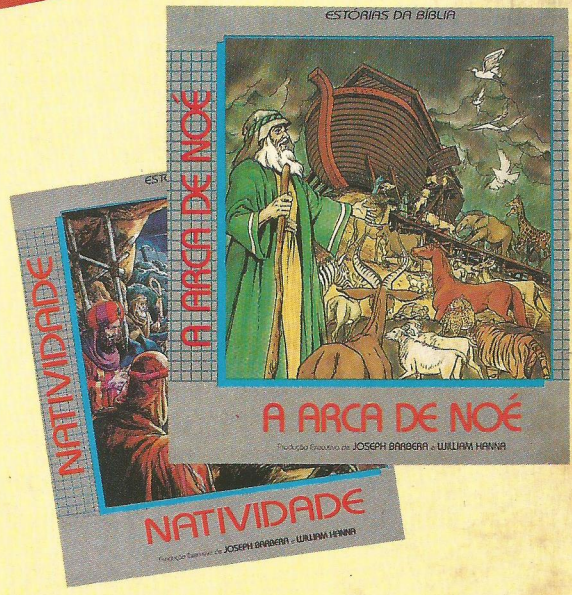
# SUCESSOS NAS




**QUEEN**
Musical. Os melhores momentos da super-banda de Rock.

**OLIVER TWIST**
Infantil, Dublado.
Desenho animado baseado em uma clássica estória do Charles Dickens. Excelente dublagem em um grande programa para crianças.




**A ARCA DE NOÉ**
Infantil, Dublado
Continuação da série "ESTÓRIAS DA BÍBLIA", que iniciamos no Natal com NATIVIDADE. Produção HANNA-BARBERA idealizada para contar as principais histórias da Bíblia de uma forma ao mesmo tempo didática e emocionante.
2 rapazes e uma moça caem em um desvio do tempo e vivem as histórias, eles mesmos.

**VÍDEO INTERAMERICANA LTDA.**
Rua General Bruce, 55 - São Cristóvão, Rio de Janeiro
CEP: 20921 - Telefone: (021) 580-3130
Alameda Santos, 705/32, Telefone: (011) 283-3438 e 285-6984
São Paulo

# que só querem o melhor

**A ÚLTIMA SESSÃO**
Terror, Legendado.
Uma seita macabra de adoradores do demônio envolve diversas pessoas em uma trama de ódio e violência.

# ÁGUAS DE MARÇO

CENTRAL DE CRIAÇÃO

VIDEO NETWORK
EMPRESA 100% BRASILEIRA

RUA GENERAL BRUCE, 55 SÃO CRISTÓVÃO - RIO DE JANEIRO
CEP 20921 TEL.: (021) 580-3130

ALAMEDA SANTOS, 705/32 - SÃO PAULO
TEL.: (011) 283-3438 e 285-6984

V T I

# OS MELHORES FILMES DE SUSPENSE E POLICIAL

FADE TO BLACK

A DANGEROUS SUMMER

DOUBLE DEAL

Testemunha da Loucura

the Seduction

EARLY FROST

NACIONAL VÍDEO

R. STELLA, 515 - BLOCO B - CONJ. 11 - SÃO PAULO - SP - CEP 04011 - TEL. (011) 572 3024

*Os dez pecados capitais prescritos pela censura de Hollywood durante os anos 40, reunidos numa só foto: a derrota da lei, coxas de fora, lingerie de renda, homem morto, narcóticos, bebida, seios expostos, jogo, arma apontada, arma automática.*

***Os dois gêneros mais solicitados nas videolocadoras e também responsáveis por algumas das maiores bilheterias de todos os tempos, guardam entre si um estranho parentesco com os instintos mais frágeis, cruéis e violentos da natureza humana. Ali, no aconchego do escurinho do cinema, desfilam as mais sórdidas traições, suspeitas, vinganças, assassinatos a sangue frio, perseguições implacáveis, vícios, tráfico de drogas, obsessões, medo, humor negro, perversão e miséria. Tudo concentrado em apenas duas horas da mais absoluta tensão.***

***Desta sessão no purgatório moral (e no paraíso da arte cinematográfica) sai mais uma edição especial da SET:* Policial e Suspense. *Nesta homenagem ao mistério, a escolha é farta. Os maiores detetives das telas, uma entrevista exclusiva com o diretor Alan Parker na defesa de seu último e polêmico policial, o universo de Hitchcock, um painel com a mais nova safra deste mercado em Hollywood, uma seleção de 150 títulos disponíveis nas locadoras. Ao virar esta página, você estará apagando as luzes e abrindo as cortinas. O espetáculo fica por conta do crime, da maldade e do macabro.***

**Isabella Rocha e Silva**

**DETETIVES**
*OS FILHOS DA SUSPEITA* 8

**ENTREVISTA EXCLUSIVA**
*A HONRA DO PODEROSO PARKER* 16

**HITCHCOCK**
*SOB O DOMÍNIO DO MESTRE* 22

**QUADRINHOS E CINEMA**
*AS TIRAS DA PESADA* 28

**POLICIAL E SUPENSE**
*AS NOVAS CORES DA VIOLÊNCIA* 32

**VIDEOGRAFIA**
*OS 150 MELHORES VÍDEOS DO GÊNERO* 39

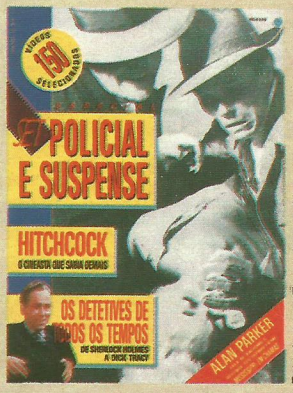
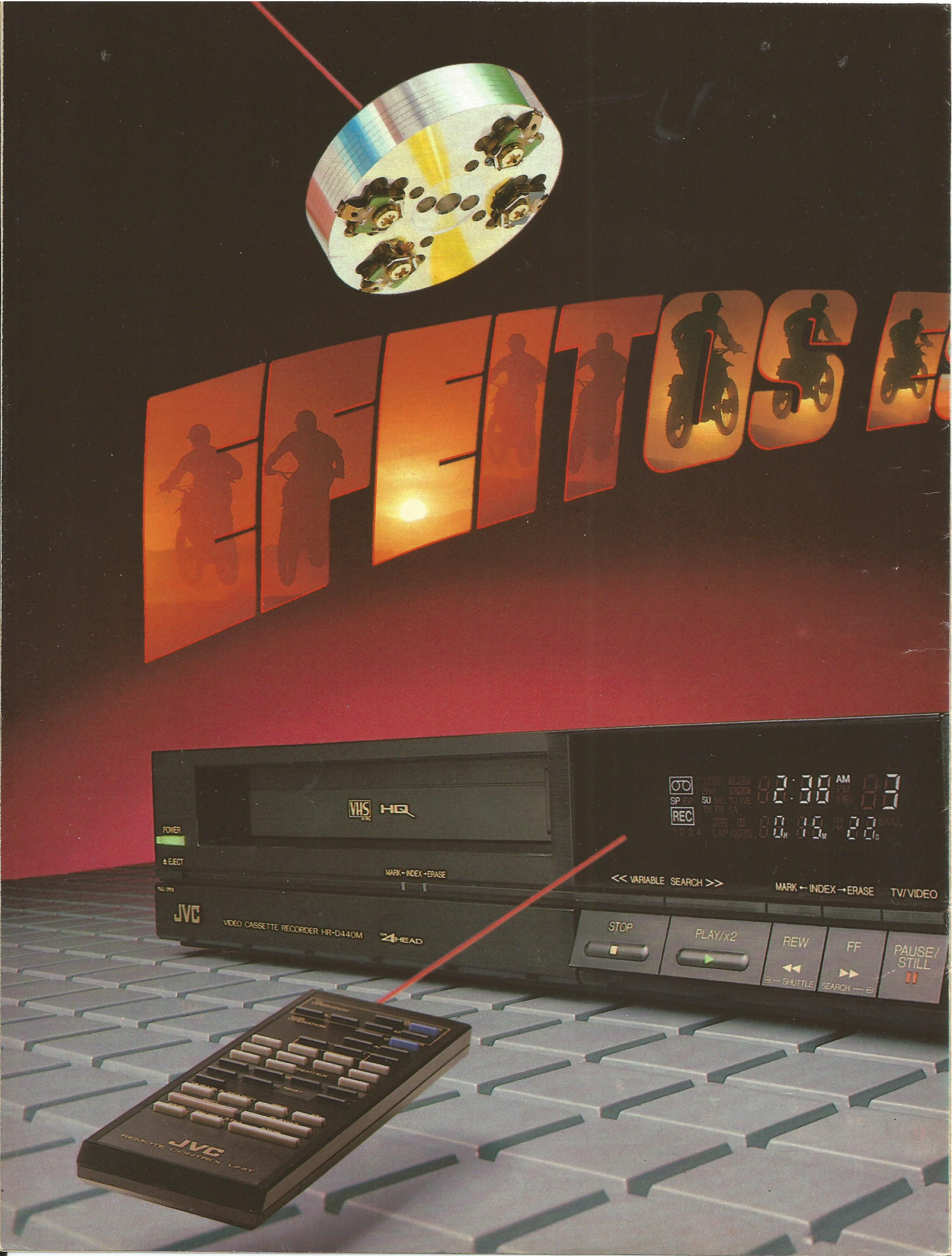
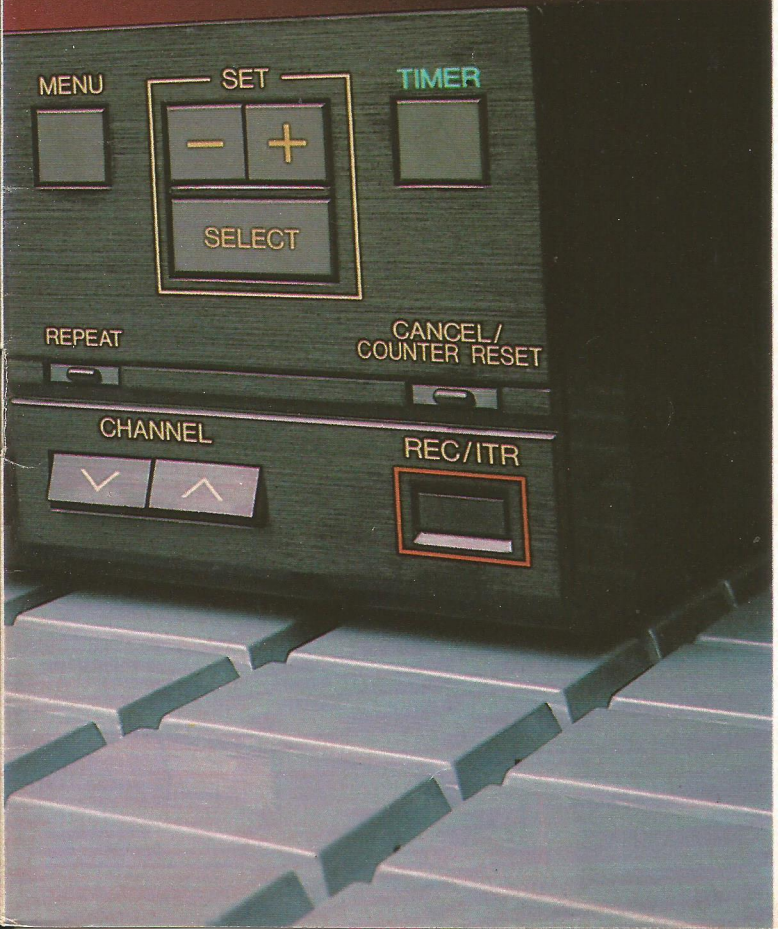



Foto da capa: Turner Broad. Sist.

*(1948), de Jules Dassin, premiado com o Oscar de melhor fotografia (William Daniels), e no destaque, Humphrey Bogart em* **Relíquia Macabra** *(1941)*


VHS HQ
POWER
EJECT
MARK←INDEX→ERASE
<< VARIABLE SEARCH >>
MARK←INDEX→ERASE
TV/VIDEO
JVC
VIDEO CASSETTE RECORDER HR-D440M
4HEAD
STOP
PLAY/x2
REW
FF
PAUSE/STILL
SHUTTLE
SEARCH
REC
JVC
REMOTE CONTROL UNIT




# JVC. A Qualidade De Imagem Que Todo O Mundo Conhece.

Todo mundo já sabe que quando a JVC põe a cabeça para funcionar, a tecnologia avança, a emoção aumenta e fica à flor da tela. Sempre que as cabeças da JVC funcionam, é para criar e desenvolver os novos recursos que vão proporcionar ao espectador a mais alta qualidade. Assim é com o vídeo HR-D440M.

DA 4 HEAD
QUADRO A QUADRO
CÂMERA LENTA
CONGELAMENTO DE CENA

Novo Sistema 4 cabeças com Double Azimuth para produzir os efeitos mais especiais: quadro a quadro, câmera lenta ou congelamento de cena com perfeição, nitidez e pureza de imagens.

NTSC/PAL-M AUTOMATIC. Basta colocar a fita que o vídeo HR-D440M automaticamente seleciona o sistema e reproduz a gravação com as imagens e cores reais.

ON SCREEN. As funções em operação são indicadas na tela do televisor, apresentando as informações com clareza para uma utilização segura e simplificada do vídeo.

CONTROLE REMOTO UNIFICADO. Controla todas as funções à distância. Desde o ajuste do relógio e do timer até reprodução, gravação, etc.
Isso tudo é só uma amostra do que acontece quando as cabeças da JVC funcionam.
E emoção garantida.

# JVC

## O INVENTOR DO VHS

Somente a JVC tem a garantia Tecnovídeo: assistência técnica e imediata reposição de peças originais em todo o país.

(011) 815-9144 • 813-6300 • 814-8555

Video HR-D 440 M - À venda na Zona Franca de Manaus.

# OS FILHOS DA S

# USPEITA

**CRIADOS PELA LITERATURA E CELEBRIZADOS NO CINEMA, ESSES DETETIVES CHEIOS DE ARTE E ESTILOS INCONFUNDÍVEIS CONQUISTARAM UM LUGAR DE HONRA NA LUTA CONTRA AS MENTES MAIS PERVERSAS E MESQUINHAS DO PLANETA**

*1. Hercule Poirot, 2. Miss Marple, 3. Sam Spade, 4. Philip Marlowe, 5. Padre Brown, 6. Inspetor Maigret, 7. Mr. Moto, 8. Dick Tracy, 9. Sherlock Holmes, 10. Charlie Chan, 11. Nick e Nora Charles*

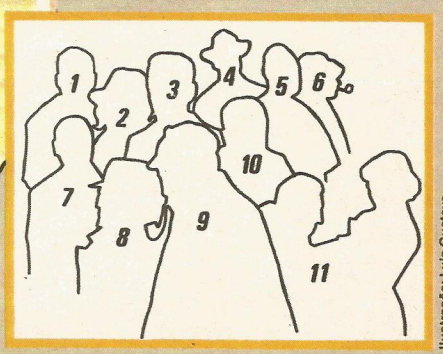
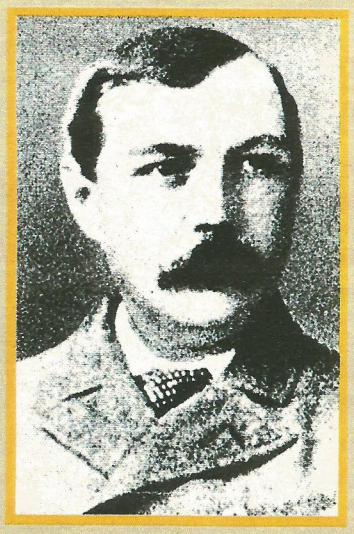


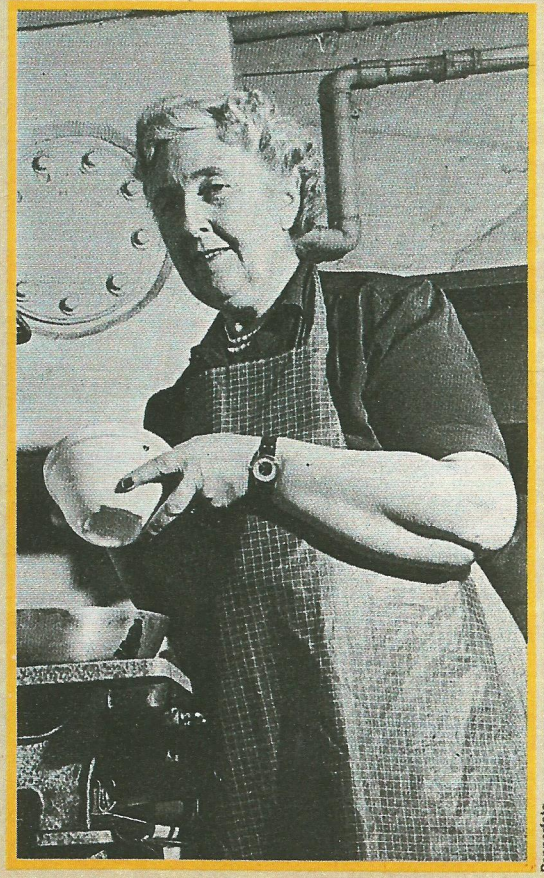

Ilustração: Luís Gustavo

Detetives são quase tão antigos no cinema quanto o crime. No começo do século, quando, na vida real, os criminosos eram de certo modo figuras românticas, capazes de dizimar nações inteiras, como o estadista Bismarck, por exemplo, mas jamais matar alguém por crueldade ou ambição pessoal, Sherlock Holmes já enfrentava no cinema mudo mentes tão perversas e mesquinhas como Moriarty, um dos grandes vilões de todos os tempos.

Sherlock Holmes não é apenas, com muita certeza, o mais famoso detetive que o Bem e o Mal conheceram; é também o que apareceu mais vezes na tela. Levantar sua vida pregressa e cinematográfica é tarefa que nem mesmo sua mente privilegiada conseguiria executar. Menos ainda seu fiel dr. Watson, detetive de primeira linha, infelizmente subjugado pelo brilho de seu dominador partner. No cinema silencioso houve pelo menos uns 60 filmes tendo Holmes como estrela, que, juntando aos outros cerca de 40 produzidos até hoje, dão à filmografia do herói criado por Conan Doyle mais de 100 filmes.

A quantidade talvez seja a prova maior de que nenhum outro detetive da literatura e do cinema se igualou a Holmes em popularidade. O que não quer dizer, absolutamente, que ele seja o melhor, ou o mais sofisticado, ou o mais fascinante, ou mulherengo, ou tudo isso junto. O mundo dos detetives, seja





Popperfoto

***Ao lado, Conan Doyle, criador de Sherlock e abaixo, Agatha Christie, mãe de Poirot e Miss Marple***

## O ENIGMA DA DEDUÇÃO PERFEITA

**Sherlock Holmes** - *O mais famoso e popular de todos os detetives dos livros e do cinema, Holmes já apareceu em pelo menos 100 filmes, desde 1915, quando o alemão Alwin Neuss fez* O Cão dos Baskerville. *Desde então, pelo menos 19 atores, em várias obras, já interpretaram o personagem, nascido em 1887, no livro de Conan Doyle* Um Estudo em Vermelho. *Os especialistas garantem que o melhor de todos os intérpretes foi o inglês Arthur Wontner, em três filmes na década de 30. O mais popular porém (e durável), foi Basil Rathbone, que apareceu pela primeira vez em Hollywood em* O Cão dos Baskerville *e seria Holmes em 13 outros filmes. Um deles,* Terror by Night, *de 1946, acaba de ser lançado em vídeo pela Hollywood Classics, com o título* Noite Tenebrosa.

**Philip Marlowe** - *De prestígio maior que sua folha de serviços, o detetive tipicamente hollywoodiano nasceu em 1939, no livro* The Big Sleep. *O primeiro (e talvez mais fiel) de seus intérpretes no cinema foi Dick Powell, em* Até a Vista, Querida (Murder, My Sweet), *em 1944. O sucesso, porém, só viria dois anos depois com Bogart, em* À Beira do Abismo (The Big Sleep), *que muitos consideram, até agora, indecifrável. Entre os Marlowe da tela, além de Powell e Bogart, houve Robert e George Montgomery, James Garner, Elliott Gould e Robert Mitchum. Chandler tinha um candidato para o papel no cinema: Cary Grant.*

**Charlie Chan** - *Ele veio à luz no papel em 1925, num seriado na revista* The Saturday Evening Post, *criado por Earl Derr Biggers, com o nome de* House Without a Key. *Quatro anos depois iniciava uma bem-sucedida e durável carreira em Hollywood, no filme* Behind That Curtain, *interpretado pelo ator E.L. Parker. Mas foi Warner Oland que lhe deu fama em 16 filmes. Nascido na Suécia, mas radicado em Hollywood, Oland usava uma pesada maquiagem oriental para se assemelhar a um detetive chinês. Sua eficiência, seus filhos e principalmente suas tiradas filosóficas fizeram de Chan um detetive que na tela só perdia em popularidade para Sherlock Holmes. Algumas de suas frases: "Álibi, como peixe morto, não agüenta o teste do tempo". Ou: "Quando o jogador não vê quem está dando as cartas, é mais sábio sair do jogo". Oland morreu em 1937 e foi substituído, sem a mesma sabedoria, por Sidney Toler e Roland Winters. Charlie Chan sumiu em 1949, por sinal o ano da revolução chinesa de Mao Tsé-Tung.*

**Mr. Moto** - *Outro policial oriental de sucesso no cinema, criado pelo romancista John P. Marquand e, como Charlie Chan, surgido pela primeira vez nas páginas da revista* The Saturday Evening Post. *Mais jovem, ativo e tão esperto quanto seu conterrâneo, Moto ficou famoso porque usava vários disfarces em seus casos e pelo ator que o interpretava, o baixinho e sinistro Peter Lorre, usando no papel óculos com aros grossos, cabelo brilhantinado e dentadura falsa para lhe dar as feições de oriental, por sinal bem caricaturais. No cinema, Mr. Moto durou oito filmes, de 1937 a 1939. Uma tentativa de ressuscitá-lo fracassou em 1965, com o canastrão Henry Silva.*

no lado do público, seja no dos ideólogos da literatura do gênero, tem dogmas rígidos, quase imutáveis, e rompê-los ou contestá-los equivale quase a uma sentença de morte.

Experimente, por exemplo, não falar bem ou com muito entusiasmo de Philip Marlowe, o queridinho de praticamente todos os intelectuais do mundo que se amarram na literatura policial. Experimente criticar Humphrey Bogart, considerado o melhor e mais perfeito intérprete de Marlowe no cinema, no filme *À Beira do Abismo (The Big Sleep)*, de 1946. Até hoje o filme não saiu do Olimpo policial e cinematográfico, a despeito do fato de ser um quase indecifrável emaranhado de crimes, suspeitos e suspeitas, pistas certas e falsas e interminável falação. Parece gozação, mas o próprio autor do livro de Marlowe, Raymond Chandler, disse uma vez que não tinha a menor idéia de quem era o criminoso no filme. Apesar disso, *À Beira do Abismo* é considerado o supra-sumo do *private eye* no cinema. Ainda que, dois anos antes, em 1944, o ator Dick Powell, até então popular como cantor e dançarino, tenha feito um impecável Philip Marlowe em *Até a Vista, Querida (Murder, My Sweet)*, que algum dia, quem sabe, será redescoberto como o melhor e mais fiel de todos os filmes baseados em Raymond Chandler.

Sherlock Holmes e Philip Marlowe talvez sejam as duas pontas e os dois extremos dos detetives da literatura do gênero, tem dogmas rígidos, quase imutáveis, e rompê-los ou contestá-los equivale quase a uma sentença de morte.

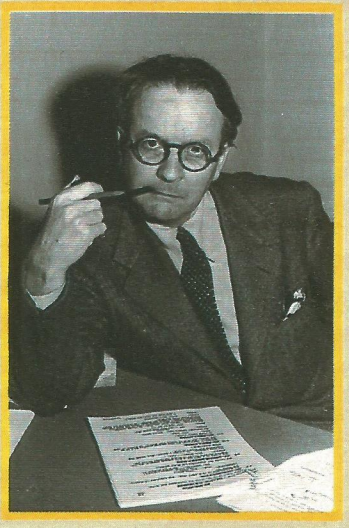
**Inspetor Maigret** - *O equivalente francês e moderno de Sherlock Holmes, Jules Maigret foi inventado pelo belga Georges Simenon e logo se tornou sucesso estrondoso entre os aficionados do romance policial. Até hoje continua vendendo milhões e milhões de exemplares. O êxito literário, porém, nem de longe se equipara ao cinematográfico, no máximo discreto. O primeiro Maigret da tela foi Pierre Renoir, no filme* La Nuit du Carrefour, *em 1932. Ele ficaria em cartaz na tela por 34 anos, vivido por Abel Tarride, Harry Baur, Albert Prejean, Charles Laughton (numa versão americana em 1950), Michel Simon, Maurice Manson e pelo seu mais renomado intérprete, Jean Gabin.*

**Hercule Poirot** - *Saído da mente fértil e deliciosamente criminosa de Agatha Christie, o policial belga, sofisticado, minucioso e dono de um ego imenso tem milhões de admiradores na confraria dos idólatras das histórias policiais. E, dizem, outro tanto de inimigos, que o consideram um grande chato. E você, de que lado está? Embora popular em mais de 40 romances de Agatha Christie, Poirot jamais conseguiu o mesmo êxito no cinema, onde debutou no combate ao crime em 1931, no filme* Alibi, *feito na Inglaterra, com Austin Trevor, que faria ainda mais dois filmes. O comediante Tony Randall foi um caricato Poirot em 1966, seguido da discutível interpretação de Albert Finney, em* Assassinato no Expresso Oriente *(1974), e finalmente a do que parece ser seu intérprete definitivo, Peter Ustinov, que acaba de fazer seu quarto filme como Poirot.*

**Miss Marple** - *Outra saborosa personagem de Agatha Christie, a abelhuda e eficiente matrona inglesa que nas horas vagas se dedica a resolver complicados crimes na sua aparentemente tranqüila cidadezinha inglesa. Mas nunca teve na tela a proeminência que conseguiu nos romances. Os filmes com ela, quase todos ingleses, todos de segunda linha, foram salvos pela intérprete, a ótima velhinha Margaret Rutherford, que deu a Miss Marple (dizem que vagamente inspirada na avó de Agatha Christie) o tempero exato de inocência e malícia. Outras intérpretes: Angela Lansbury, Helen Hayes e a inglesa e abúlica Joan Hickson, no filme de TV* Cem Gramas de Centeio *(lançado pela VTI em vídeo), que pode muito bem, e infelizmente, ser o fim de Miss Marple no cinema.*

**Dick Tracy** - *O primeiro e mais conhecido dos detetives das histórias em quadrinhos. Inventado em 1931 por Chester Gould e seis anos depois herói da tela em quatro fitas em série nos anos 30 e 40 e vários filmes também, sempre vivido pelo ator Ralph Byrd. Dick Tracy ficou famoso por, entre outras, duas frases: "Pequenos crimes levam aos grandes crimes" e o clássico* O crime não compensa.

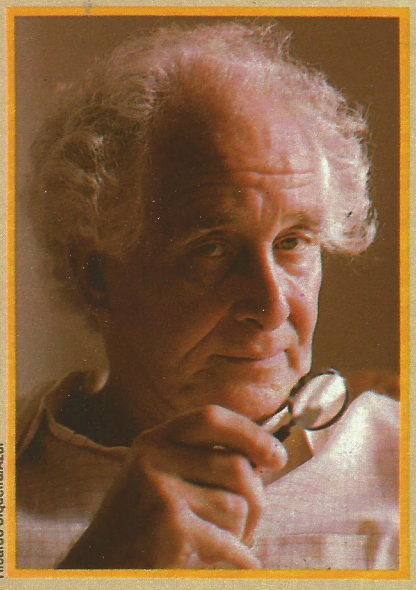
**Sam Spade** - *O* private eye *criado por Dashiell Hammett em 1930 até hoje tem mais fama com os iniciados do que entre o grande público. Nasceu para o cinema em 1931, no filme* Doctor in the House, *vivido por Ricardo Cortez. Mas foi Humphrey Bogart quem lhe deu fama em 1941, no superestimado* Relíquia Macabra, *eterno cult movie de crítica e idólatras. Tão violento com as mulheres como com os criminosos, Sam Spade escapou por pouco de ser interpretado no cinema pelo canastrão George Raft, que recusou o papel, entregue em seguida a Bogart.*



AP

Liaison-Gamma/Sigla

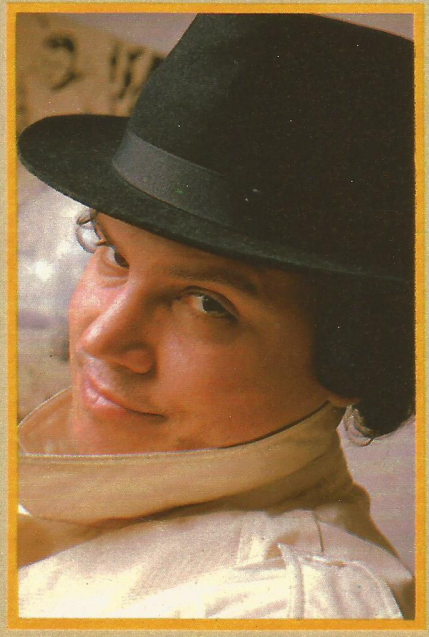
***Ao lado, Raymond Chandler, criador de Marlowe; Dashiell Hammett, pai de Sam Spade e George Simenon que idealizou Maigret***



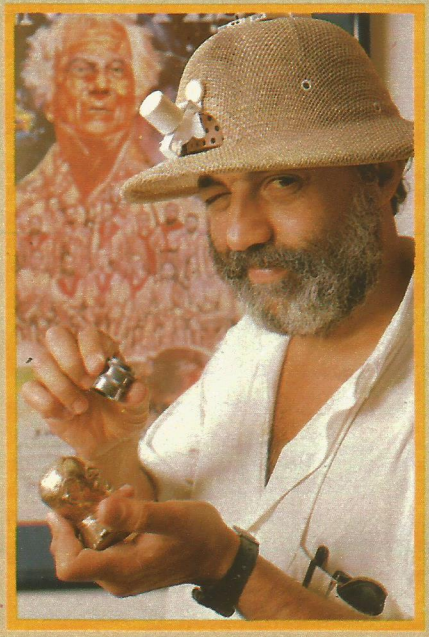
Ricardo Siqueira/Azul

Luiz Dantas/Azul

*No alto, à esquerda, o* **Prisoner of Rio,** *Ronald Biggs e o ator Sérgio Mamberti. À direita o cultuado Humphrey-Spade-Bogart e abaixo, o músico Arrigo Barnabé ao lado do cineasta João Batista de Andrade*



Rui Mendes/Azul



Rui Mendes/Azul

## OS DETETIVES E SEUS FIÉIS ADMIRADORES

**Ronald Biggs,** assaltante do Trem Pagador, lendário fugitivo da Justiça Britânica e protagonista do inédito *Prisoner of Rio* *"Se Sherlock Holmes tivesse investigado a minha fuga eu certamente não estaria aqui no Rio de Janeiro dando esta entrevista. Ele é meu preferi-*

teratura e da tela. O primeiro, uma figura romântica, vitoriana, de soberba mente analítica; o segundo, produto típico da América louca e caótica dos estertores da Depressão; ao contrário de Holmes, o antiherói, pobre, desleixado, desencantado, redimido apenas por sua inabalável integridade. Botar Holmes numa ponta e Marlowe na outra no vasto universo dos policiais pode muito bem ser ingenuidade e, pior ainda, uma provocação, ainda que não intencional, para os fiéis admiradores de pelo menos vinte outros detetives, homens e mulheres, que continuam na ativa ou permanecem apenas na memória ou nas filmografias do gênero. Nem por isso podem ficar em segundo plano, olhando suspeitamente pelos ombros de Holmes ou Marlowe. Para seus admiradores (melhor seria seus idólatras), eles são mais importantes e eficientes que os dois.

Que tal a dupla criada por Agatha Christie, Hercule Poirot e Miss Marple? Ele refinado e discreto, versão moderna de Holmes, e ela uma velhinha comum e enxerida, mas o terror das mentes criminosas menores. Ou o Inspetor Maigret, inventado por Georges Simenon, que, de acordo com os especialistas, foi buscar sua inspiração diretamente em Conan Doyle, com uma sutil diferença: Holmes é dedutivo, Maigret intuitivo. O detetive de Simenon, como os de Conan Doyle e Agatha Christie, é daqueles que vendem milhões e milhões de livros e estão sempre pelas telas, sempre em cartaz e em demanda.

Na linha popular e popularesca (sem nenhum insulto ou menosprezo) convém não esquecer Mike Hammer, versão bastarda de Marlowe, inventado pelo esperto Mickey Spillane, que os puristas consideram a desgraça da profissão de detetive particular, o que não o impediu de enriquecer seu criador. Há também o imortal Dick Tracy, que saiu dos quadrinhos para as telas com a mesma desenvoltura e eficiência e continua a fascinar as novas gerações de admiradores. E que tal Shaft, o primeiro detetive negro de sucesso no cinema, outro produto típico americano, só que dos anos 70 e da América dos guetos, das minorias, das drogas, da prostituição e da corrupção?

E por fim, mas não por último, é bom destacar Sam Spade, outro *private eye* do primeiro time, fruto da mente do intelectual Dashiell Hammett, que deu a seu personagem caráter mais do que discutível, sinuoso, cínico e mercenário, embora seus fiéis seguidores não concordem com essa opinião. Como Marlowe, também Spade foi imortalizado por Humphrey Bogart no cinema, no filme *Relíquia Macabra (The Maltese Falcon)*, considerado por todos um

*do por causa do seu estilo elegante, polido e não violento. Holmes é realmente o mestre do mistério e está perfeito na pele do ator inglês Basil Rathbone, especialmente em* O Cão dos Baskerville, *um dos melhores filmes que já vi. O detetive Philip Marlowe, ao contrário de Holmes, está sempre arrumando encrencas e sempre arrebentado; é um 'tough guy' com o qual tenho pouco em comum. Como humor, gosto muito também do* Beverly Hills Cop *e dos clássicos policiais mais antigos, como* Scarface, *com Paul Muni, e* The Maltese Falcon (Relíquia Macabra)."

Vilões preferidos: *"Kirk Douglas no filme* Detective Story, *de 1951, Robert Rian, Peter Lorre e Sidney Greenstreet em* Relíquia Macabra".

**Arrigo Barnabé,** músico e compositor, ator do *noir Cidade Oculta*

*"Meu preferido é o Sam Spade, um dos melhores detetives deste século, criado por Dashiell Hammett. O que me agrada é que ele não é maniqueísta e tem um jeito meio gângster e meio canalha também. É um ser humano normal, capaz de se relacionar com dois mundos diversos: o da lei e o do crime. E, o que é mais interessante, sem nunca carregar um revólver. Sam Spade é idealista, honesto, mas se for preciso enfrenta qualquer uma passando por cima de tudo para trazer um criminoso à justiça."*

Vilão preferido: *"O Coringa, do Batman. Me identifico com ele. É muito imaginativo e todas as pessoas que mata morrem com um sorriso nos lábios. Confira sua violência no recém-lançado Graphic Novel, da Abril,* A Piada Mortal".

**Sérgio Mamberti,** ator e ex-mordomo/suspeito da extinta novela da Globo *Vale Tudo*

*"O mordomo é o* alter ego *da família e a entidade mitológica de cada um. Sua qualidade essencial é ser lacônico e misterioso, por isso é sempre um prato cheio para histórias de crime e suspense. Só que desta vez não foi ele quem matou Odete Roitman, nem Chico Mendes... Miss Marple é a minha detetive preferida, primeiro pelo charme da atriz inglesa Margaret Rutherford, que é insuperável no papel, e segundo pela esperteza dessa velhinha criada por Agatha Christie, dona de um humor surpreendente, cheio de inteligência e sabor. Prefiro filmes policiais com conotação de humor: Miss Marple era capaz de fazer as melhores geléias enquanto desvendava os crimes mais terríveis, combinando perfeitamente aventura e fantasia."* Vilões preferidos: *"Humphrey Bogart, James Cagney e José Lewgoy, um ator fantástico em todas as produções da Atlântida e especialmente em* Fitzcarraldo, *de W. Herzog".*

**João Batista de Andrade,** cineasta, diretor dos premiados *Doramundo* (1978) e *A Próxima Vítima* (1982), o primeiro *film noir* paulista

*"Tenho muita simpatia por Hercule Poirot, o detetive belga criado por Agatha Christie, mas não sou um aficionado especial do gênero. Poirot é mais ingênuo e meio demodê para os padrões de hoje, no seu cavalheirismo exagerado, no seu respeito pelas mulheres — mas é engraçado, espirituoso e inventivo. Sherlock Holmes é mais elaborado como personagem e seu estilo, próximo da aritmética, é ainda mais brilhante. Com meu próximo filme* Wlado, o Caso Herzog *(co-produção espanhola), volto à temática policial, mas sempre como um elemento inserido dentro do político. A polícia no Brasil é poderosa, mas ao mesmo tempo é impotente, devido à gravidade da questão social, que faz explodir essa violência que invade a nossa vida. Por isso os meus filmes têm sempre esses dois lados: o policial e o político."*

Vilões preferidos: *"Coringa, Risadinha e Pingüim — os três são muito melhores que o próprio Batman".*

clássico do gênero, mas também um filme falastrão e aborrecido.

Mas nada é sagrado, nem mesmo essas figuras mitológicas que combatem os criminosos onde quer que surjam. Elas já foram gozadas, em grupo ou isoladamente, num sem-número de filmes. O melhor talvez seja a sátira do teatrólogo Neil Simon, *Assassinato por Morte (Murder by Death)*, de 1976, na qual um sinistro milionário (vivido pelo escritor Truman Capote) convida à sua mansão, entre outros, Sherlock Holmes, Charlie Chan, Sam Spade, Miss Marple, Nick e Nora Charles, para decifrar um crime tenebroso. Não conseguem, mas as piadas valem o fracasso deles.

Também Peter Falk (o ótimo Columbo, do seriado do mesmo nome na TV, que por sinal está de volta nos EUA) merece ser visto em *Detetive Desastrado (The Cheap Detective)*, em 1978, bem feita gozação com Bogart e *Relíquia Macabra*.

Como homenagem final para provocar a memória e lembranças de emoção e puro prazer, em filmes e livros, impossível deixar de fora luminares na luta contra o crime como Charlie Chan (o maior dos detetives orientais), seu irresistível colega Mr. Moto, Nero Wolfe, O Santo, Nick Carter, Philo Vance, O Falcão, Bulldog Drummond, Ellery Queen, Continental OP, Tony Rome, Arsène Lupin (de Edgar Alan Poe), o futurista Lemmy Caution (celebrizado por Godard em *Alphaville* (1965), o bom e sarcástico Lew *Harper* (Paul Newman, 1966), J.J. Gites (Jack Nicholson em *Chinatown*, 1974) e o recente Harry Angel (Mickey Rourke em *Coração Satânico*, 1987). Impossível esquecer o irrequieto casal de detetives criado também por Dashiell Hammett, Nick e Nora Charles, e seu cãozinho Ata, além do gentil Padre Brown — um detetive-sacerdote que via os infratores como almas à procura de salvação e não como criminosos a serem levados à justiça comum. Padre Brown fez fama nos romances cheios de humor e aventura de Chesterton, no cinema e numa série da TV inglesa, na pele do ator Kenneth More. Outro religioso, William de Baskerville, o monge franciscano que é uma homenagem de Umberto Eco ao mestre Sherlock, foi também celebrizado no filme *O Nome da Rosa*, com Sean Connery.

E, para que você não se esqueça de que o crime não compensa e do quanto pode ser difícil delimitar nos dias de hoje a linha que separa policiais de delinqüentes, nunca é demais lembrar dois dos nomes mais importantes (e sinistros) entre os tiras que o cinema já mostrou. Um, de verdade, o americano J. Edgar Hoover, o todo-poderoso diretor do FBI (citado recentemente no último filme de Alan Parker, *Mississipi em Chamas*) que fez da profissão de caçar gente uma assustadora tradição. O outro, figura de ficção, o inspetor Javert, de Victor Hugo, o mais implacável, atormentado e doentio de todos os homens da lei.

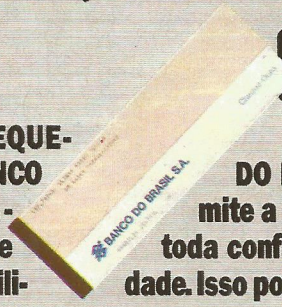
*Fernando Morgado*

Columbia

LFI

***Acima à esquerda, o filme que reúne a maior parte dos detetives das telas,* Assassinato por Morte *(1976), ao lado da mais recente produção com Sherlock (Michael Caine) e Dr. Watson (Ben Kingsley),* Without a Clue**

# O fim da crise de identidade.




O CHEQUE-OURO do BANCO DO BRASIL transmite a quem o recebe toda confiança e credibilidade. Isso porque só quem realmente se destaca possui o Cheque-Ouro.

Mas, e você, que é filho dessa pessoa? Você também é muito especial, merece a mesma confiança e o mesmo tratamento. Mas não é isso o que acontece. Aqueles olhares desconfiados, ter que mostrar a carteira de identidade, esperar um telefonema sempre que paga com cheque, tudo isso é muito chato.

O BANCO DO BRASIL tem uma novidade para você que ainda não tem Cheque-Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA. Basta seu pai indicar você para o gerente, e pronto. Seu cheque vai ser aceito na mesma hora, e você vai poder sacar dinheiro a qualquer hora do dia ou da noite através do Caixa-Ouro. Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.

BANCO DO BRASIL

# A HONRA DO PODERO PARKER

Liaison-Gamma/Sigla

**A POLÊMICA EM TORNO DE *MISSISSIPI EM CHAMAS*, DE ALAN PARKER TEM PROVOCADO CRÍTICAS E ACUSAÇÕES. DE UM LADO, O NADA HERÓICO FBI, DE OUTRO AS RAZÕES DA CAUSA NEGRA. NO MEIO DE TUDO, A DEFESA DE UM CINEASTA QUE APRESENTA A SUA PRÓPRIA VERSÃO DOS FATOS**

Poucas vezes um filme provocou tanta polêmica a ponto de gerar ampla discussão numa matéria de capa na revista *Time*. A última vez que isso aconteceu foi quando *Atração Fatal* tornou-se peça de resistência de todo e qualquer bate-papo na esquina. Mas a controvérsia em torno de *Mississippi Burning*, o novo filme do diretor inglês Alan Parker, é bem mais séria e ultrapassa a trivialidade de um explosivo *affair* extraconjugal, pois remexe nas feridas profundas e malcicatrizadas causadas pelo racismo dentro da história contemporânea norte-americana. O que está sendo considerado mais grave, no entanto, é a maneira como Parker criou ficção a partir da interpretação de um fato histórico — o assassinato de três ativistas do movimento em prol dos direitos civis nos Estados Unidos pela Ku Klux Klan, quase na fronteira da cidade de Filadélia, no Mississippi. A partir daí, Parker narra o empenho de dois agentes do FBI em elucidar o caso para o Departamento de Justiça — na época chefiado por Robert Kennedy. Os dois agentes — vividos por Gene Hackman e Willem Dafoe — têm métodos diferentes de investigação e motivações igualmente díspares. O de Hackman — o ex-xerife Anderson — é mais burocrático e frio. Mas ambos partem contra a KKK e o preconceito racial com igual disposição.

Mas a licença poética de que Parker se utiliza ao misturar fato histórico e ficção causou a ira de muitos aqui. Se a crítica do jornal *The Los Angeles Times* elogiou o respeito de Parker para com um período quase sagrado, não faltaram reclamações inflamadas por distorções da história. O jornalista David Halberstam, que em 1964 — época em que se passa *Mississippi Burning* — cobria o movimento pelos direitos civis para o *The New York Times*, afirmou que Parker traiu a história com um filme falso. Jack E. White, da revista *Time*, afirma que a versão de Parker é falsa e não passa de "um linchamento da verdade".

Basicamente a crítica censurou o fato de Parker ter transformado em heróico um departamento sabidamente contrário ao movimento negro pelas igualdades civis.

Fotos FOX

O FBI é chefiado por J. Edgar Hoover — um homem público que já admitiu em suas lides apenas cinco colaboradores negros: dois office-boys e três motoristas. O filme dá a entender que foi o FBI que desencadeou toda essa luta pela causa negra, quando, na verdade, o bureau de investigações espionava Martin Luther King com o objetivo de encontrar episódios que desacreditassem o líder perante o país. Em *Mississippi Burning* os personagens negros são meras vítimas das circunstâncias, meros espectadores, enquanto o FBI — o mocinho, por assim dizer — se encarrega de fazer com que a justiça prevaleça.

Alan Parker não se fez de rogado na entrevista exclusiva que deu à SET numa suíte ampla do Hotel The Four Seasons, em Beverly Hills. Naquela tarde chuvosa de dezembro ele defendeu-se das críticas, uma por uma, com a fleuma de um inglês acostumado às engrenagens que movem o poder em Hollywood e Washington.

**SET:** *Você reclamou, numa entrevista publicada pela revista* American Film, *que as pessoas gostam de amontoar você, Hudson, Ridley, Tony Scott e Adrian Lyne num mesmo compartimentozinho. Aqui está uma oportunidade para pôr em pratos limpos as semelhanças e diferenças que existem entre cada um de vocês.*

**ALAN PARKER:** Se você prestar atenção em nosso trabalho, verá que, obviamente, é bastante diverso. Temos diferentes perspectivas em relação a nossos objetivos e em relação ao que queremos dizer. Somos classificados juntos, lado a lado, porque somos ingleses e porque fomos lançados basicamente na mesma época. Além disso, todos nós viemos (do mercado) de comerciais... Se você prestar atenção neles verá que são diferentes entre si. Talvez exista menos diferença entre Ridley e, digamos, Adrian do que entre eu e Ridley. De qualquer forma, odeio ser compartimentalizado, porque somos todos seres individuais. Mas as pessoas gostam de fazer isso e acaba se tornando irritante. Atualmente existem cerca de 13 diretores ingleses trabalhando em Hollywood, sabia? E a única semelhança que existe entre todos é o fato de serem ingleses.

**SET:** *Sua experiência com comerciais ajudou de alguma forma seu trabalho em cinema?*

**ALAN PARKER:** Até que não. Está aí outro elemento de confusão. Não faço comerciais há oito, dez anos, e começamos a fazê-los numa época em que a indústria cinematográfica inglesa passava por um período de recessão. Portanto, a única maneira de se iniciar uma carreira em cinema, naquele tempo, era fazendo comerciais. Nós usávamos os comerciais para alcançar outras coisas, mas aprendemos muito pouco com eles. Nada além de "que lente usar para esse ou aquele tipo de tomada".

**SET:** *Aparentemente, a violência é um tema recorrente nos seus filmes. Por quê?*

**ALAN PARKER** *(depois de uma pausa):* Não é algo que eu coloque lá conscientemente. Tento contar uma história (em cada filme) e, se existe violência, vou tentar traduzi-la da forma mais eficiente possível. Geralmente (a violência) sobressai, mas não é necessariamente algo em que

***Em* Mississipi em Chamas, *o personagem de* Willem Dafoe *é um 'Kennedy Boy' com sensibilidade política***

eu esteja especialmente interessado. *(Suspira.)* Talvez seja algo que exista dentro de mim sem que eu saiba. Recentemente revi *The Wall*, depois de muito tempo, e a minha reação... Meu Deus, eu fiz isso? *(Risos.)* É um filme bastante raivoso. Talvez parte de mim seja assim. Meu próximo filme não terá violência alguma. Estou determinado *(risos)*.

**SET:** *Você está falando do musical* Les Miserables?

**ALAN PARKER:** Não, antes de *Les Miserables* vou fazer um pequeno filme, suave.

**SET:** *Que pequeno filme é esse? E qual o processo que você usa para escolher que filmes fará ou não?*

**ALAN PARKER:** Fiz oito filmes e tentei ser diferente em cada um deles. Aceitei realizar *Les Miserables* há um ano, antes de ter começado a fazer *Mississippi Burning*... Gosto de fazer coisas com música, gosto de usar imagens e música para contar uma história, acho interessante. Foi isso que tentei fazer com *The Wall*... Cada filme vem de uma raiz diferente: *The Wall* era um disco, *Birdy* era um livro, *Mississippi Burning* era uma sinopse curta que foi transformada no filme que você viu. O filme seguinte será todo escrito por mim: em vez de reescrever coisas que chegam até mim *(risos)*. É difícil ser um cara como Woody Allen, que vive fazendo filmes sobre os nova-iorquinos, sabe? Os franceses dizem que um diretor de cinema deve realizar 20 versões diferentes do mesmo filme durante a carreira dele. E era justamente isso que eu não queria fazer, embora as pessoas vejam pontos comuns que não coloquei lá, conscientemente. Olha, eu fiz oito filmes durante minha carreira. Deve haver mais do que oito assuntos para se fazer filmes, concorda? *(Gargalhadas.)*

**SET:** *De qualquer maneira, parece haver uma continuidade temática costurando seus filmes: todos parecem falar de alguém aprisionado numa determinada situação.*

**ALAN PARKER:** Conscientemente eu não busco qualquer continuidade temática. Os críticos de cinema é que desejam isso de um diretor. Não tenho essa de "bom, esse assunto se encaixa bem na minha temática". Não existe isso para mim. Os franceses é que inventaram isso. Aliás, eles parecem ter entendido tudo errado, na vida em geral. Pois bem, então alguém disse que todos os meus filmes falam de alguém aprisionado numa situação, seja a prisão de *O Expresso da Meia-Noite*, seja a parede de *The Wall*, seja o ambiente em que vivem os garotos de *Birdy*, seja a família em *Shoot the Moon*. Eu não consigo concordar com essa pessoa. Tampouco posso discordar. Por outro lado, essa teoria não cabe em *Mississippi Burning* nem em *Les Miserables*.

**SET:** *Por que filmar, em 1988, uma história sobre racismo?*

**ALAN PARKER:** O racismo é um dos problemas mais importantes, não só hoje e não apenas nos Estados Unidos e decerto nem em meu próprio país, a Inglaterra. Embora a história se passe em 1964, espero que a juventude, que não sabe o que aconteceu no passado, não veja esse filme como uma aula de história. Quero que pensem no racismo que existe em toda parte. Ironicamente, não mais no sul dos Estados Unidos, mas em Los Angeles, em Chicago, em Boston, em toda parte.

**SET:** *Não houve mudança substancial entre 64 e hoje em dia?*

**ALAN PARKER:** Não existe mais segregação legalizada. Mas não houve integração. Vejo um desenvolvimento separado entre as raças. Alguém chamou isso, certa vez, de Apartheid Urbano.

**SET:** *Como inglês você não se sentiu desconfortável ao lidar com um assunto tão americano quanto este de* Mississippi Burning?

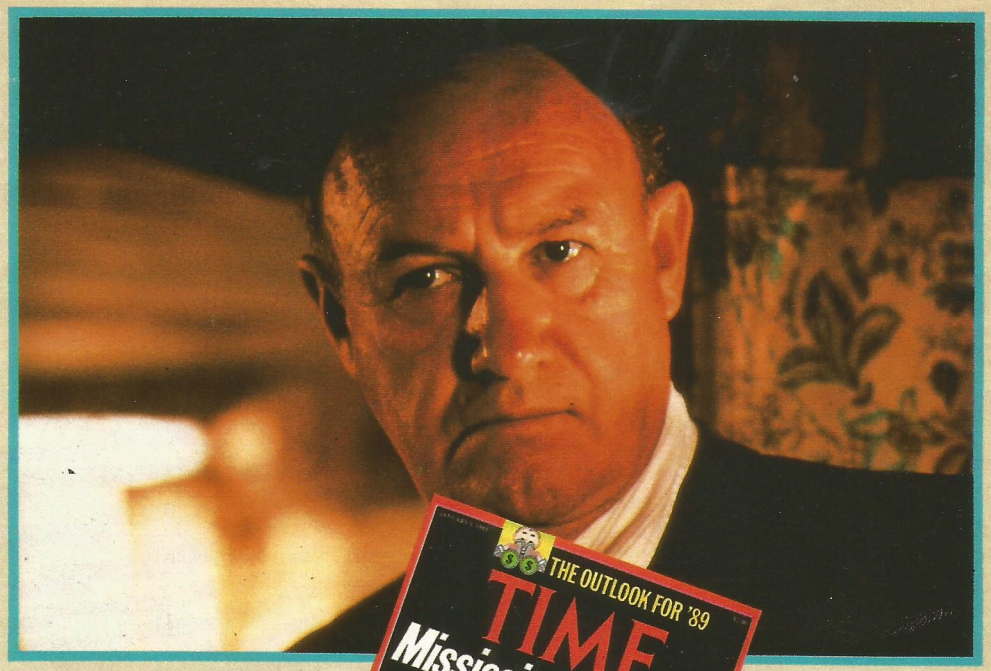
**ALAN PARKER:** Não. Há 20 anos venho aos Estados Unidos e realizei oito filmes, dos quais a maioria lidava com assuntos americanos. E os Estados Unidos foram construídos por estrangeiros, portanto nunca me senti um estranho aqui. Acho que é o único país do mundo onde você não precisa se preocupar com o fato de ser estrangeiro. Além disso, desde os primórdios de Hollywood, diversos diretores ingleses vieram para cá. Não é algo incomum. Para ser honesto com você, se em vez de ter sido criado em Londres, digamos que eu tivesse sido criado em Seattle, ou algum lugar assim, eu ainda lidaria com esse tema da mesma maneira. Eu precisaria ter aprendido sobre aquele assunto, precisaria ter absorvido tudo. Eu li tudo, vi todas as fotografias em que consegui pôr as mãos, assisti a todos os documentários. Talvez você veja essas coisas com maior clareza (não sendo americano) por não ter

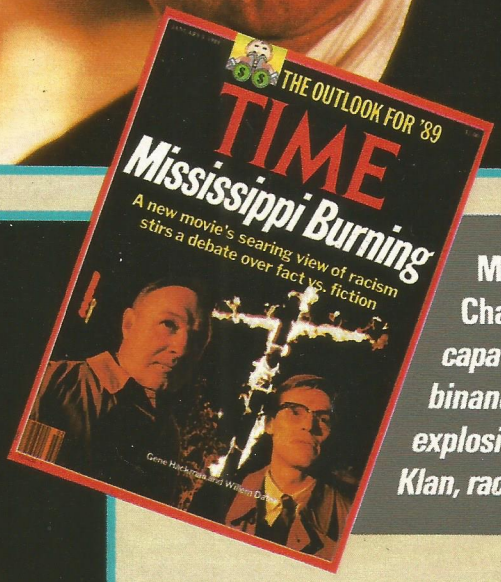
***O verão de 1964 marca um período de horror no movimento pelos direitos civis nos EUA, retratado com brilho pelo agente do FBI, vivido por Hackman (abaixo, junto ao delegado / Brad Dourif)***

preconceitos e por não temer mostrar as coisas que aprendeu.

**SET:** *Apesar disso, o filme foi criticado por não representar acuradamente o movimento dos direitos civis dos anos 60. Como você reage a isso?*

**ALAN PARKER:** O filme é bastante fiel ao tempo e ao lugar. Acho que a maioria das pessoas concorda com isso. A crítica talvez se origine no fato de que esse é o primeiro filme a respeito do movimento dos direitos civis, e porque é raro, nos dias de hoje, fazer um filme que fale alguma coisa de natureza política. Muitas expectativas estão sendo depositadas nas costas de um só filme. E filmes sérios causam comentários sérios. Eu preciso aceitar isso. Eu nunca conseguiria fazer um filme definitivo sobre o movimento dos direitos civis em um só filme. O mais importante, para mim, era ter certeza de que a integridade (da história e das idéias por detrás do filme) continuava intacta. Talvez *Mississippi Burning* inspire outros filmes onde se possa contar outras histórias — eu fui capaz de contar apenas uma delas. Dou como exemplo os filmes sobre o Vietnã: *Platoon*. Não é um filme definitivo. *Apocalypse Now* não é um filme definitivo. Decerto *Deer Hunter* não era definitivo. Mas todos eles abordaram o assunto a partir de um ponto de vista diferente.






**Mississipi em Chamas *ganhou capa da* Time combinando *elementos explosivos: Ku Klux Klan, racismo e política***

**SET:** *O ponto básico dessas críticas era que os negros ativos no movimento dos direitos civis estavam ausentes de* Mississippi Burning. *O filme, assim, daria uma idéia errônea de que teria sido o FBI o grande responsável pelo fim do racismo no sul dos Estados Unidos.*

**ALAN PARKER:** Esse era um aspecto no caso que pretendemos apresentar — dois garotos brancos foram mortos juntos com um garoto negro, a verdade é essa. Daí isso se tornou um problema não apenas do sul dos Estados Unidos, mas de todo o país. Ironicamente — por bem ou por mal —, a morte de dois garotos brancos fez com que os judeus liberais de Nova York percebessem de repente que aquele problema era deles também.

**SET:** *É o mesmo que ocorreu com a Aids. Enquanto era uma questão circunscrita aos homossexuais e aos usuários de drogas injetáveis, ninguém queria saber do assunto. Quando se aventou a possibilidade dos heterossexuais também serem afetados...*

**ALAN PARKER:** Exatamente. Muito boa essa analogia. A luta (pelos direitos civis) era dos negros, lógico que era. Mas, além disso, eu estou trabalhando dentro das restrições do sistema capitalista. Um sistemão superduro, como o da indústria de filmes de Hollywood, que não permite que seja feito qualquer tipo de filme que tenha um ponto de vista político.

**SET:** *No texto que você mesmo escreveu a respeito da filmagem de* Mississippi Burning, *você diz que se tivesse colocado dois heróis negros no filme — em vez de dois heróis brancos — talvez*

Mississippi Burning *jamais tivesse sido feito.*

**ALAN PARKER:** É verdade. Mas isso não quer dizer que ao usar o recurso de dois *movie stars* brancos — Gene Hackman e Willem Dafoe — eu tenha deixado de falar grande coisa a respeito do problema do racismo e da luta dos negros. E se o filme provoca uma reação — se ele chega às pessoas —, então eu fui mais fiel ao movimento dos direitos civis do que se tivesse rodado um documentário para a TV Educativa que ninguém vai assistir.

**SET:** *Qual a razão de fazer um filme sobre racismo hoje em dia nos Estados Unidos?*

**ALAN PARKER:** Acho que seria muito benéfico se alguém realizasse um filme sobre racismo hoje. Mas, por alguma razão, existe um sentimento generalizado nesse país de que é preciso criar uma distância em relação ao problema para que ele seja aceito. Isso se mostrou verdadeiro com os filmes sobre o Vietnã. Ninguém queria tocar no assunto, até que veio *Platoon*... E o tempo pareceu suficiente para que eles aceitassem o que havia acontecido. Talvez isso também se aplique ao movimento dos direitos civis. E também existe o sistema daqui. Há todo um público que não foi educado para aceitar filmes sérios, ou educado para aceitar o mundo que o rodeia, porque as pessoas de cinema não estão fazendo esse tipo de filme.

**SET:** *Não deixou de causar estranheza ver dois agentes do FBI apresentados como heróis, quando se sabe que de heróis eles não tinham coisa alguma, especialmente na época de J. Edgar Hoover, que costumava caçar comunistas.*

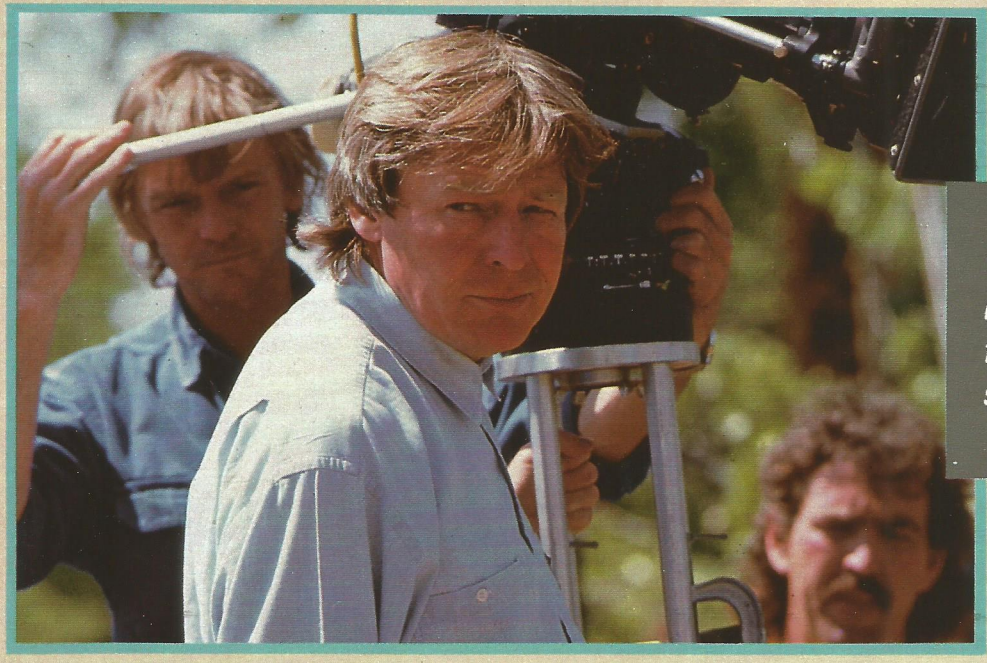
**ALAN PARKER:** É verdade, e eu aceito isso; a narrativa da história está toda nas costas de dois homens brancos, eu concordo com isso. Mas o que acontece é que Robert Kennedy e Lyndon Johnson estavam fazendo a maior pressão sobre Hoover, por causa desse caso, e ele queria se sair bem dessa. Era muito vaidoso, adorava aparecer e queria provar que ele não era o fanático direitista que todo mundo sabia que era. Daí ele realmente ter ordenado que o caso fosse resolvido, não importando o que fosse necessário, porque o FBI precisava se sair dessa... Agora me faltam as palavras, mas você sabe do que estou falando. Em outras palavras, ele pode ter agido por razões erradas, mas ele foi pressionado por Robert Kennedy e pelo Departamento de Justiça, que eu tentei personificar no filme através do personagem de Willem Dafoe — um Kennedy Boy que tinha uma sensibilidade política.

**SET:** *Por que você escolheu Hackman e Dafoe para os papéis principais?*

**ALAN PARKER:** Gene foi praticamente a primeira pessoa que escolhemos para o filme. Depois dele veio Willem. Aliás, a lista de prováveis para aqueles papéis era curta. Sempre gostei de Dafoe, ele fez bastante teatro experimental em Nova York. Isso significa duas coisas: primeiro, tecnicamente ele é excelente. Segundo, ele é uma pessoa maravilhosa, porque fez teatro durante tanto tempo sem ganhar um tostão. E Gene... ele é o tipo de ator com quem artistas mais velhos gostariam de trabalhar.

**SET:** *Você já disse que achava Gene o melhor ator de cinema vivo.*

**ALAN PARKER:** Acho que ele é. Já trabalhei com excelentes atores: De Niro, Mickey Rourke, Albert Finney... É mais fácil trabalhar com Hackman. Ele chega rápido ao coração da cena, com um mínimo de diálogo. Ele tem um cérebro de diretor, que o faz a coreografar os movimentos de uma maneira que ajuda muito o próprio diretor. Ele sempre é capaz de ser verdadeiro com um mínimo de esforço. Com ele você jamais vê o ator trabalhando; ele sempre é verdadeiro, você nunca vê os mecanismos.



***O diretor acha benéfico fazer um filme sobre racismo nos dias de hoje***

> ***"É preciso lutar por um tipo de cinema que seja de confronto, desafiador, que não seja facilmente esquecível"***

**SET:** *Numa entrevista você disse que sua função não é fazer com que as pessoas se sintam confortáveis num cinema...*

**ALAN PARKER:** O que eu quis dizer é que precisa haver espaço para filmes que não sejam *Roger Rabbit*, é preciso lutar por um tipo de cinema que seja de confronto, desafiador. Mas isso não é fácil de se conseguir, com tantas emoções computadorizadas criadas por alguns dos filmes feitos hoje em dia. Não que eu queira que todo mundo se contorça nas poltronas, estou apenas argumentando a favor de um cinema que seja talvez mais inteligente, que não seja algo tão facilmente esquecível quanto a pipoca que você come enquanto assiste a um filme.

*por José Emilio Rondeau, de Los Angeles*

# A Mesma Qualidade da JVC Você Encontra nas Autorizadas Tecnovideo

## REDE AUTORIZADA TECNOVIDEO. PARA ATENDER SEU JVC EM TODO O PAÍS.

Somente os postos relacionados estão autorizados e orientados pela TECNOVIDEO para prestar serviços de assistência técnica, manutenção e venda de peças originais JVC. Caso seu equipamento apresente defeito, procure a oficina mais próxima ou ligue (011) 815-9144 - Central de Atendimento Técnico JVC. Para casos de garantia, consulte o Certificado de Garantia Tecnovideo/JVC.

**ALAGOAS**
**MACEIÓ**
KIM'S ELECTRONICS LTDA. R. Barão de Atalaia, 569 - 57025 fone: (082) 221-7509

**AMAZONAS**
**MANAUS**
TECNOVIDEO DA AMAZÔNIA LTDA. R. Guilherme Moreira, 297 - 69000 fone: (092) 232-5824
GETÚLIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) R. Mundurucus, 114 Centro 69000 fone: (092) 233-2633

**BAHIA**
**SALVADOR**
VIDEO HOBBY-SERVIÇOS ELETRÔNICOS LTDA. Av. Manoel Dias da Silva, 1721 Pituba 41830 fone: (071) 240-6511

**CEARÁ**
**FORTALEZA**
ELETRÔNICA UIB LTDA. R. Solom Pinheiro, 773 - 60050 fone: (085) 231-0722

**DISTRITO FEDERAL**
**BRASÍLIA**
VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA. SCRN 704/5 Bloco H Sala 9 - 70730 fone: (061) 274-9085

**GOIÁS**
**GOIÂNIA**
RADIBRA TEC. RÁDIO TELEVISÃO LTDA. Av. Independência, 5844 - 74320 fone: (062) 224-4033

**MARANHÃO**
**SÃO LUIS**
VIDEO ELETRÔNICA LTDA. Av. Colares Moreira, 1098 São Francisco 65010 fone: (098) 227-2151

**MATO GROSSO**
**CUIABÁ**
VIDEOTEC COM. REPRESENTAÇÕES LTDA. Av. Tenente Coronel Duarte, 101 - 78040 fone: (065) 322-8711

**MINAS GERAIS**
**ARAXÁ**
ELETRÔNICA CENTER SON LTDA. Av. Imbiara, 188/C - 38180 fone: (034) 661-1132
**BELO HORIZONTE**
VIDEO SYSTEMS LTDA. R. da Bahia, 2100 Bairro de Lourdes 30160 fone: (031) 335-3222
**ITAJUBÁ**
ANGSTRON IND. COM. E REPRES. LTDA. R. Eugênio Sales, 85 - 37500 fone: (035) 622-1642
**UBERLÂNDIA**
CENTER SON LTDA. Av. Dr. Afrânio Rodrigues da Cunha, 141 - 38400 fone: (034) 236-9953
**UBERABA**
ELETRÔNICA GRM LTDA. (CENTER SON) R. São Benedito, 110 - 38100 fone: (034) 336-3430
**VARGINHA**
BORGES & LAGO LTDA. Praça Getúlio Vargas, 123 - 37100 fone: (035) 221-3944

**PARÁ**
**BELÉM**
TOMIOKA & CIA. LTDA. Av. José Bonifácio, 1012 Loja C - 66000 fone: (091) 229-3330

**PARAÍBA**
**JOÃO PESSOA**
ELETRÔNICA TECHNISON LTDA. Av. Cruz das Armas, 934 - 58060 fone: (083) 221-0105

**PARANÁ**
**CURITIBA**
ELETRÔNICA OSAKA LTDA. R. Marechal Floriano Peixoto, 723 - 80010 fone: (041) 232-3993
**LONDRINA**
AVC - PRODUÇÕES E COMÉRCIO DE VIDEO LTDA. Av. Higienópolis, 637 Loja 3 - 86020 fone: (0432) 24-1871
**MARINGÁ**
M. J. INFORMÁTICA LTDA. R. Neo Alves Martins, 2789 S/3 Térreo 87013 fone: (0442) 22-7656

**PERNAMBUCO**
**RECIFE**
UNIVIDEO ELETRÔNICA LTDA. Av. Domingos Ferreira, 854 Loja 9 - 51011 fone: (081) 326-4843

**PIAUÍ**
**TERESINA**
VIDEO TÉCNICA LTDA. R. Rui Barbosa, 960-N Loja A - 64000 fone: (086) 222-6637

**RIO GRANDE DO NORTE**
**NATAL**
HERTZ ELETRÔNICA LTDA. R. Santo Antônio, 675 - 59035 fone: (084) 222-2427

**RIO GRANDE DO SUL**
**NOVO HAMBURGO**
SINVAL LOPE DOS SANTOS R. Bento Gonçalves, 2341 - 93510 fone: (0512) 95-4912
**PORTO ALEGRE**
ASSISTEL ASSIST. TEC. & COM. LTDA. Av. Alberto Bins, 830 - 90030 fone: (0512) 26-4977
**SANTA MARIA**
ELETR. RIZZI IND. E COM. LTDA. Av. Medianeira, 2185 - 97100 fone: (055) 221-5054

**RIO DE JANEIRO**
**NITERÓI**
SYLVEMPER TELE RÁDIO LTDA. R. Saldanha Marinho, 3 Loja B - 24030 fone: (021) 722-0736
**RIO DE JANEIRO**
THACY ELETRÔNICA LTDA. R. Conde Bernadote, 26 LOJA F - 24430 fone: (021) 259-5946
PERFORMANCE BROADCAST VIDEO LTDA. R. Conde de Bonfim, 615 Loja 203 - 20520 fone: (021) 278-4848
NATI SERVICE COM. DE APARELHOS ELÉTRICOS LTDA. R. Carolina Machado, 160 Loja A - 21351 fone: (021) 390-2397
VIDEOMARTE ASSIST. TEC. LTDA. Av. Mal. Henrique Lott, 120 Loja 103 - 22600 fone: (021) 325-1481
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETR. LTDA. R. General Polidoro, 177 Loja D - 22280 fone: (021) 295-3849

**SANTA CATARINA**
**FLORIANÓPOLIS**
ELETRÔNICA AURO LTDA. R: Fúlvio Aducci, 612 - 88000 fone: (0482) 44-0757

**SÃO PAULO**
**SÃO PAULO**
TECNOVIDEO ENG. E PROJETOS LTDA. R. Potiguar de Medeiros, 67 - 05422 fone: (011) 815-9144
STEREOPLAN STÚDIO DE SOM LTDA. (TECNOVIDEO)
Av. Pedroso de Morais, 1225 - 05419 fone: (011) 814-8555
ELETRÔNICA PALM LTDA. (TECNOVIDEO) R. do Sumidouro, 305 - 04528 fone: (011) 813-6300
**ARAÇATUBA**
E. C. VIGNOTO E CIA. LTDA. Av. Luiz Pereira Barreto, 799-A - 16100 fone: (0186) 22-2507
**ARARAQUARA**
GALEITEZI E CIA. LTDA. - ME. Av. Espanha, 508 - 14800 fone: (0162) 36-3537
**BAURU**
ELETRÔNICA ASAMI LTDA. R. Monsenhor Claro, 2-37 - 17100 fone: (0142) 23-9551
**BIRIGUI**
E. C. VIGNOTO E CIA. LTDA. R. Saudades, 454 - 16200 fone: (0186) 42-4011
**CAMPINAS**
TECNICENTRO IND. E COM. LTDA. R. Dr. Quirino, 1674 - 13015 fone: (0192) 31-2177
**LIMEIRA**
ELETRÔNICA SERV-TEL LTDA. Av. Piracicaba, 83 - 13480 fone: (0194) 41-3179/41-6496
**RIBEIRÃO PRETO**
PAULEDSON COML. LTDA. R. Ceará, 812 - 14100 fone: (016) 634-9655
ANTÔNIO JOSÉ ANDRADE R. Campos Salles, 168 - 14015 fone: (016) 625-9446
**SANTO ANDRÉ**
ELETRÔNICA GILDA Av. Higienópolis, 298 - 09735 fone: (011) 440-1309
**SANTOS**
ELETRÔNICA MHR PÇS E SERVIÇOS LTDA. Av. Washington Luiz, 173 - 11015 fone: (0132) 34-5973
**SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**
SERVICE NEW COML. ELETRÔNICA LTDA. Av. Francisco José Longo, 540 - 12245 fone: (0123) 22-0100
**TUPÃ**
NAKATAMI E OTSUBO LTDA. R. Iporans, 806 - 17600 fone: (0144) 42-2553

**ASSITÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA**

TECNOVIDEO

**CENTRAL DE ATENDIMENTO**

R. Potiguar de Medeiros, 67 - Pinheiros - SP
Fone: (011) 815-9144

JVC

# SOB O DOMÍNIO DO MESTRE

**EXÍMIO CONTADOR DE HISTÓRIAS, HITCHCOCK ELEVOU O SUSPENSE À SUA FORMA MÁXIMA, ALIANDO A TÉCNICA CINEMATOGRÁFICA ÀS MAIS OBSCURAS EXPRESSÕES DO MEDO: "ME INTERESSO MENOS PELAS HISTÓRIAS DO QUE PELO MODO DE CONTÁ-LAS"...**

Sipa Press

Para Alfred Hitchcock (1899-1980), no princípio era o medo. Um medo de muitas caras.

Antes de tudo, medo da rejeição: garoto de família católica numa Londres predominantemente protestante, ele era, além disso, feio, gordo e desajeitado. Não por acaso, os protagonistas de seus filmes sentem-se freqüentemente "fora do lugar", em penoso desacerto com o mundo circundante, como a recém-casada Joan Fontaine, em *Rebecca* (1940), trombando nos móveis e assustando-se com os criados da sua nova mansão. Ou como o dr. MacKenna (James Stewart), passando apuros para encaixar as pernas sob a mesa de um restaurante marroquino, em *O Homem que Sabia Demais* (1956).

Medo também da punição: aos 4 ou 5 anos cometeu uma travessura, e o pai mandou-o à delegacia, com um bilhete endereçado ao delegado. Depois de lê-lo o policial prendeu o pequeno Alfred numa cela por alguns minutos, dizendo: "Veja o que acontece aos meninos maus". Drama parecido — mas em proporções adultas e trágicas — seria vivido pelo azarado Henry Fonda em *O Homem Errado* (1957) e por inúmeros heróis hitchcockianos punidos por crimes que não cometeram.

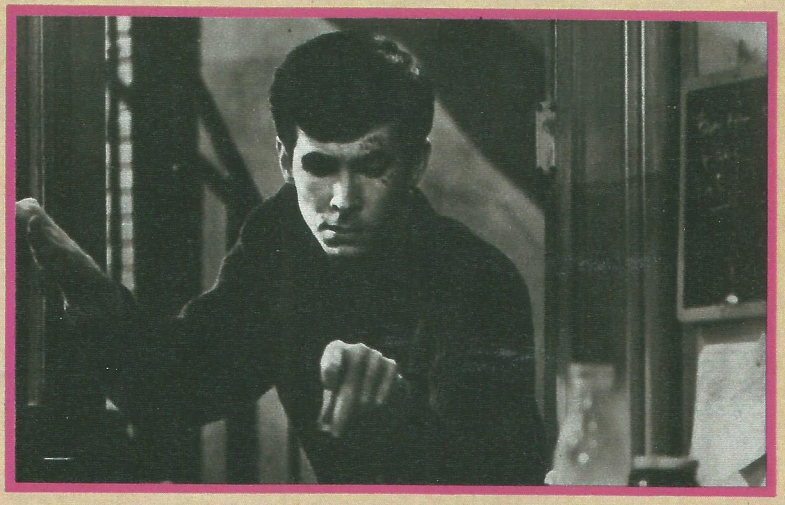
Medo ancestral e sombrio do pecado e da culpa: além dos pais católicos, cuidaram de sua educação os padres da obscurantista escola jesuítica. Um remorso invencível atormenta personagens como o padre Logan (Montgomery Clift) que, em *A Tortura do Silêncio* (1953), carrega o segredo de um crime que lhe foi confessado, ou o ex-policial Scottie Ferguson (James Stewart), que se sente culpado por não ter evitado a morte de pessoas despencadas das alturas diante de seus olhos (*Um Corpo que Cai*, 1958).

Medo, por fim, do sexo e das mulheres: só aos 27 anos ficou sabendo o que era menstruação, casou-se virgem e teve uma única mulher, Alma Reville, e uma filha, Patricia. Sua obra está povoada de mulheres frívolas, mães castradoras (como as de *Psicose*, 1960, e *Os Pássaros*, 1963) e governantas cruéis (vide as de *Rebecca* e *Sob o Signo de Capricórnio*, 1949). Ainda mais significativamente, tanto o primeiro (*The Lodger*, 1926) como o último (*Frenesi*, 1972) de seus filmes importantes são centrados em assassinos de mulheres. Isso para não falar de Norman Bates (Anthony Perkins), cuja psicose o leva a fazer picadinho de moças mais ou menos inocentes.

Mas dizer que a obra de Hitchcock simplesmente "reflete" o aprendizado do medo pelo qual ele passou é dizer pouco. Na verdade, esse homem controvertido e inseguro, que viveu sempre sob o domínio do medo, resolveu inverter a equação e dominar, ele próprio, o medo dos outros. Desenvolveu para isso uma linguagem, uma sintaxe e um estilo. E, para si mesmo, como uma couraça contra a timidez, criou a *persona* inconfundível de sua esférica silhueta atravessando a tela de surpresa, em aparições fugazes, que são muitas coisas ao mesmo tempo — assinatura, talismã, piada e golpe publicitário.

Se o medo é o princípio e o fim, o suspense é o meio. Gênero cinematográfico por excelência — pois pressupõe uma manipulação do tempo e do olhar —, o suspense é a dilatação de um presente instável e pleno de ameaças, é a suspensão do tempo em torno de um momento em que a vida é intensa, já que tudo pode acontecer, inclusive — e sobretudo — a morte.

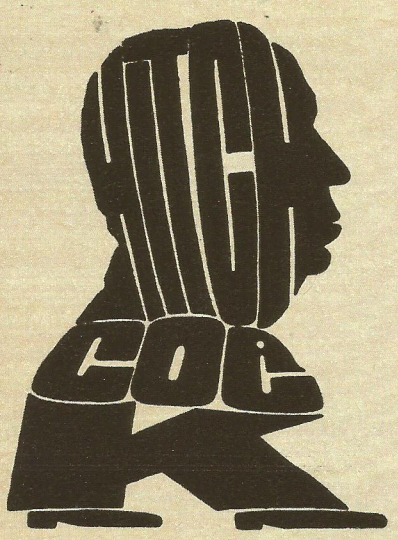
"O drama é a vida sem as partes chatas", definiu brilhantemente o cineasta. E o drama hitchcockiano é o exemplo mais acabado de concentração no que é capaz de envolver e emocionar o público. No suspense de Hitchcock não existe lugar para a surpresa gratuita ("Não há terror nenhum numa explosão, mas apenas na expectativa dela") nem para o farisaico exercício de descobrir "quem cometeu o crime", a investigação *à la* Agatha Christie, gênero que

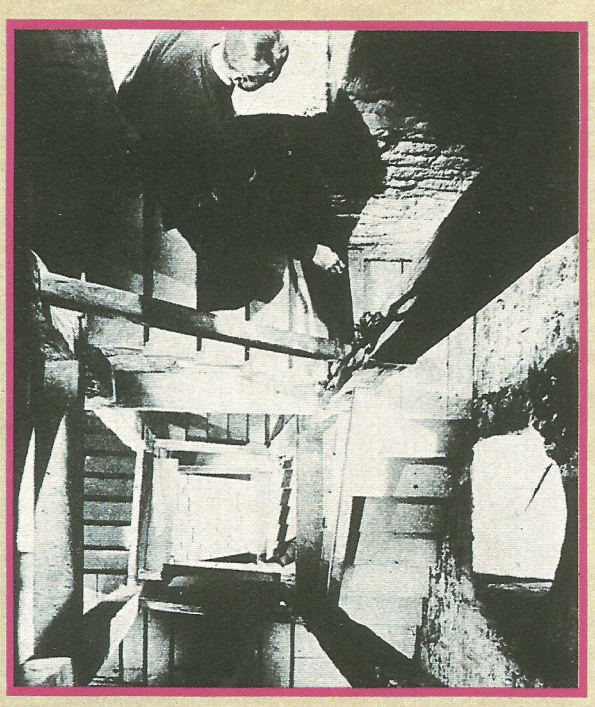


API

Arquivos de Cinema de Maurício Rittner

***Na página oposta,* Rebecca *(1940) com Joan Fontaine;* Pacto Sinistro *(1951) com a filha, Patrícia Hitchcock e* Intriga Internacional *(1959) com Cary Grant e Eve Marie Saint. Acima,* Psicose *(1960) com Anthony Perkins***





***Três toques de Mestre:* Tippi Hedren em Os Pássaros *(1963); a escadaria da torre em* Um Corpo Que Cai *(1958); e James Stewart e Doris Day em* O Homem Que Sabia Demais *(1956)***

o diretor designava depreciativamente como *whodunit* (quem é o culpado). Logo no início de *Disque M para Matar* (1954), por exemplo, ficamos sabendo que Tom Wendice (Ray Milland) planeja o assassinato da esposa (Grace Kelly), para o qual contrata um assassino (Anthony Dawson) que fará tudo parecer um assalto. Wendice telefonará de um clube para a mulher, que ao atender o aparelho deverá ser estrangulada pelo pretenso assaltante, escondido na casa. Mas o toque do telefone e o atentado subseqüente são precedidos por uma série de pequenos retardamentos dramáticos (os amigos retêm Wendice à mesa de jogo, a cabine telefônica do clube está ocupada) ou puramente cinematográficos (detalhe de mostradores de relógio, detalhe dos fios telefônicos sendo conectados). A tensão cresce a cada segundo, e o público chega a torcer para que tudo "dê certo" — isto é, que o crime seja cometido! Estamos no coração do universo hitchcockiano.

Da mesma forma que desprezava o *whodunit*, o cineasta pouco se importava com a verossimilhança das explicações. O motor da ação era sempre algo obscuro, especialmente em seus *thrillers* de espionagem *(Sabotador, O Homem que Sabia Demais, Intriga Internacional, Correspondente Estrangeiro)*, em que "uns papéis", "os documentos" ou "o segredo" colocavam espiões, mocinhos e vilões em plena ação dramática. Esses motivos mal explicados eram algo que devia ter muita importância para os personagens, mas nenhuma para o diretor e o público. Hitchcock chamava esses elementos obscuros de MacGuffin e, com humor característico, definia sua insignificância através de uma anedota: "Pode-se imaginar uma conversa entre dois homens em um trem. Um diz ao outro: 'O que é esse pacote na sua sacola?' O outro: 'É um MacGuffin'. Então, o primeiro: 'O que é um MacGuffin?' O outro: 'É um aparelho para apanhar leões nas montanhas Adirondak'. O primeiro: 'Mas não há leões em Adirondak'. Então o outro conclui: 'Nesse caso, não é um MacGuffin' ".

Com ou sem MacGuffin, o objetivo de Hitchcock era causar medo ao maior número possível de pessoas. Para ele, sucesso artístico e sucesso comercial eram a mesma coisa. Se o público não gostava — ou seja, não sofria o suficiente —, é porque ele tinha falhado em algum lugar. A essa meta — causar impacto sobre o grande público — o cineasta submetia qualquer coisa e colocava a serviço dela seu extraordinário domínio técnico. Em seu cinema não havia espaço para o improviso: o filme todo — cada plano, cada movimento de câmera — estava em sua cabeça (e no *storyboard)* antes de a máquina começar a rodar. Suas soluções eram sempre as mais surpreendentes e, freqüentemente, as mais baratas. É conhecido, por exemplo, o truque usado para criar a ilusão de vertigem na escadaria da torre em *Um Corpo que Cai:* uma maquete da parte interna da torre, colocada em posição horizontal no chão, e um movimento de câmera que combina um *travelling* para trás e um *zoom* para frente. O resultado é perfeito. E o espetacular mergulho do avião no mar, do ponto de vista do piloto, no final de *Correspondente Estrangeiro* (1940)? O próprio Hitch revela o segredo: "Eu havia mandado fazer a tela de *back-projection* (mostrando o mar) de papel grosso e, atrás dessa tela, havia um reservatório de água.

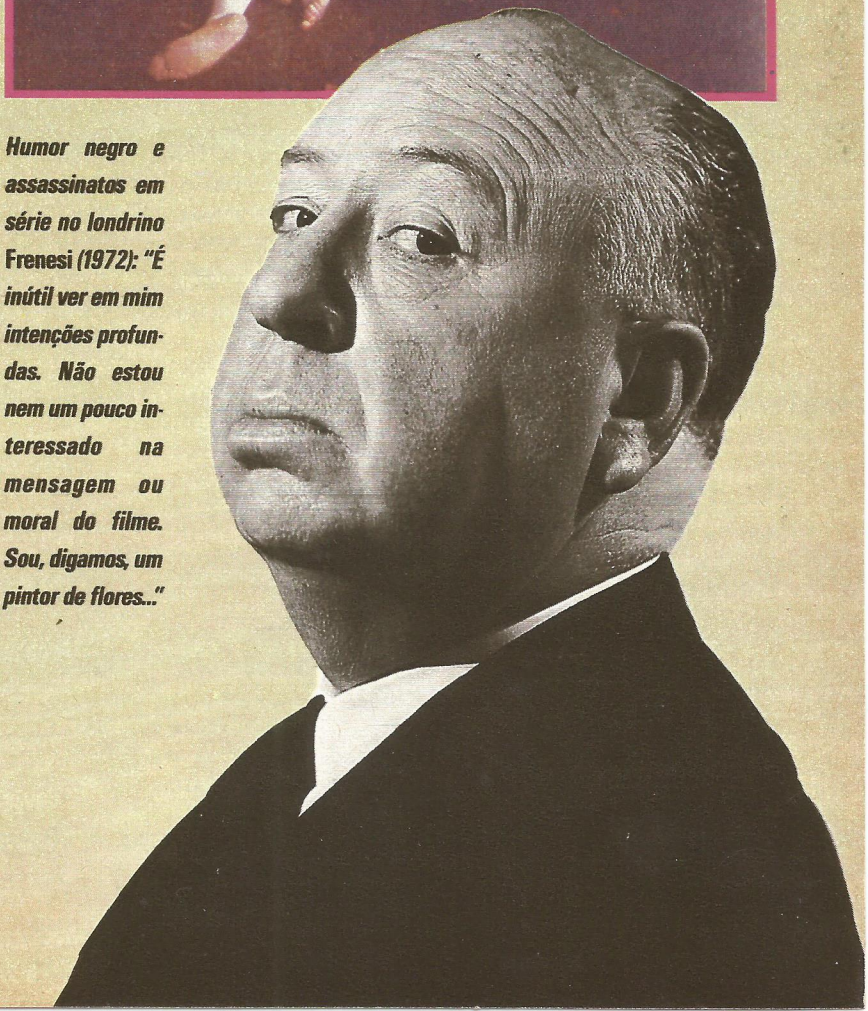
A *back-projection* desfilava, o avião mergulhava e, quando, no filme, a água se aproximava, eu apertava um botão e a tela de *back-projection* se rasgava sob a pressão da água".

Não é de se estranhar que, ao pensar exclusivamente na imagem que seria produzida na tela e em seu efeito sobre a platéia, Hitchcock acabasse por entrar em atrito com outros membros da equipe, sobretudo cenógrafos e atores. Sem conhecer o plano da obra em sua totalidade (coisa que o diretor monopolizava), esses artistas sentiam-se marginalizados e perdidos num *set* aparentemente sem sentido. Particularmente a vaidade e o estrelismo de certos atores, ou sua idéia de interpretação marcada por gestos e expressões teatrais, irritavam profundamente o cineasta, que os via como meras peças do seu jogo a serem submetidas à precisão de sua câmera. "Eu nunca disse que os atores são gado", desmentiu certa vez. "Disse apenas que devem ser tratados como gado." Essa concepção lhe valeu desentendimentos com estrelas como Kim Novak, Paul Newman e Charles Laughton, entre muitos outros. Por outro lado, poucos diretores tiveram tanta sensibilidade na escolha dos atores, presidida por critérios que incluíam inteligência, aparência e até a "marca" que determinados astros tinham junto ao público. Cary Grant seria o eterno galanteador levemente zombeteiro, James Stewart, o bom americano típico — nenhum deles convenceria como assassino, mas ambos conquistavam uma identificação imediata com o público, até porque representavam invariavelmente homens comuns. Um vilão eficaz, por sua parte, era muitas vezes essencial para o sucesso de um filme. Pense-se, por exemplo, em Reggie Nalder, o sinistro assassino de *O Homem que Sabia Demais*. Impossível imaginar um rosto mais ameaçador.

Ao postular um cinema essencialmente comercial, Hitchcock acabou — num aparente paradoxo — alargando como nenhum outro diretor os horizontes da linguagem cinematográfica e revelando-se um fecundo experimentador. Suas inovações expressivas nada tinham a ver com o experimentalismo estéril ou exibição de virtuosismo — sua meta era sempre intensificar o impacto sobre o público. Algumas de suas experiências causaram sensação: em *Um Barco e Nove Destinos* (1943), situou toda a ação em um bote salva-vidas de um navio naufragado. Em *Festim Diabólico* (1948), seu primeiro filme colorido, idealizou um longa-metragem em um único plano. Dadas as limitações do rolo da película, o filme acabou dividido em oito planos de dez minutos cada, com cortes dissimulados entre eles. Para conseguir a proeza, chegou a fazer marcas no chão do set indicando todos os passos que os atores deveriam dar, numa coreografia precisa. Mais tarde, o diretor lamentou essa subversão da decupagem clássica, considerando-a um exercício vazio, mas o admirável resultado está aí para desmenti-lo.

Como para provar que seu estilo não era feito de regras fixas, realizou praticamente o oposto em *Psicose:* na célebre cena do assassinato no chuveiro, mais de setenta planos fragmentam uma verdadeira aula de cinema. Ainda a propósito dessa seqüência — talvez a mais parodiada de todos os tempos —, um comentário de Hitchcock é revelador de sua

***Ao lado, uma das mais curiosas sequências de assassinato no cinema,* Disque M para Matar *(1954) com Grace Kelly***



***Humor negro e assassinatos em série no londrino* Frenesi *(1972): "É inútil ver em mim intenções profundas. Não estou nem um pouco interessado na mensagem ou moral do filme. Sou, digamos, um pintor de flores..."***

concepção ética e estética: "Fiz o filme todo em preto-e-branco por causa da cena do chuveiro. A visão do sangue vermelho escorrendo pelo ralo seria intolerável". Estamos aqui a anos-luz do terror escatológico, vulgar e sanguinolento que tingiu as telas de cinema na última década.

Simultaneamente comercial e refinado, o cinema de Hitchcock foi também um dos que mais refletiram sobre o próprio cinema, muito antes de isso ser feito sistematicamente pela *nouvelle vague*. O exemplo mais acabado e mais célebre é *Janela Indiscreta* (1954), em que um fotógrafo com a perna quebrada (James Stewart) observa a vida alheia do fundo de seu apartamento, até que um belo dia presencia evidências de um assassinato. Sua namorada (Grace Kelly), depois de convencida do caso por ele, passa a ser a heroína da história, enfrentando o vilão (Raymond Burr). Imobilizado em sua cadeira, o fotógrafo é um mero espectador da trama, que acontece do outro lado da janela/tela. Sua aflição é compartilhada pelo público do verdadeiro cinema, igualmente impotente para intervir nos eventos ocorridos "do outro lado". Mas *Janela Indiscreta* é também um estudo sobre o voyeurismo e a impotência. À companhia física e concreta da nada desprezível Grace Kelly, o fotógrafo prefere bisbilhotar o que acontece nos apartamentos vizinhos. Significativamente, à medida que cresce sua excitação, as objetivas de sua câmera também aumentam, como um membro em ereção. Hitchcock podia ser ingênuo na vida privada, mas não atrás de uma câmera.

Num certo sentido, também *Um Corpo que Cai* é uma reflexão sobre o cinema, arte de criar uma realidade com imagens de fantasia. O pobre Scottie Ferguson (James Stewart) apaixona-se pela atormentada Madeleine Elster (Kim Novak) e, impotente, a vê jogar-se do alto de uma torre. Tempos depois encontra uma sósia da morta, Judy Barton (Kim Novak também) e tenta — de maneira flagrantemente fetichista e necrófila — modelá-la à imagem e semelhança de Madeleine. Quando a mulher real e seu simulacro estão prestes a fundir-se, uma nova morte interrompe o processo, num dos finais mais tristes da história do cinema. Nesse filme vertiginoso, em que tudo é aparência, a única coisa certa é a impossibilidade de contato entre a fantasia e o real. Encontramos aqui os elementos mais caros à filmografia de Hitchcock: o olhar, o sexo e a morte.

Esse trinômio básico aparece também — e de maneira ainda mais espetacular — na antológica seqüência do atentado no Albert Hall, em *O Homem que Sabia Demais* (1956). Um assassinato deverá ser cometido no momento em que soar o único toque de címbalos da sinfonia (regida, na tela, pelo próprio compositor, Bernard Herrmann, habitual colaborador de Hitch), e só quem sabe disso, além do assassino, é a aflita sra. MacKenna (Doris Day). O crescendo de tensão da música é acompanhado pelo que o crítico Luiz Nazário chamou, com exatidão, de "sinfonia de imagens": o revólver do assassino, os címbalos, o olho assustado de Doris Day, os gestos do maestro, a imobilidade do público, a partitura — cada plano se encaixa num ritmo preciso e diabólico, "coreografado como uma relação erótica".

Não foi à toa que François Truffaut notou que o mestre filmava "cenas de amor como se fossem cenas de assassinato e cenas de assassinato como se fossem cenas de amor". Sob um certo olhar, essas duas coisas — amor e morte — são a mesma coisa. Senão, vejamos.

*José Geraldo Couto*

AFP

***Janela Indiscreta, (1954), um estudo sobre voyerismo e impotência, com James Stewart e Grace Kelly***

# A 89 DE A A Z.

AFRIKA BAMBAATA/ A-HA/ AKIRA S/ ALARM/ ALL ABOUT EVE/ ARCADIA/ ART OF NOISE/ ARMOURY SHOW/ AZTEC CAMERA BARÃO VERMELHO/ BAUHAUS/ BEATLES/ BIG AUDIO DYNAMITE/ BIG COUNTRY/ BLONDIE/ BOLSHOI/ BOOMTOWN RATS/ BRYAN FERRY/ BRUCE SPRINGSTEN CABINE C/ CAMISA DE VÊNUS/ CAPITAL INICIAL/ CAZUZA/ CHURCH/ CLASH/ CLÍNICA/ COCTEAU TWINS/ CULT/CURE DAVID BOWIE/ DAVID LEE ROTH/ DEAD KENNEDYS/ DEEP PURPLE/ DE FALLA/ DEPECHE MODE/ DIRE STRAITS/ DURAN DURAN EAGLES/ ECHO AND BUNNYMEN/ ED MOTA E CONEXÃO JAPERI/ EMERSON LAKE AND PALMER/ ENGENHEIROS DO HAWAI/ ERIC CLAPTON/ EURYTHMICS/ EVERYTHING BUT THE GIRL FELLINI/ FELT/ FINIS AFRICAE/ FINE YOUNG CANNIBALS/ FIRM/ FLEETWOOD MAC/ FRANK GOES TO HOLLYWOOD/ FRANK ZAPPA GANG OF FOUR/ GARY NUMAN/ GARY O/ GENE LOVES JEZEBEL/ GENERAL PUBLIC/ GENESIS/ GEORGE HARRISON/ GRATEFUL DEAD/ GUETO HARRY/ HOJERIZAH/ HOUSEMARTINS/ HUEY LEWIS/ HUSKER DU IAN ANDERSON/ ICE HOUSE/ ICICLEWORKS/ IGGY POP/ INOCENTES/ INXS/ IRA! JANIS JOPLIN/ JETHRO TULL/ JIMI HENDRIX/ JIMMY CLIFF/ JEFF BECK/ JIMMY PAGE/ JOAN JETT/ JOHN COUGAR/ JOY DIVISION KANSAS/ KATE BUSH/ KID VINIL/ KIKO ZAMBIANCHI/ KILLING JOKE/ KING CRIMSON/ KINGDOM COME/ LAGOA 66/ LED ZEPPELIN/ LEGIÃO URBANA/ LITTLE RICHARD/ LLOYD COLE AND THE COMMOTIONS/ LOBÃO/ LUNI/ LOVE AND ROCKETS MARCELO NOVA/ MARILLION/ MEN AT WORK/ MERCENÁRIAS/ MICK JAGGER/ MIDNIGT OIL/ MIGHTY LEMON DROPS/ MISSION/ MORRISEY NÃO RELIGIÃO/ NAU/ NAZARETH/ NENHUM DE NÓS/ NESS/ NEW MODEL ARMY/ NEW ORDER/ NICK CAVE/ NITZER EBB/ NOEL OINGO BOINGO/ O-M-D/ OS ELES/ LOVE & ROCKETS PARALAMAS DO SUCESSO/ PETER GABRIEL/ PETER MURPHY/ PETER TOSH/ PHIL COLLINS/ PIL/ PINK FLOYD/ PLEBE RUDE/ THE POLICE/ PRETENDERS/ PRINCE QUEEN RAMONES/ RITA LEE/ LES RITA MITSOUKO/ R.E.M./ REPLICANTES/ ROBERT PALMER/ ROBERT PLANT/ ROGER RODGSON/ ROLLING STONES/ RPM/ ROXY MUSIC/ RUSH SANTANA/ SIMPLE MINDS/ SIOUXIE AND THE BANSHEES/ SINEAD O'CONNOR/ SMITHS/ SISTER OF MERCY/ STEVE WINWOOD/ STYLE COUNCIL/ SUPERTRAMP/ SUZANNE VEGA TALK TALK/ TALKING HEADS/ TEARS FOR FEARS/ TERENCE TRENT D'ARBY/ THE THE/ TIMBUK THREE/ TINA TURNER/ TITÃS/ TONES ON TAIL/ TOKYO/ TOY DOLLS U2/ UB40/ UK SUBS/ ULTRAJE A RIGOR/ ULTRAVOX VANGELIS/ VAN HALEN/ VIOLETA DE OUTONO/ VIOLENT FEMMES/ VULTOS WATERBOYS/ WHITESNAKE/ WHO X-MAL DEUTCHLAND/ XTC YES ZERO/ ZZ TOP/ 365/ 10.000 MANIACS

**O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.**

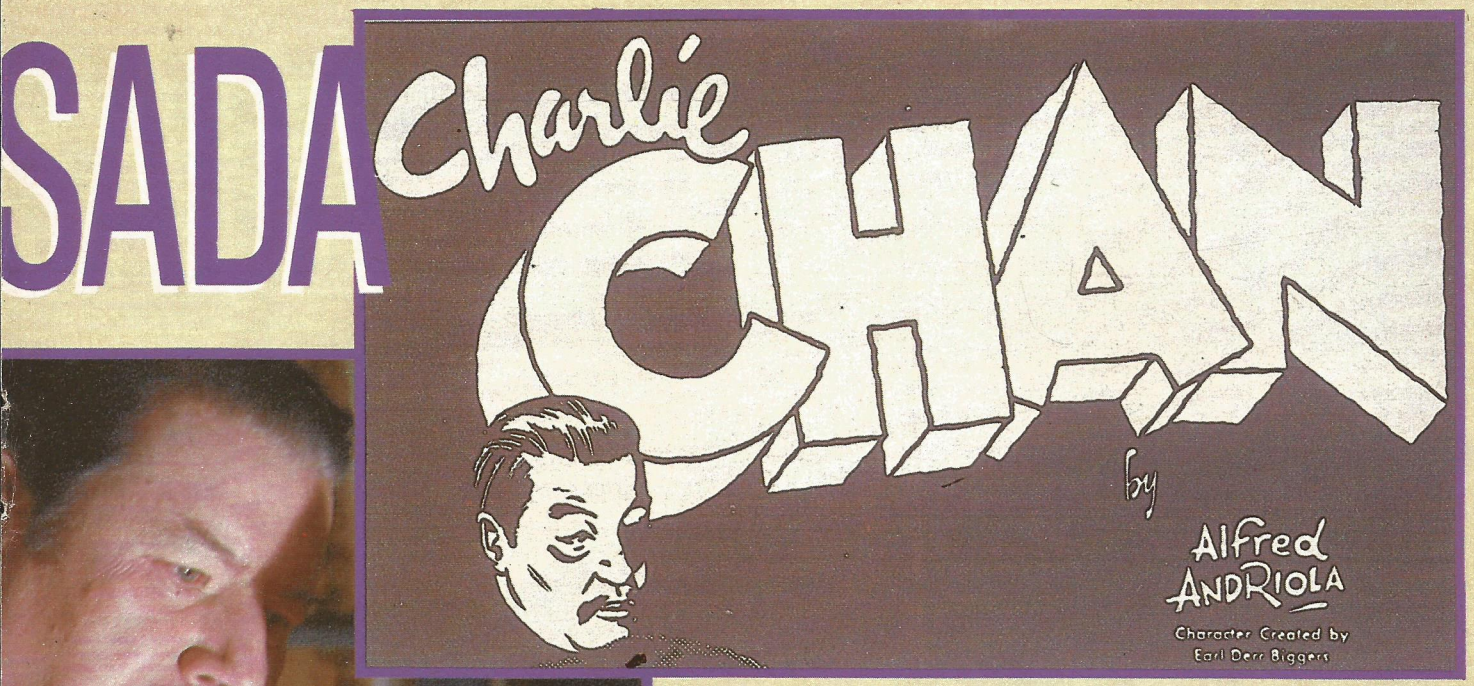
# 89 FM

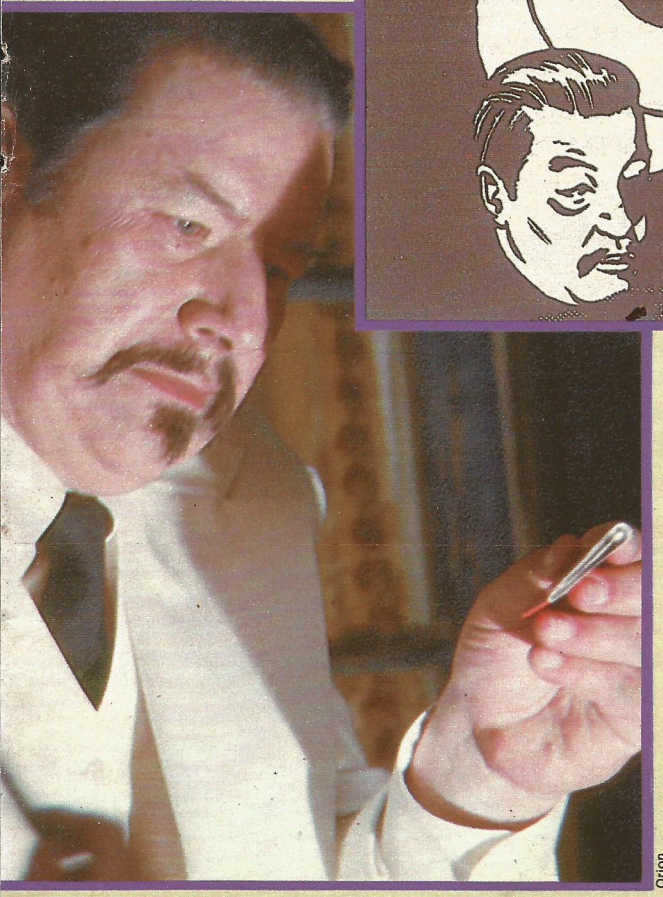
# AS TIRAS DA PE

*Violento, durão e desprovido de super poderes, Dick Tracy é o primeiro e o mais popular detetive das H.Q. Warren Beatty se prepara agora para interpretá-lo no cinema*

PhotoReporters

# SADA



Orion

**EMPENHADOS NA LUTA CONTRA O CRIME COM OS MELHORES RECURSOS DA LITERATURA POLICIAL, ESSES HERÓIS FIZERAM FAMA TANTO NOS QUADRINHOS QUANTO NO CINEMA, CONQUISTANDO MILHÕES DE ADMIRADORES**

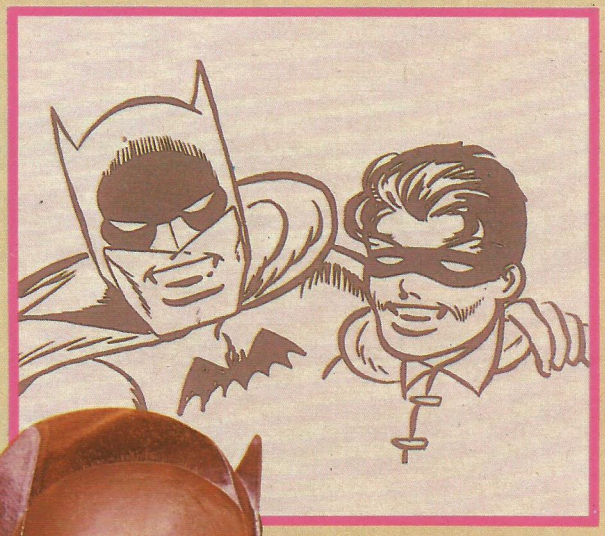
***Charlie Chan, o solene e imperturbável detetive oriental criado pelo escritor Earl Derr Biggers, já era famoso nas telas quando migrou para os quadrinhos***

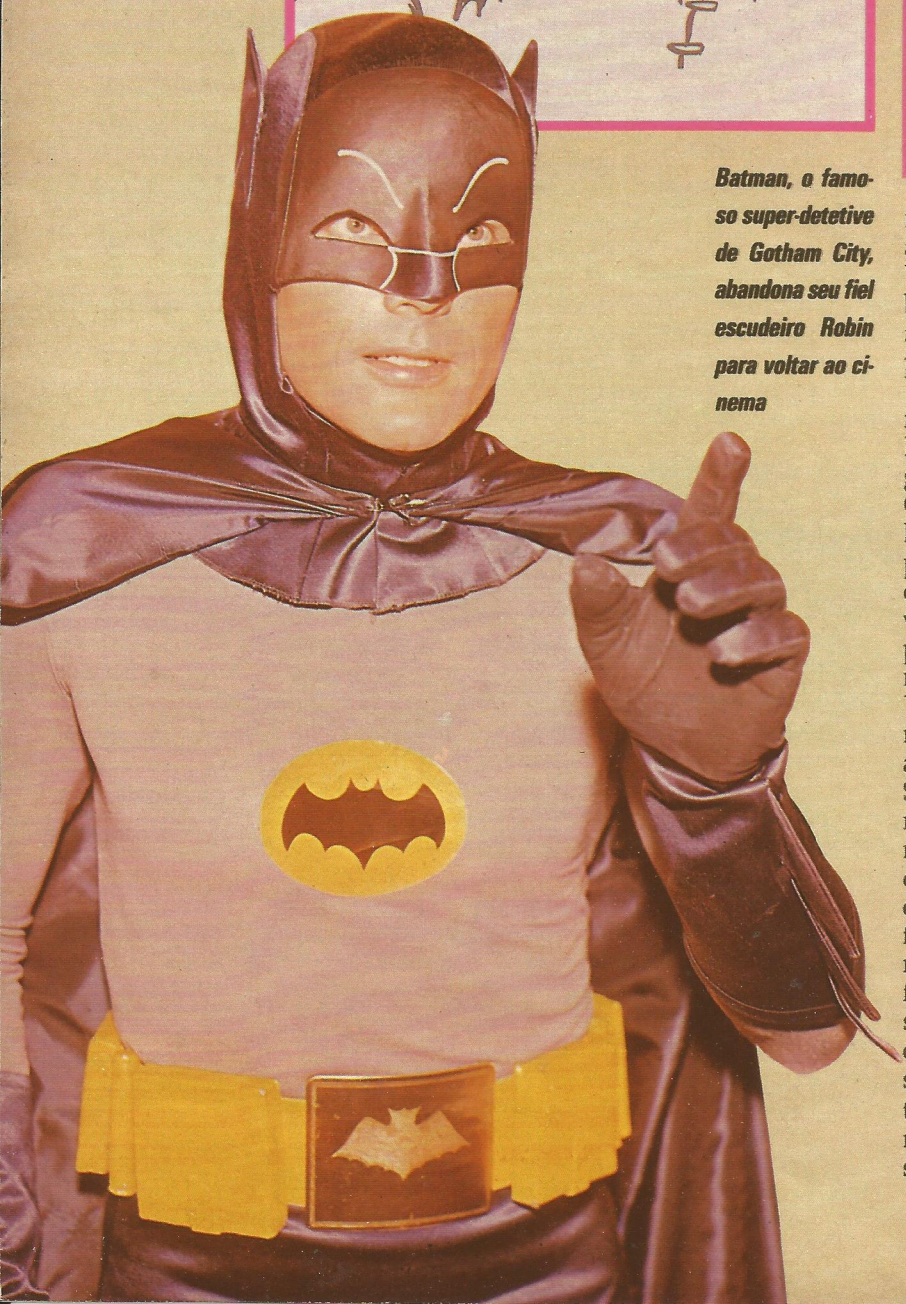
A ligação entre cinema e histórias em quadrinhos sempre foi umbilical. Talvez porque os dois tenham nascido na mesma época, no fim do século passado. Talvez porque ambos tenham em comum a imagem. O fato é que eles cresceram juntos, sempre se influenciaram mutuamente e detonaram o surgimento da chamada "cultura de massa". Dentro do gênero policial, onde o que não falta é munição literária, cinema e HQ travam há décadas um interminável tiroteiro cultural, com personagens que saem do papel para a tela e vice-versa. Não é à toa, por exemplo, que Warren Beatty se prepara no momento para interpretar no cinema a figura do primeiro detetive das HQ: Dick Tracy, com seu chapéu desabado, a bordo de uma arquivilã interpretada por Madonna.

Tracy foi criado pelo desenhista americano Chester Gould (1900-1985) em 1931. A época era de banditismo: a Grande Depressão ensaiava seus primeiros passos, a lei seca vigorava, Chicago ostentava o título nada simpático de "Capital do Crime", Al Capone era capa da revista *Time*, a guerra entre quadrilhas comia solta de Nova York a San Francisco e o casal Bonnie Parker-Clyde Barrow fazia "retiradas" bancárias com rajadas de balas. Para combater a esbórnia generalizada, só mesmo um policial durão como Dick Tracy, dono de uma violência extrema, mas jamais gratuita. Com seu queixo pontiagudo, uma série de traquitanas científicas — entre elas o famoso rádio de pulso que recebia e transmitia mensagens — e um eficaz Colt 45 na mão, ele botava para jambrar em cima de uma imensa galeria de criminosos, a maioria de aspecto lombrosiano.

Personagem caricatural, sem nada de super-herói, Tracy muitas vezes apanhava, era torturado, seguia pistas falsas e, em algumas delas, os bandidos escapavam no final da história. Mas era dono de uma vontade férrea e jamais desistia. Tornou-se tão popular que acabou virando filme e seriado B nos anos 40 (estrelado por Ralph Byrd), e influenciou cineastas como Alain Resnais, Federico Fellini e Jean-Luc Godard (que o homenageia com o personagem Lemé Caution em *Alphaville*, de 1965). Acabou entronizado como um dos íco-

***Ao lado, o absolutamente genial The Spirit, outro clássico do nanquim, criado por Will Eisner***





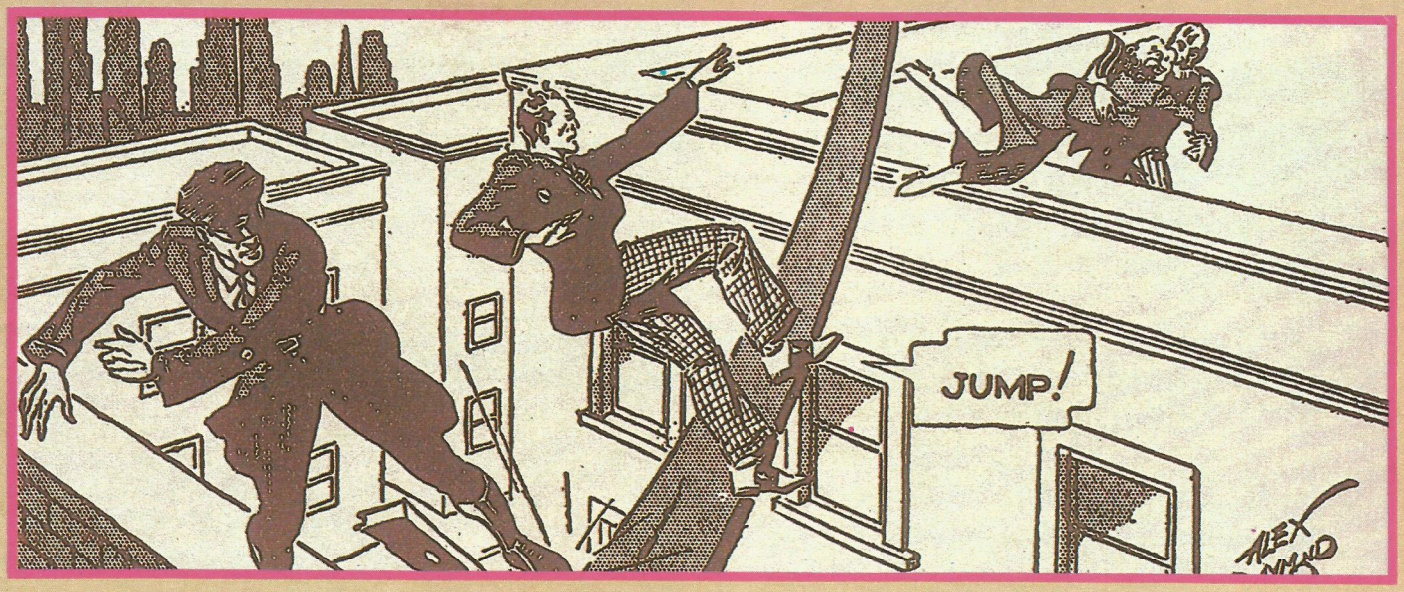
***Batman, o famoso super-detetive de Gotham City, abandona seu fiel escudeiro Robin para voltar ao cinema***

nes da pop art, num quadro de Andy Warhol. Resta agora saber como ficará a maquiagem do queixo de Warren Beatty na nova versão — mas, depois que Robert Altman conseguiu transformar Robin *Good Morning Vietnam* Williams num *Popeye* ambulante, tudo é possível.

Um ano depois do lançamento de Dick Tracy, o cinema — via literatura — dava sua contribuição às HQ. Era *Ruas da Cidade (City Streets, 1931)*, filme dirigido por Rouben Mamoulian para a Paramount, com Gary Cooper no papel principal e roteiro original de Dashiell Hammett. Com base na personagem vivida por Gary Cooper, Hammett se inspirou na idealização do célebre Agente Secreto X-9, na verdade um detetive refinado e ágil, que manejava com igual elegância a piteira de prata e a metralhadora Thompson. X-9 começou a ser publicado em 1934, nas páginas do *New York American Journal*. Ilustrado pelo esteta Alex Raymond (1909-1956), que naquele ano também começou a publicar, no mesmo jornal, Flash Gordon e Jim das Selvas, tornou-se logo um personagem popularíssimo. A dupla Raymond-Hammett trabalhou junta apenas na primeira aventura de X-9, *O Caso Powers*. Os diálogos, o forte da prosa de Hammett, eram secos e concisos, o roteiro era editado de forma cinematográfica e a ação, apesar de jorrar aos borbotões e de forma confusa, bastante convincente. Era um verdadeiro filme policial impresso. X-9, como Dick Tracy, virou seriado no cinema, em 1937 e em 1945, neste último com Lloyd "Mike Nelson" Bridges no papel-título. A sigla tornou-se tão famosa que, na década de 50, transformou-se em revista de reportagens policiais e, mais tarde, para desgosto dos puristas, em escola de samba da Baixada Santista.

Charlie Chan, criação do escritor Earl Derr Biggers

***Red Barry, um detetive yuppie com estilo noir. Abaixo, o Agente secreto X-9, ilustrado por Alex Raymond e criado por Hammett***

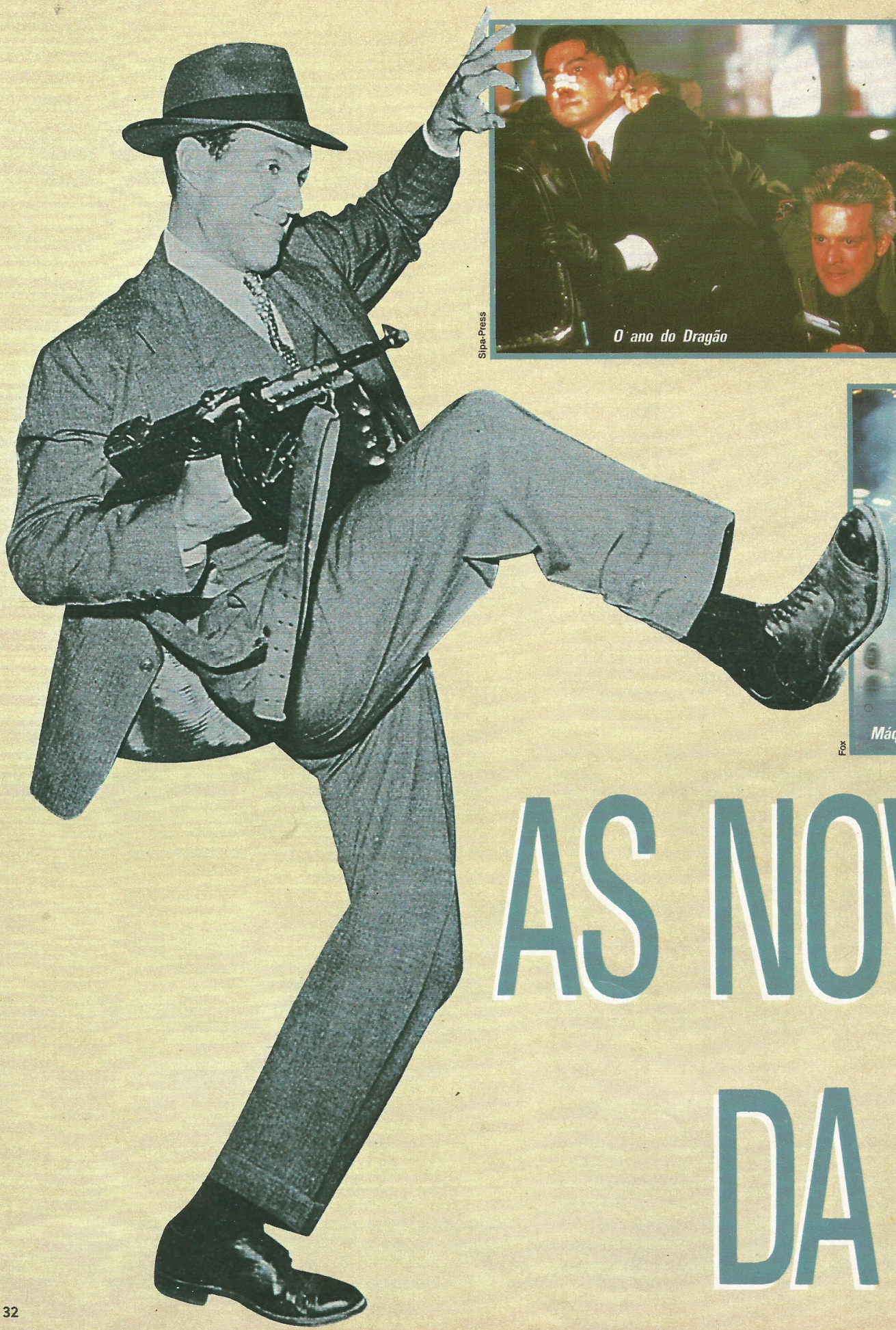



(1884-1933) foi outro detetive que migrou do cinema para os quadrinhos. Ao contrário de seus colegas americanos, era calmo, pacato, quase catatônico e jamais usava armas. Com a ajuda dos filhos, espécie de detetives mirins, vivia viajando e solucionando crimes. Esteve até mesmo no Rio, em 1941. Foram feitos 45 filmes sonoros com o imperturbável oriental, de 1929 a 1949. O primeiro, *Behind That Curtain*, foi um fracasso. O inglês que fazia Chan, E.L. Parker, passou despercebido. Foi então que surgiu o sueco (!) Warner Oland, a encarnação perfeita do herói oriental. O sucesso da série devia-se basicamente às abobrinhas ditas solenemente pelo detetive, aforismos derramados num inglês macarrônico, capazes de levantar Confúcio do túmulo. Pérolas do tipo "o silêncio vale ouro, menos na delegacia" faziam o público delirar. Acabou virando tira de quadrinhos a partir de 1938, ilustrado por Alfred Andriola. E, na década de 60, deu com os costados na Terra de Santa Cruz, numa versão brasileira publicada em *O Guri*.

Red Barry, hoje um cult entre o público europeu, foi outra personagem das HQ que sofreu forte influência do film noir americano. Will Gould, seu criador, participou do concurso para ilustrar X-9, que acabou sendo vencido por Alex Raymond. Mas Raymond gostou tanto do estilo de Gould que aconselhou-o a não desistir. Em 1934, surgia esse policial ruivo, com histórias secas e nervosas, desenho *clean* e moderno, super bem vestido e violento. Durou até 1942: foi derrubado pela censura interna do King Features Syndicate, que já vinha avisando Gould para maneirar na violência. Em compensação, voltou a ser publicado nos úlimos anos em álbuns de luxo, ressuscitado pelos yuppies italianos, que o transformaram em ídolo.

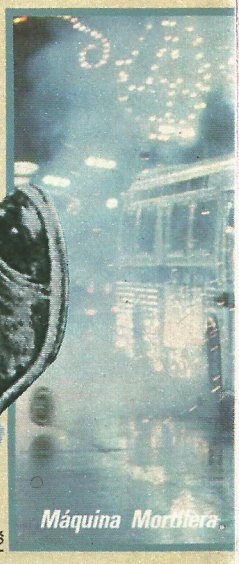
*The Spirit*, criação do desenhista americano Will Eisner, foi outra grande revelação dos quadrinhos. Nascido em 1940, esse clássico do nanquim policial, segundo os críticos, está para os comics assim como *Cidadão Kane* está para o cinema. Eisner desenha cada história como um verdadeiro *storyboard* cinematográfico, abusando de fusões, *travelings*, cortes, uso do som e exploração de ângulos insólitos. Desenha como se estivesse atrás das câmeras. Além disso, domina o texto como poucos, criando tramas perfeitas e explorando a fundo a densidade psicológica de cada personagem. Com uma temática eminentemente urbana, já foi chamado de "Poeta de Nova York", onde nasceu em 1917 e, sem dúvida, contribuiu de forma decisiva para destruir o preconceito de que as HQ eram uma "arte menor".

Mas o tira — este sim um superdetetive — mais famoso dos quadrinhos que virou celulóide foi e continua sendo o velho morcegão: Batman. Lançado em 1939 na revista *Detective Comics*, escrito por Bill Finger e ilustrado por Bob Kane, o policial de Gotham City permanece imbatível depois de meio século de luta contra o crime. Na versão cinematográfica de 1966, com Adam West e Burt Ward, teve o mérito de introduzir no cinema as onomatopéias típicas dos balões das HQ: BANG! POW!! ZAP!!! E agora volta com força total, com Michael Keaton no papel-título contra o diabólico fricão Jack Nicholson, seu arquiinimigo Coringa. Com estréia prevista para este ano, apesar da ausência do velho Robin, é a prova de que os quadrinhos continuam vivos. Na tela ou fora dela. *Fernando Paiva*



Sipa-Press

O ano do Dragão



Fox

Máquina Mortífera.

# AS NOVA

# DA V

Vestida para Matar

Globo Vídeo

Sem Saída

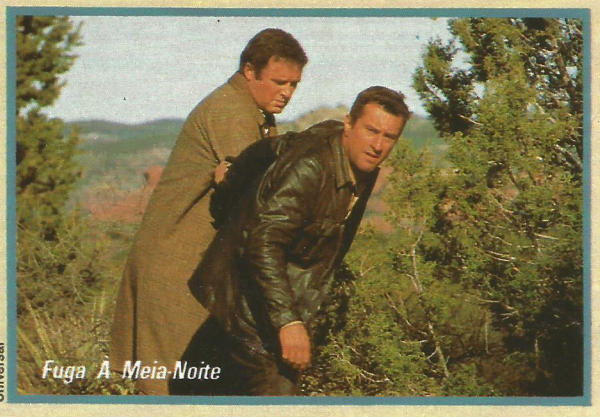
Fox

Veludo Azul

Prod. D. B.

# AS CORES VIOLÊNCIA

**O VELHO POLICIAL DURÃO E SADIO OU O SUSPENSE SUTIL QUE DISPENSA O BANHO DE SANGUE E A TRILHA VULGAR DO EXPLÍCITO SÃO COISAS DO PASSADO. UM MOLOTOV DE SEXO, VIOLÊNCIA, PERVERSÃO E HUMOR DESFILA NAS TELAS DA NOVA SAFRA DO GÊNERO, DELINEANDO UM VARIADO PERFIL DA ÉPOCA**


Fuga À Meia-Noite

Universal

Coração Satânico

Crimes de Paixão

Orion

Inferno Vermelho

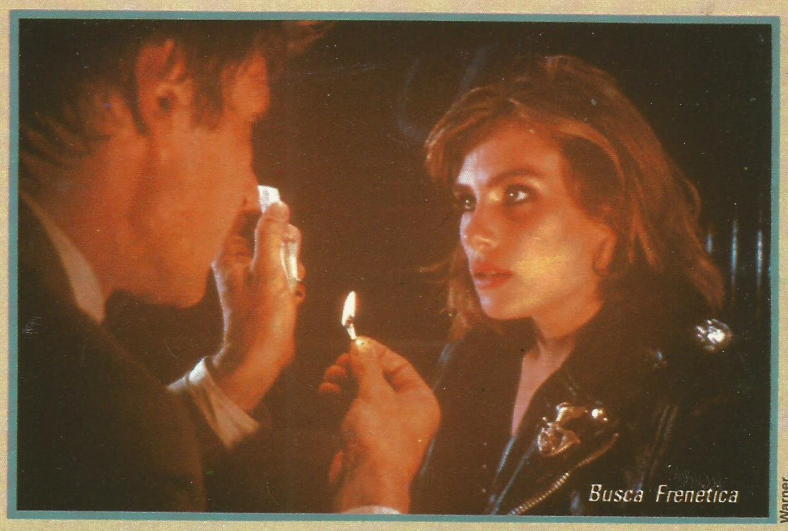
***O diretor norte-americano Brian De Palma, um dos seguidores mais declarados de Hitchcock, durante as filmagens de* Os Intocáveis, *com Kevin Costner***

Paramount

Efeitos mirabolantes, montagem dinâmica, câmera ágil e uma violência explícita que procura a dose certa entre perigo e emoção são características comuns à nova safra de filmes policiais e de suspense contemporâneo. Filhos de uma época que prenuncia o final do século com novas fórmulas de sucesso e sobrevivência dentro dos reveses da indústria cinematográfica, essas produções trazem ainda a marca dos grandes mestres do gênero, mostrando que nas telas tudo se recria — e se transforma em espetáculo.

Ao contrário do que muitos pensam, por exemplo, não foi Alfred Hitchcock que inventou o suspense no cinema. Na verdade ele existe desde que, em seus primeiros curtas-metragens, D.W. Griffith insistia na figura de um vilão tentando entrar num quarto onde reza, aflita, uma mocinha indefesa. É também de Griffith a autoria de um dos paradigmas do suspense cinematográfico. Em *O Nascimento de Uma Nação*, outra mocinha é salva, depois de intermináveis momentos de tensão com os vilões cercando sua casa ameaçadoramente. O problema dessa cena histórica é a carga de racismo que ela carrega: os vilões são todos negros e os salvadores são todos da Ku Klux Klan. Preconceitos à parte, foi mesmo o diretor inglês que elevou o gênero à sua forma clássica, tornando-se, com isso, fonte de inspiração e/ou imitação para os inúmeros cineastas que vieram depois dele. Em seu tempo cintilava um segundo cérebro do suspense: o francês Henri-Georges Clousot (1907-1977), criador de celulóides antológicos como *Salário do Medo* (1953) e *As Diabólicas* (1955).

Hoje reluz solitária a influência do mestre. Entre tantos, o seguidor mais declarado de Hitchcock é,



Busca Frenetica

Warner

Uma Cilada para Roger Rabbit

Warner

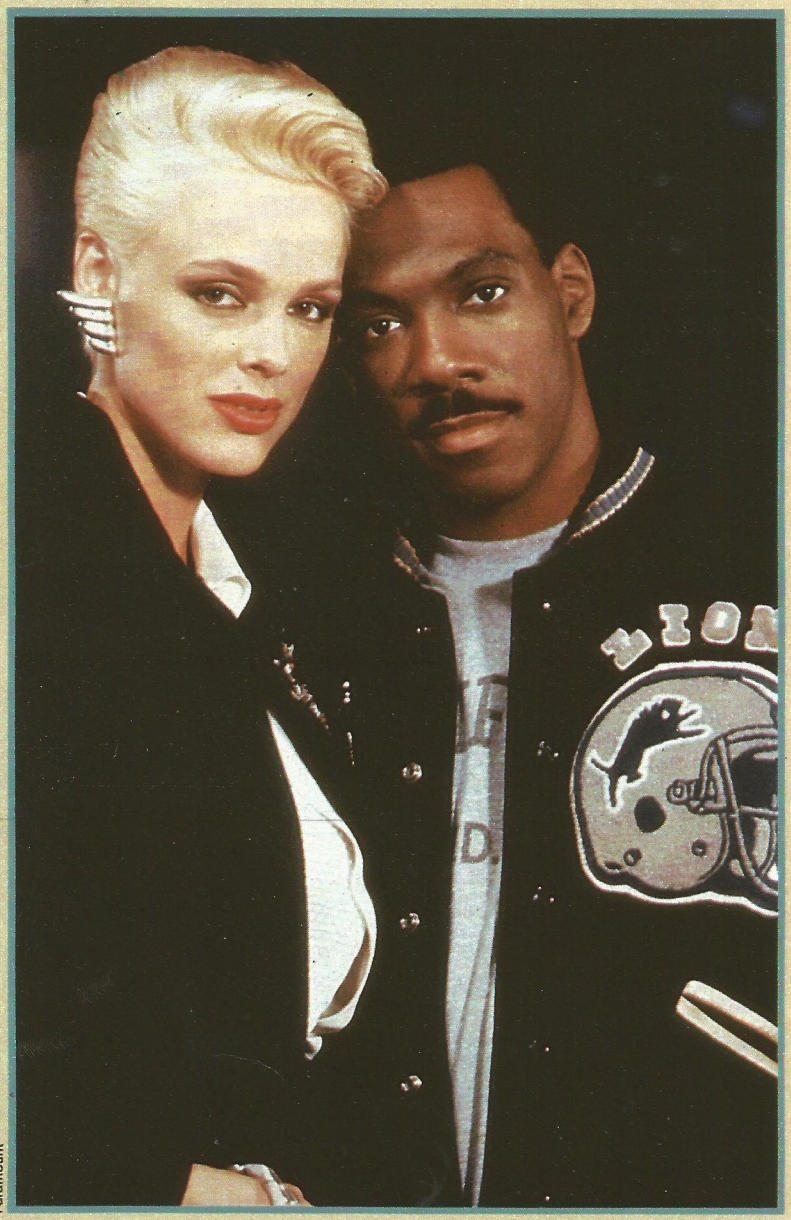
evidentemente, o norte-americano Brian De Palma, que, em filmes como *Carrie* (1976), *Vestida para Matar* (1980), *Um Tiro na Noite* (1981) e *Dublê de Corpo* (1984) mostrou ter assimilado plenamente a técnica do suspense hitchcockiano, tornando entretanto explícitos o sexo, a violência e o humor macabro latentes ou apenas sugeridos na obra do mestre. À contenção e à sutileza de Hitchcock, De Palma opôs uma tendência mais extravagante, operística, quase grotesca, sintonizada com o gosto do tempo e, quem sabe, com sua própria origem latina. Mas a influência do mestre não se resume às homenagens/paródias de De Palma. Ela está profundamente entranhada no cinema de diretores de estilo sólido e pessoal como o polonês Roman Polanski e os franceses François Truffaut e Claude Chabrol. Em pesadelos polanskianos como *Repulsa ao Sexo* (1965), *O Bebê de Rosemary* (1968), *O Inquilino* (1976) e *Busca Frenética* (1988), é impossível deixar de notar as pegadas de Hitchcock. Já o cinema de Truffaut, embora invariavelmente centrado no tema do amor, serve-se fartamente da elegância e concisão narrativa de Hitchcock. Não por acaso, seu último filme, *De Repente num Domingo* (1983), é um *thriller* que homenageia o mestre até no tema do herói/vítima perseguido por um crime que não cometeu.

O Ridley Scott de *Perigo na Noite* (1987), o Adrian Lyne de *Atração Fatal* (1987), o John Carpenter de *Enigma do Outro Mundo* (1982), o Curtis Hanson de *Uma Janela Suspeita* (1987), o Alan Parker de *Coração Satânico* (1987), o Ken Russell de *Crimes de Paixão* (1984), os irmãos Coen de *Gosto de Sangue* (1984) e até o Costa-Gavras de Z (1969) e o Roger Donaldson de *Sem Saída* (1987) são alguns dos que beberam nessa fonte inesgotável, celebrizada pelo norte-americano John Frankenheimer (*Sob o Domínio do Mal*, 1962), no comentário: "Qualquer cineasta que afirme não ter sido influenciado por Hitchcock está louco". Isso não impede, é claro, que sejam reconhecidos os muitos e devidos méritos — e contribuições de técnica e estilo — da nova geração do suspense.

## O BUDDY-SYSTEM

Assim que o cheiro da pólvora escapou do emaranhado de pistas falsas, perseguições e becos mal iluminados do mundo dos fora-da-lei e furou a tela com sede de justiça, a adesão da platéia foi total. Protegido pela sala de projeção, mas cada vez mais identificado com essa realidade urbana, o público elegeu uma das melhores fórmulas de sucesso do cinema: o filme policial.

Recheado de realismo e ação, o gênero nasceu nos mesmos trilhos que o western, ainda no começo do século, através da premiadíssima bilheteria do filme *O Grande Roubo do Trem*, realizado por Edwin S. Porter em 1903. Seu grande trunfo foi reservado à seqüência final, onde um dos assaltantes dispara um tiro em direção à câmera, provocando um verdadeiro frenesi entre a platéia. O sucesso foi tanto que o filme policial tornou-se o preferido do público até os anos 30, se afirmando depois co-



Paramount

***Dois porta-retratos que fazem o contraponto de época no filme policial: acima, Eddie Murphy e Brigitte Nielsen em* Um Tira da Pesada II *(1987) e à direita, James Cagney e a blondie Jean Harlow em* Inimigo Público *(1931)***

mo sinônimo de retorno comercial. Esse filão inesgotável entre a lei e a delinqüência, a delegacia e o submundo, pareceu encontrar sua expressão máxima durante a depressão de 1929, com o *gangsterismo* (ver pag. 36) e depois com o *film noir* — ambientado numa Hollywood que poupava luz mas inaugurava a era das mulheres fatais, dos golpes de mestre e dos assassinatos mais intrincados sob uma luz envolvente e misteriosa.

Mas tudo isso agora pertence ao passado. Uma outra luz mais intensa e bem menos misteriosa começou a se impor fora das telas, no interior do conforto dos lares. E, um belo dia, Hollywood descobriu por que as pessoas não queriam mais ir ao cinema assitir aos filmes policiais: primeiro, porque a TV lhes dava de graça uma verdadeira avalanche de tiros e perseguições, diariamente — contra isso a "velha dama indigna" não podia fazer nada. Depois, porque ninguém mais agüentava o velho esquema mocinhos-contra-bandidos e a respeito disso a indústria podia, felizmente, fazer alguma coisa. Foi assim que, em plenos anos 80, nasceu o *Buddy-System*, o sistema da camaradagem que salvou o filme policial da extinção e fez carreiras, famas e fortunas nas bilheterias.

O *Buddy-System* se tornou um dos mais queridos axiomas ou pacotes da indústria cinematográfica de hoje, apostando no seguinte lema: se você juntar dois (ou mais) protagonistas que não têm, aparentemente, nada a ver um com o outro e os puser juntos enfrentando inimigos comuns e tendo que se suportar/descobrir/entender mutuamente, você terá com certeza, um filme de sucesso. A fórmula acabou sendo aplicada nos gêneros mais diversos (não perdoou nem *Tom & Jerry*) e vingou principalmente no filme policial. Os motivos são óbvios: numa situação de perigo, repleta de ameaças e inimigos implacáveis, as diferenças entre os parceiros ganham força abrindo um leque de possibilidades cômicas e dramáticas. É por causa disso que nove entre dez filmes policiais realizados nos últimos anos são variações desse esquema de camaradagem.

Os dois grandes sucessos de Eddie Murphy, *48 Horas* e *Um Tira da Pesada* são ótimos exemplos: o crioulo-tira-malandro Eddie tendo que colaborar com os brancos-tiras-caretas de Beverly Hills. *Os Intocáveis* de Brian De Palma são, no fundo, uma variação do esquema — o novo Eliot Ness de Kevin Costner tem que aturar as idiossincrasias do resmungão porém experiente tira irlandês vivido por Sean Connery. E é claro, a grande bilheteria de 87, *Máquina Mortífera*, com o tira branco psicótico de Mel Gibson, colocado lado a lado com o tira negro, maduro e relax de Danny Glover. O sucesso foi o bastante para justificar um *Máquina Mortífera 2*, que acaba de ser concluído em Los Angeles. Fica quase impossível não se ter pelo menos uma cena de tensão, uma boa gag, uma virada da história, quando há duas personalidades opostas dividindo a ação.

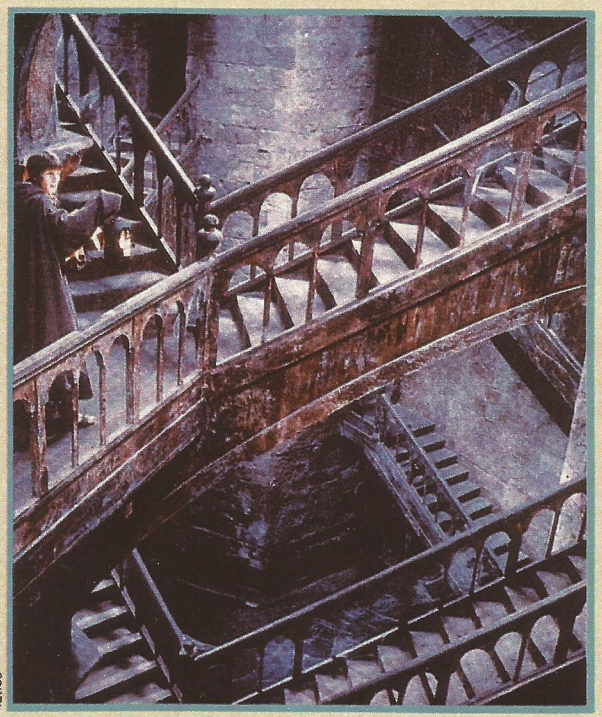
Outro exemplo é Jim Belushi tentando explicar as mumunhas da ronda de rua em Chicago ao duríssimo e soviético Arnold Shwarzenegger em *Inferno Vermelho*, e Robert De Niro aturando as hipocondrias e manias de Charles Grodin e, ao mesmo tempo, tendo que se desvencilhar de todo tipo de inimigo em *Fuga à Meia Noite*. Em *Acerto de Contas*, Dennis Quaid ensina o jeitinho de Nova Orleans (e outras coisas deliciosas) à durona procuradora Ellen Barkin, enquanto Emilio Estevez, seriíssimo e compenetrado, tenta impedir, aflito, que Richard Dreyfuss se envolva com o objeto de sua vigilância em *Tocaia*. E, é claro, como esquecer este pináculo do *Buddy-System* levado ao extremo em *Uma Cilada para Roger Rabbit*, com Bob Hoskins tendo que resolver um crime complicado cometido (ou não) por um coelho de cartum. Por esses e outros apelos de bilheteria é que o policial ainda deverá ser por muito tempo um filme de ação com dois heróis lutando juntos contra vilões cada vez mais ralos e apagados.

Em 1988, além de *Roger Rabbit*, as telas americanas viram filmes como *Sob Suspeita*, de Peter Yates, *Saigon, Império da Violência*, de Christopher Crowe, *Missão Alien*, de Graham Baker, o discutido *Cores da Violência*, de Dennis Hopper, com dois policiais em eterno conflito, e *Tequila Sunrise*, de Robert Towne — autor dos roteiros de *Chinatown* e *Shampoo* —, em que dois velhos amigos, Mel Gibson e

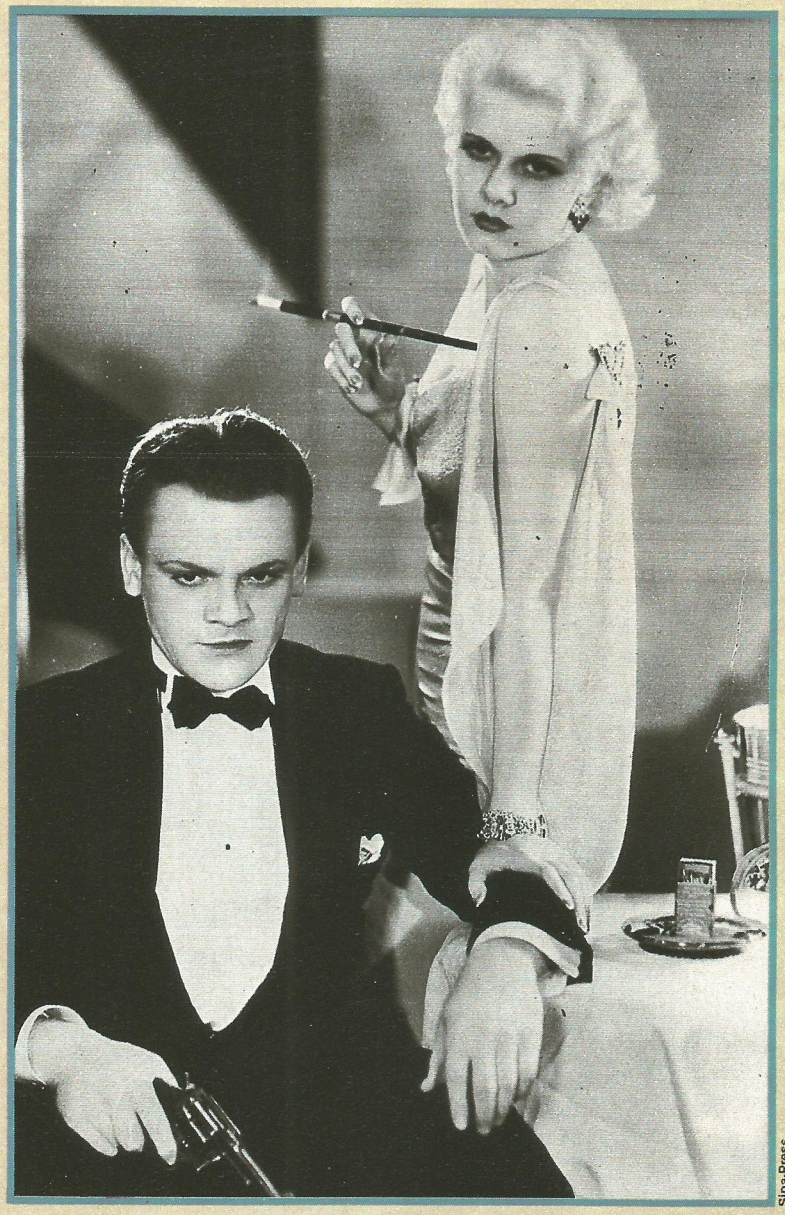
Kurt Russell (um traficante e um policial na história), têm que unir forças para escapar de uma sinuosa trama armada ao seu redor.

E 1989, o que reserva? Que ninguém se iluda: uma outra safra de companheiros cada vez mais disparatados em luta contra vilões cada vez mais desinteressantes como *Black Rain* — o filme que reunirá Michael Douglas e dois policiais tentando desbaratar uma quadrilha de traficantes de drogas nos subterrâneos de Tóquio.

Revertendo essa tendência das duplas, há também grandes revelações com magníficos, refulgentes e esplendorosos vilões como os de *Corpos Ardentes*, de Lawrence Kasdan, *O Mistério da Viúva Negra*, de Bob Rafelson, ou *Coração Satânico*, de Alan Parker, com Robert De Niro e suas unhas inesquecíveis fazendo Mickey Rourke pagar virtualmente seus pecados. E um filme que passou injustamente desapercebido pelas telas e hoje é cult em vídeo: *Viver e Morrer em L.A.*, cujo bandido-falsário vivido por Willem Dafoe valeu-lhe a indicação para o papel principal em *A Última Tentação de Cristo*, e talvez para o último filme de Alan Parker, *Mississippi Burning* (ver matéria exclusiva à pág. 14 ), ao lado de Gene Hackman. Aqui, o tempo inverteu alguns papéis: a Ku Klux Klan, que era a heroína do clássico suspense de D.W. Griffith, *O Nascimento de Uma Nação*, assume definitivamente a sua categoria de vilã neste polêmico policial de Parker, provando que, também no cinema, a justiça tarda mas não falha.



Tatics

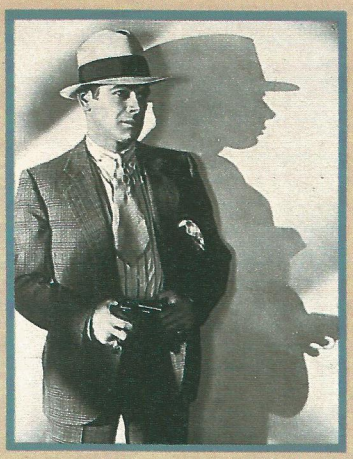


Sipa-Press

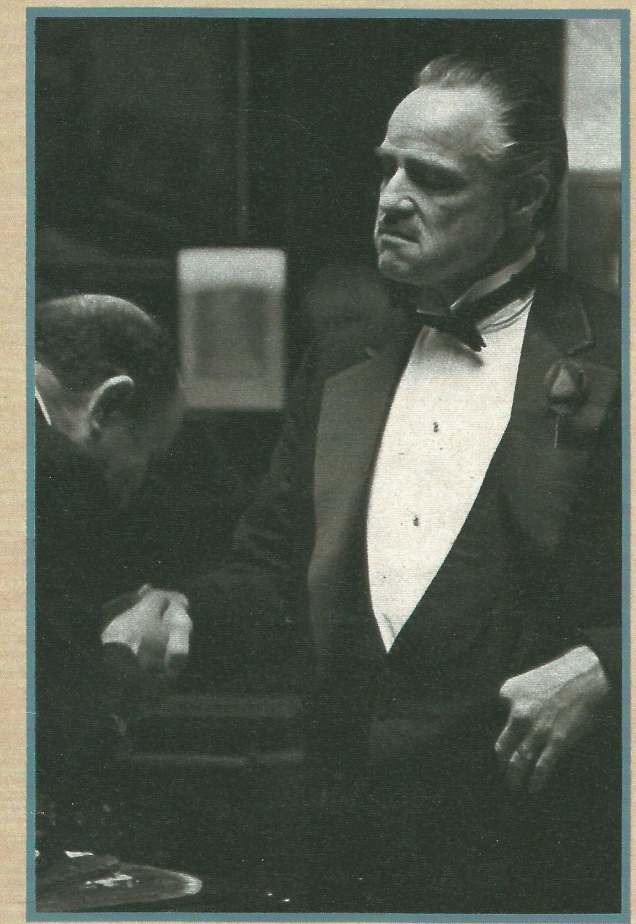
Warner

***Dois paradigmas do suspense hitchcockiano (a escadaria fatal de* Um Corpo que Cai *e a lente bisbilhoteira de* Janela Indiscreta*) aplicados em* O Nome da Rosa, *acima e* Tocaia, *com Richard Dreyfuss, ao lado***

# O GANGSTERISMO ATRAVÉS DAS TELAS



**Scarface, A Vergonha de uma Nação *(1932) com Paul Muni, inspirado em Al Capone, o mais famoso dos gângsteres, ainda em atividade na época. Abaixo,* O Chefão *(1972) e a poderosa 'cosa nostra', com Marlon Brando***



*O colapso da economia americana, a quebra da Bolsa de Valores e a depressão dos anos 30 foram os principais responsáveis pela introdução de um novo tipo de rebelde no cinema: o gângster. Os gângsteres de Hollywood habitavam e dominavam um mundo onde as normas sociais e econômicas haviam se esfacelado. Eles vinham da classe trabalhadora e estavam desiludidos, como o resto da população, em relação a seu futuro. O público não teve dificuldades em se identificar.*

*O primeiro filme a olhar o crime sob o ponto de vista de um gângster foi* Paixão e Sangue (Underworld, *1927) de Josef von Sternberg, exibido dois anos após Al Capone ter dominado a quarta parte de Chicago. O próprio Capone seria fonte de inspiração para inúmeros filmes. O primeiro deles,* Scarface, A Vergonha de uma Nação *(1932), foi rodado enquanto ele ainda se encontrava em atividade, por isso o personagem de Paul Muni, apesar de reproduzir a história do mais famoso dos gângsteres, não se chamava Capone, mas Tony Camonte. Assim que soube que sua vida estava sendo filmada, Capone exigiu que o diretor e o filme fossem trazidos a sua presença. A lenda diz que, após uma projeção particular, o resultado foi aprovado, entre risos e elogios de Capone ao diretor Howard Hawks.*

*James Cagney e Edward G. Robinson foram os principais gângsteres de Hollywood. O gangsterismo de Cagney era o mais desculpável, pois ele parecia e soava realmente como um garoto do lado errado da rua, inadequado para a escola e socialmente rejeitado, tendo no crime a sua única chance de sobrevivência — como o Tommy de* Inimigo Público *(1930) ou o Rocky de* Anjos de Cara Suja *(1938). Já Robinson em nada parecia com a versão adulta de um rebelde de rua. Ele era intenso, superior, falava mais rápido, parecia mais safado e jogava mais duro do que qualquer outro. Suas falas como Rico Bandello, o pequeno César de* Alma do Lodo *(1930), são antológicas. Este era o seu segredo para alcançar o poder: "Atire primeiro, pergunte depois — se você não fizer, o outro cara te pega... Este jogo não é para caras sensíveis".*

*Duke Mantee, um foragido da prisão, foi o primeiro gângster não glamorizado ou sabichão da tela, interpretado por Humphrey Bogart em* A Floresta Petrificada *(1936). Seu olhar é cruel — ele vai matar o mocinho da história — e seu senso de realidade é fatal: "Eu passei a maior parte do meu tempo, desde que cresci, na cadeia... e parece que eu vou passar o resto de minha vida morto!"*

*Com a chegada da Segunda Guerra, os gângsteres cederam espaço para os nazistas. Até o pistoleiro Alan Ladd em* Alma Torturada *(1942) se alistou contra o inimigo de seu país. Depois da guerra, entrentanto, os gângsteres diversificaram suas atividades, entrando na política* (Balas ou Votos), *nos sindicatos* (Sindicato de Ladrões), *na administração* (Os Corruptos), *no boxe* (Marcado pela Sarjeta), *no bilhar* (Desafio à Corrupção) *etc.*

Uma Rajada de Balas, *a história de Bonnie e Clyde rodada por Arthur Penn em 1967, foi a derradeira versão do gangsterismo romântico, da mesma forma que* O Poderoso Chefão I e II *e* Era uma Vez na América *continuam sendo as sagas definitivas do gênero. O cinema, porém, está longe de encerrar o ciclo. Filmes recentes como* O Siciliano *e* Subway *continuam apontando para a vertente heróica dos bandidos. A aparência dissimulada de Robert De Niro em* Os Intocáveis *e Dean Stockwell em* De Caso com a Máfia, *por sua vez, mapeiam o comportamento bonachão dos sanguinários capos mafiosos. Além disso, o cinema atual também tem se mostrado pródigo em revelar psicopatas e assassinos pervertidos. Dennis Hopper, em* Veludo Azul, *ganha o Oscar do gênero. Sua malvadeza só é páreo para a de Lee Marvin em* Os Corruptos *(1953), de Fritz Lang, que se imortalizou entre os mais sádicos por desfigurar a fatal Gloria Grahame jogando café quente em seu rosto. Que Deus continue protegendo os mocinhos!*

Marcel Plasse

O AMIGO AMERICANO

# POLICIAL

COTAÇÃO
★ REGULAR
★★ BOM
★★★ ÓTIMO

**ADVERTÊNCIA ★**
*(L'Avvertimento, Itália, 1968)*
*Direção: Damiano Damiani. Com Giuliano Gemma, Martin Balsam, Laura Trotter.* F.J. Lucas.
Policial incorruptível e teimoso enfrenta a podridão do mundo financeiro e político da Itália, a fim de desmantelar uma gangue responsável pela morte do amigo. Mais um filme eficiente de Damiani em que política e banditismo são quase sinônimos.

**ALCATRAZ: FUGA IMPOSSÍVEL ★★**
*(Escape from Alcatraz, EUA, 1979)*
*Direção: Don Siegel. Com Clint Eastwood, Patrick McGoohan, Fred Ward.* CIC.
Eastwood está atrás das grades. Ele é o presidiário Frank Harris, que, em 1962, ousou fugir da intransponível penitenciária da ilha de Alcatraz. Roteiro baseado em acontecimentos reais, dirigido com maestria por Don Siegel.

**ALUGADO PARA MATAR ★★**
*(Slayground, Inglaterra, 1984)*
*Direção: Terry Bedford. Com Peter Coyote, Billie Whitelaw, Philip Sayer.* VTI.
Quadrilha comum de assaltantes provoca acidente involuntário, vindo a matar a filha de um magnata do futebol americano. Este contrata um assassino profissional, que passa a eliminar um por um os membros do bando. Coyote é o último alvo, que foge dos EUA para propiciar um ótimo confronto final num parque de diversões em Londres. Violência acentuada e boas idéias enriquecem esse policial acima da média.

**AMOR BANDIDO ★**
*(Brasil, 1978)*
*Direção: Bruno Barreto. Com Paulo Gracindo, Cristina Aché, Paulo Guarnieri.* Globo Vídeo.
História de amor intenso entre uma *streap dancer* e um assassino adolescente que

**O AMIGO AMERICANO ★★★**
*(Der Amerikanische Freund, Alemanha, 1977)*
*Direção: Wim Wenders. Com Dennis Hopper, Bruno Ganz, Lisa Kreuzer, Nicholas Ray.* J. Home Vídeo.
Se Jonathan Zimmerman (Bruno Ganz) está ou não condenado a morrer em poucos meses por uma doença incurável, é uma questão secundária. O que importa é que ele acredita nisso. É aí que Tom Ripley (Dennis Hopper, no papel que o trouxe de volta à grande forma em que está até hoje) entra na história. Ele percebe que Jonathan está se deixando levar pela inércia, que não se preocupa com mais nada além de deixar a mulher e o filhinho em boa situação e lhe propõe matar um mafioso em troca de uma bolada considerável. Afinal, ele não teria nada a perder... O olhar do filme é o mesmo de Jonathan e Ripley: a emoção está inerte e o conflito moral embotado, senão inexistente. O crime é apenas um negócio, e a morte, nada mais do que um assunto irremediável. Por essa virtude cínica, Ripley e Jonathan sentem-se ligados... Segundo Patricia Highsmith, o melhor filme já feito sobre um de seus livros (as tentativas anteriores incluem Hitchcock, com *Pacto Sinistro*).

Sipa

O ANO DO DRAGÃO

mata vários motoristas de táxi. Para complicar, o policial que investiga os crimes é pai da garota. Grande atuação de Gracindo, apesar dos defeitos de roteiro e direção.

**ANGEL - O ANJO DA VINGANÇA ★★★**
*(Angel, Inglaterra, 1983)*
*Direção: Neil Jordan. Com Stephen Rea, Ray MacAnally, Marie Kean.* Taipan.
A estréia de Jordan na direção, com produção executiva de John Boorman e fotografia de Chris Menges, prova mais uma vez que a característica desse diretor é contar histórias boas e incomuns de maneira pessoal. É um policial com doses iguais de musical moderno. O protagonista é um sax player que gradativamente substitui seu instrumento por uma arma de fogo, para vingar a morte de uma garota surda-muda que o fascinara. Obrigatório.

**ASSASSINATO A SANGUE FRIO ★**
*(The Onion Field, EUA, 1979)*
*Direção: Harold Becker. Com John Savage, James Woods, Ted Danson.* Globo Vídeo.
Filme narrado em tom realista e semidocumental sobre caso verídico: a morte de um policial testemunhada pelo seu colega. A primeira metade, até o imediato pós-crime, é perturbadora. Mas quando o filme começa a se deter nas conseqüências psíquicas do policial vivo (Savage) torna-se francamente antipático. Woods arrasa, como sempre, no tipo psicopata.

**O ANO DO DRAGÃO ★★★**
*(Year of the Dragon, EUA, 1985)*
*Direção: Michael Cimino. Com Mickey Rourke, John Lone, Ariane.* América.
A violência das gangs da Máfia chinesa em Chinatown atira um policial fascista e racista contra um jovem líder mafioso em ascensão. O policial, ex-combatente do Vietnã, não quer perder o que considera a sua guerra particular. No meio das rajadas de metralhadora, emboscadas e traições, encontra uma jornalista mestiça, que transforma em amante e aliada. Contudo, sua obstinação a coloca em perigo de vida, bem como aos policiais com quem trabalha, além de lhe custar o próprio emprego. Um filme cheio de ação e polêmica do diretor de *O Franco Atirador*.

**O ASSASSINATO DE RANDY WEBSTER ★**
*(The Killing of Randy Webster, EUA, 1981)*
*Direção: Sam Wanamaker. Com Hal Holbrook, Dixie Carter, James Whitmore.*
Randy Webster foi morto pela polícia resistindo à prisão. Mas seu pai não está convencido de que ele era um criminoso. Para o sr. Webster, Randy foi assassinado. História verídica filmada para a TV. Sean Penn *(Colors)* e Jennifer Jason Leigh *(A Morte Pede Carona)*, então adolescentes, fazem pequenos papéis.

**ASSASSINATO POR AMOR ★★**
*Gli Innocenti dalle Mani Sporche, Itália/França/Alemanha, 1975)*
*Direção: Claude Chabrol. Com Romy Schneider, Rod Steiger, Paolo Giusti, Hans Christian Blech.* América.
Bela esposa de milionário impotente trama com o amante o assassinato do marido. Chabrol em mais uma trama adúltera. Lembra os livos de James Cain (autor de *O Destino Bate à Porta)*, já que, à estrutura policial clássica, adiciona um bocado de erotismo e perversão. No mais, é sempre bom rever Romy Schneider.

**O BANDIDO DA LUZ VERMELHA ★★★**
*(Brasil, 1968)*
*Direção: Rogério Sganzerla. Com Paulo Villaça, Helena Ignez, Luís Linhares, Pagano Sobrinho.* VTI.
Um bandido com uma lanterna de luz vermelha assalta mansões burguesas e violenta as mulheres que encontra. Essa é a trama efêmera que resulta num painel caótico, desconexo, montado em cima de colagem, sem qualquer preocupação com a linearidade. A narração em off inspira-se no sensacionalismo da crônica policial radiofônica. Ruptura com o cinema novo, o filme introduz o universo urbano, a sociedade de consumo e personagens degradados, compondo uma estética cafona, kitsch. *O Bandido...* é um marco no cinema nacional, uma experiência contagiante, com raízes na *nouvelle vague*, sobretudo em Godard. Essencial.

**BLADE RUNNER — O CAÇADOR DE ANDRÓIDES ★★★**
*(Blade Runner, EUA, 1982)*
*Direção: Ridley Scott. Com Harrison Ford, Sean Young, Rutger Hauer, Daryl Hannah.* Warner.
Num cenário futurista, mas dominado pelo clima *noir*, um ex-policial é recrutado para caçar andróides replicantes. Como os detetives do romance policial clássico, ele desconfia de todos, num mundo movido pela amoralidade e cinismo. Só que, ao contrário de Sam Spade, chega a vacilar por motivos pessoais. Um filme merecidamente supercultuado.

**CAÇADA DA MORTE ★★★**
*(The Driver, EUA, 1978)*
*Direção: Walter Hill. Com Ryan O'Neal, Bruce Dern, Isabelle Adjani.* VTI.
Um motorista profissional que aluga seus serviços a assaltantes é acuado por um tira obcecado, num jogo de gato e rato que ainda inclui uma bela mulher e gângsteres que se acham espertos. As cenas de perseguição e choque de carros são antológicas.

**O CASO DOS IRMÃOS NAVES ★★**
*(Brasil, 1967)*
*Direção: Luiz Sérgio Person. Com Raul Cortez, Juca de Oliveira, Anselmo Duarte, John Herbert, Lélia Abramo.* Globo Vídeo.
Durante a ditadura de Vargas (1937), um tenente torturа injustamente até a morte dois irmãos acusados pelo assassinato de um sócio. Fa-

Urânio

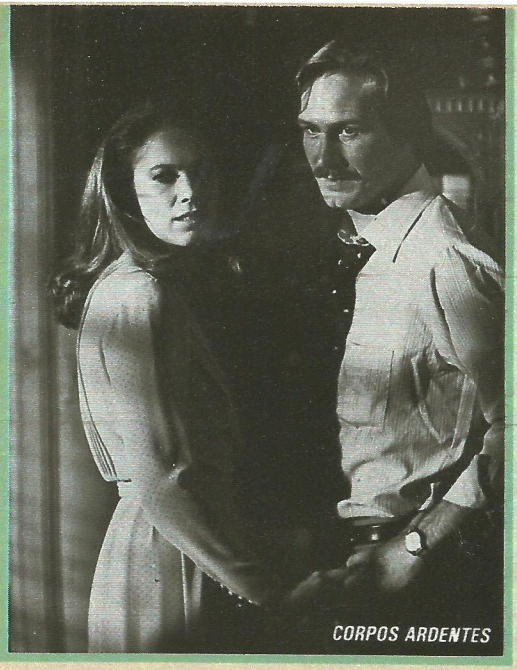
O BANDIDO DA LUZ VERMELHA

Sipa-Press

BLADE RUNNER - O CAÇADOR DE ANDRÓIDES

**O CONFRONTO FINAL ★★**
*(Southern Comfort, EUA, 1981)*
*Direção: Walter Hill. Com Keith Carradine, T.K. Carter, Peter Coyote.* VTI.
Uma patrulha da Guarda Nacional provoca caçadores nos pântanos da Louisiana e acaba sendo perseguida numa caçada mortal. A história lembra *Deliverance*, de John Boorman. Suas conseqüências, porém, são muito mais sanguinárias.

**CRACK - A CONEXÃO DA MORTE ★**
*(The Crack Connection, Alemanha Ocidental, 1986)*
*Direção: Hajo Gies. Com Gotz George, Claudia Messner.* WR.
Policial alemão para consumo internacional, dublado em inglês e com trilha sonora que inclui Tina Turner e Joe Cocker, entre outros. Absorvendo todas as lições do gênero, realiza-se um filme ágil e surpreendente em algumas de suas conclusões, apesar da história padrão. Investiga-se o tráfico de crack.
O herói, da polícia, terá até que enfrentar a mesma. Final moralista.



The Ladd Company

CORPOS ARDENTES

**CORPOS ARDENTES ★★★**
*(Body Heat, EUA, 1981)*
*Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner, Mickey Rourke.* Warner.
No calor escaldante da Flórida, um advogado de pequenas causas conhece uma ricaça estonteante, cujo marido possui ligações ilícitas com a Máfia. O encontro acaba gerando uma paixão tórrida que, conforme a tradição *noir* dos anos 40, dá lugar a um plano de assassinato. Entretanto, nem tudo acontece conforme o planejado. Em meio a inúmeras reviravoltas, o advogado percebe que sua amada é muito mais fatal do que ele imaginava. Mas é preciso descobrir ainda mais, pois ele se tornou o principal incriminado na morte do seu marido. O filme marca as estréias de Kathleen Turner e Mickey Rourke.

LANÇAMENTO

**CHINATOWN ★★★**
*(EUA, 1974)*
*Direção: Roman Polanski. Com Jack Nicholson, Faye Dunaway, John Huston, Perry Lopez, John Hillerman, Diane Ladd.* CIC.
A bela Faye Dunaway é uma *femme fatale* cercada de mentiras e segredos inconfessáveis que contrata os serviços de Nicholson, um detetive calcado nos lendários Sam Spade e Phillip Marlowe. A trama, intrincada, cheia de surpresas e reviravoltas, envolve assassinato, corrupção, política, especulação imobiliária. Num clima de perversão comum à obra do diretor polonês, há incesto, passionalidade e um desfecho trágico. A utilização de filtros alaranjados na fotografia acentua o caráter *noir* da ação situada em 37. Com um toque de genialidade, ainda na década de 70, Polanski fez o primeiro grande filme de citações, gênero que assola o cinema dos anos 80.

to verídico conhecido como um dos grandes erros judiciários do país, levou o diretor Person a realizar um dos melhores filmes do cinema nacional. Emocionante e lenta denúncia contra o autoritarismo, com excelentes interpretações. Preto-e-branco.

**CIDADE DE SANGUE★★★**
*(City of Blood, África do Sul, 1986)*
*Direção: Darrell Roodt. Com Joe Stewardson, Ian Yule.* Tec Home Vídeo.
Nada mais estranho do que um thriller sul-africano. Darrell Roodt parecia saber disso quando rodou sua *Cidade*. A mistura da falta de tradição cinematográfica do país com elementos da cultura aborígene africana dá o tom do suspense. Como protestar contra o racismo? Negros assassinam prostitutas brancas porque brancos assassinaram um líder negro. Nada é o que parece quando o sangue escorre.

Paramount

CHINATOWN

A DAMA DO CINE SHANGAI

Star/Raiz

**A DAMA DO CINE SHANGHAI ★**
*(Brasil, 1988)*
*Direção: Guilherme de Almeida Prado. Com Antônio Fagundes, Maitê Proença, Paulo Villaça.* CIC.
Tentativa paulista de conduzir uma trama tipicamente noir (mortes, noite, mulheres misteriosas, investigador, locais ermos) a uma estética dita néon-realista (vide *O Fundo do Coração*, de Coppola). Produção impecável, com esmerado cuidado em sua parte técnica, peca apenas por uma obviedade típica de obras auto-referentes. E isso é fatal para o seu mistério.

**DÉCIMO DE SEGUNDO**
*(Tenth of a Second, África do Sul, 1987)*
*Direção: Darrell Roodt. Com James While, John Carson, Janet Buckland.* Tec Home.
Uma ponta de ironia dá a partida neste thriller político do diretor sul-africano. Um militante de uma organização contra o apartheid deixa uma bomba num shopping. Quando se arrepende e resolve buscar a mala explosiva, descobre que ela foi roubada por uma família negra. Atormentado, passa a ser perseguido pela polícia e pelos "companheiros". A tensão explode num final clássico.

**DESEJO DE MATAR ★**
*(Death Wish, EUA, 1974)*
*Direção: Michael Winner. Com Charles Bronson, Hope Lange, Vincent Gardenia.* América.
Depois que sua mulher é morta e sua filha violentada por marginais, um pacífico arquiteto arma-se da cabeça aos pés e sai pelas ruas de Nova York matando bandidos. O sempre polêmico tema da justiça pelas próprias mãos é tratado aqui com muita ação e violência. Imperdível para os fãs de Charles Bronson.

**DILLINGER ★★**
*(EUA, 1973)*
*Direção: John Milius. Com Warren Oates, Ben Johnson, Harry Dean Stanton.* Globo.
Versão seca e quase documental da história do lendário bandido americano, cuja fama só não excedia a de Capone e Bonnie & Clyde. Fugas, tiroteios e assaltos a bancos são rotina de Dillinger, uma vida regada a uísque contrabandeado (o período é o da Lei Seca). O diretor depois faria *Conan*.

**DIVINO AMADEUS ★★**
*(Vergesst Mozart, Alem. Oc., 1985)*
*Direção: Slavo Luther. Com Armin Müller-Stahl, Max Tidof.* F.J. Lucas.
Sutil investigação especulativa e semipolicial sobre quem pode ter morto Mozart: Salieri, a sífilis ou a Maçonaria? A presença principal não é de Mozart em flashbacks, mas a do investigador (Stahl). Filme mórbido e soturno, de climatização interessante e desmitificadora.

**DORAMUNDO ★**
*(Brasil, 1978)*
*Direção: João Batista de Andrade. Com Rolando Boldrin, Antônio Fagundes, Irene Ravache, Denise del Vecchio, Armando Bogus.* Polevídeo.
Na pequena cidade de Cordilheira — na realidade a vila inglesa de Paranapiacaba —, são cometidos assassinatos misteriosos. A trama policial, situada em 39, é uma tentativa sutil de retratar o regime ditatorial dos anos 70.

**EXPRESSO PARA O INFERNO ★★**
*(Runaway Train, EUA, 1985)*
*Direção: Andrei Konchalovski. Com Jon Voight, Eric Roberts, Rebecca DeMornay.* América Vídeo.
Segundo filme americano do diretor soviético Konchalovski com roteiro escrito por Akira Kurosawa. Dois fugitivos de uma prisão de segurança máxima no Alasca escondem-se por azar num trem desgovernado por falta de freios. Eficientes seqüências de ação, que mesclam suspense e alegoria, elenco de primeira e uma trilha sonora envolvente.

**FALCÕES DA NOITE ★★**
*(Nighthawks, EUA, 1981)*
*Direção: Bruce Malmuth. Com Sylvester Stallone, Billy Dee Williams, Rutger Hauer.* CIC.
O melhor filme de Stallone desde que virou astro com *Rocky*, principalmente por ser apenas ator. Ele e Williams são policiais das ruas nova-iorquinas designados a capturar um líder terrorista (Hauer, em sua estréia americana, compondo bem o tipo neurótico). Tensão constante em pique acelerado.

**A FORÇA DE UM AMOR ★★**
*(Breathless, EUA, 1983)*
*Direção: Jim McBride. Com Richard Gere, Valerie Kaprisky.* Globo Vídeo.
*Remake* do clássico *Acossado*, de Godard, rodado com a cultura pop contemporânea (quadrinhos, rock'n'roll) de *background*. Um ladrão de carros vai a Los Angeles atrás de sua amada, uma francesinha universitária. Ele planeja levá-la para o México, mas a polícia está no seu encalço. Uma história de amor perigosa.

**FORT APACHE, BRONX ★★**
*(Fort Apache, the Bronx, EUA, 1981)*
*Direção: Daniel Petrie. Com Paul Newman, Edward Asner, Ken Wahl.* VTI.
Newman é um policial honesto e já meio velho que trabalha numa delegacia do

EXPRESSO PARA O INFERNO

Sipa-Press

A FORÇA DE UM A

Sipa-Press

bairro mais barra-pesada de Nova York: o Bronx. Sua, missão inclui não só deixar inativos os marginais como aplacar a falta de escrúpulos dos próprios colegas. Típica história do herói solitário. Mas bem conduzida.

**FRONTEIRA DA VIOLÊNCIA ★★**
*(The Border, EUA, 1981)*
*Direção: Tony Richardson. Com Jack Nicholson, Valerie Perrine, Harvey Keitel, Elpidia Carrillo.* CIC.
Estranhamente, Nicholson, neste filme, é o herói, um guarda da fronteira com o México encarregado de impedir a imigração ilegal, que logo percebe o tamanho da corrupção da polícia local. Não aceitando ser conivente, ele vai enfrentar praticamente todo mundo, com a ajuda de uma bela chicana.

**A FÚRIA DOS INTOCÁVEIS ★**
*(Gli Intocabili, Itália, 1968)*
*Direção: Giuliano Montaldo. Com John Cassavetes, Peter Falk, Gena Rowlands, Brit Ekland.* Poletel.
Trama intrincada sobre um membro da Máfia (Falk) que almeja a direção de um cassino e para isso contrata um ex-presidiário (Cassavetes). Envelhecido, a marca do filme é a estética dos anos 60: ternos de tergal e laquê. Vale pelas presenças de Cassavetes, Falk e Rowlands.

**F/X - ASSASSINATO SEM MORTE ★★**
*(F/X, EUA, 1986)*
*Direção: Robert Mandel. Com Bryan Brown, Brian Dennehy, Diane Venora.* LK-Tel/Columbia.
Especialista em efeitos especiais é contratado para simular a morte de importante testemunha anti-Máfia, evitando atentados reais contra a sua vida. Percebe logo, porém, ter se metido numa bela enrascada. Provará sua inocência com o auxílio de seu talento. Filme dinâmico e crescentemente interessante pelo seu elemento ilusório.

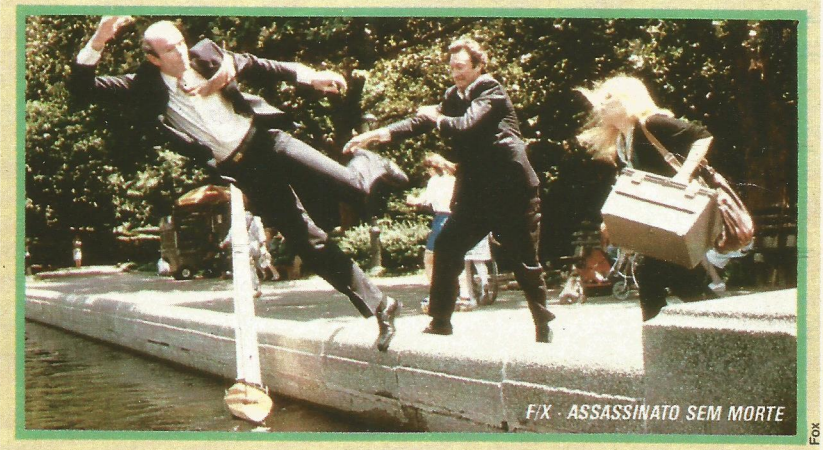
**GOLPE DE MESTRE ★★★**
*(The Sting, EUA, 1973)*
*Direção: George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford, Robert Shaw.* CIC.
Dois aventureiros na Chicago dos anos 30 planejam aplicar um golpe num poderoso gângster. A seqüência do golpe é genial. O filme ganhou sete Oscars. Todos merecidos. A trilha sonora, calcada em temas de Scott Joplin, merece ser aplaudida de pé. Newman e Redford destilam charme.

**THE GRISSOM GANG ★★**
*(EUA, 1971)*
*Direção: Robert Aldrich. Com Kim Darby, Scott Wilson, Irene Dailey, Tony Musante, Connie Stevens.* Transvídeo.
Violenta história de uma família de assaltantes baratos. Os tipos são curiosos: a mãe jararaca, o filho meio débil, o irmão com pinta de galã... Entre uma e outra discussão doméstica não faltam tiros, facadas, socos e tapas. O bom diretor Aldrich (de *Vera Cruz* ) mais uma vez acertou a mão.

**GUERRA ENTRE GÂNGSTERES ★★**
*(The Gangster Wars, EUA, 1981)*
*Direção: Richard C. Sarafian. Com Michael Nouri, Brian Benben, Joe Penny.* CIC.
Policial que insere todos os elementos típicos dos filmes de gângster por narrar a amizade real entre os mafiosos 'Lucky' Luciano, 'Bugsy' Siegel e Meyer Lanski, com aparições de Legs Diamond, Al Capone e outros. O universo de proteções, traições e riquezas é narrado com um detalhismo que por vezes provoca contusão ou distanciamento. Apesar de lento, tem bom tempero italiano. Madeleine Stowe, de *Tocaia*, faz uma das esposas. Defende bem o gênero.

**O HOMEM DA CAPA PRETA ★**
*(Brasil, 1986)*
*Direção: Sérgio Resende. Com José Wilker, Marieta Severo, Ionas Bloch.* Manchete Vídeo.
A capa preta de Tenório Cavalcanti servia não só para esconder uma bela metranca, apelidada "Lurdinha", como também para criar uma aura soturna em torno da sua figura. Gângster respeitável e político nem tanto, sua carreira entrou em declínio irreversível com o golpe de 64. Mas o filme, em ritmo de policial, mostra mais os motivos pelos quais era temido e reinava na Baixada Fluminense.

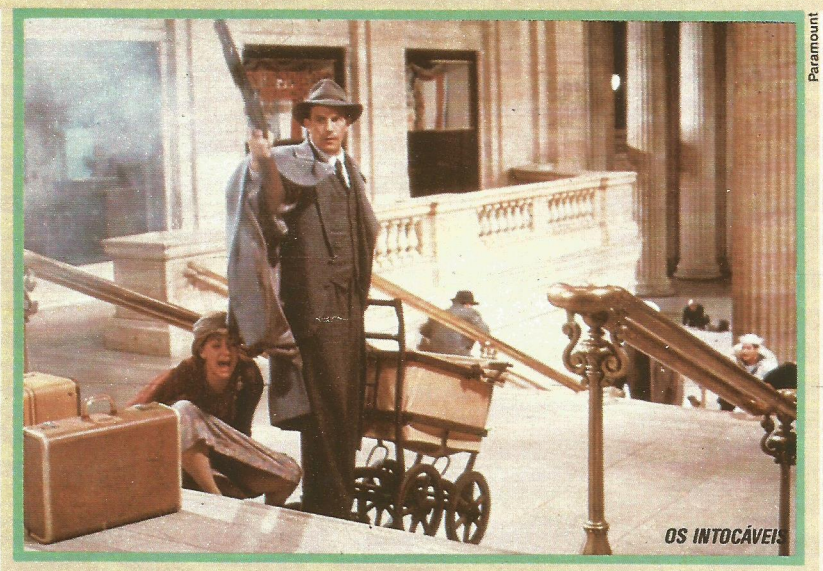
A HONRA DO PODEROSO PRIZZI
ABC


F/X - ASSASSINATO SEM MORTE
Fox

**A HONRA DO PODEROSO PRIZZI**
*(Prizzi's Honor, EUA, 1985)*
*Direção: John Huston. Com Jack Nicholson, Kathleen Turner, Anjelica Huston, John Randolph.* Transvídeo.
O assassino profissional Partana (Nicholson) é contratado para executar a pistoleira polonesa (Turner) que burlou o grupo mafioso do papa Prizzi, mas se apaixona por ela e é correspondido. Entre a honra do dever cumprido e o amor, uma trama bizarra, pontuada de fino humor negro.

**INOCÊNCIA FATAL ★★**
*(Blind Alley / Perfect Strangers, EUA, 1984)*
*Direção: Larry Cohen. Com Anne Carlisle, Brad Rijn.* Globo Vídeo
Diretor *darling* dos independentes (de *Nasce um Monstro)* e a atriz de *Liquid Sky* oferecem um policial com chances de se tornar um cult. Garoto de três anos testemunha um crime. O assassino se aproxima da mãe para verificar se ele pode reconhecê-lo e/ou denunciá-lo. Nasce uma relação tensa e

GOLPE DE MESTRE
Universal


Paramount

OS INTOCÁVEIS

sensual. Ambientado no So-Ho, o filme dá amplos espaços para grafites e sonoridades modernas. E convence como filme.

**UM LANCE NO ESCURO ★★★**
*(Night Moves, EUA, 1975)*
*Direção: Arthur Penn. Com Gene Hackman, Jennifer Warren, Susan Clark.* Warner.
Penn, após o grande sucesso de *Bonnie and Clyde*, tenta conquistar a intelectualidade e realiza um policial que não se perde em seus detalhes "afrancesados".
Em linhas gerais, Hackman investiga o paradeiro da filha de uma atriz aposentada, que se envolveu com um dublê. Nada é o que aparenta ser. Um filme sobre o fatalismo, inteligente e cruel. Estréia de Melanie Griffith, aos 18 anos.

**KLUTE — O PASSADO CONDENA ★★★**
*(Klute, EUA, 1971)*
*Direção: Alan J. Pakula. Com Jane Fonda, Donald Sutherland, Charles Cioffi, Roy Scheider.* Warner.
Klute (Sutherland) é um policial de província que vai a Nova York procurar um amigo desaparecido. No meio das investigações, apaixona-se por uma prostituta (Fonda, no papel que lhe deu o primeiro Oscar), que passa a ser perseguida por um estranho assassino. Eficiente combinação de thriller policial e drama psicológico, conduzida em tom seco pelo bom diretor Pakula, o mesmo de *Todos os Homens do Presidente* e *A Trama*.

**LADRÃO POR EXCELÊNCIA ★★**
*(Rough Cut, EUA, 1980)*
*Direção: Don Siegel. Com Burt Reynolds, Lesley-Anne Down, David Niven.* CIC.
Jack Rhodes é um sofisticado ladrão de jóias, uma imitação barata e divertida do Cary Grant de *Ladrão de Casaca*. Conhece uma bela garota (Lesley-Anne Down), com quem se envolve. Ela, também ladra e hedonista, é a isca de um inspetor de polícia (Niven), obcecado pela captura de Rhodes. Exercício despretencioso de Siegel, um dos mestres do policial.

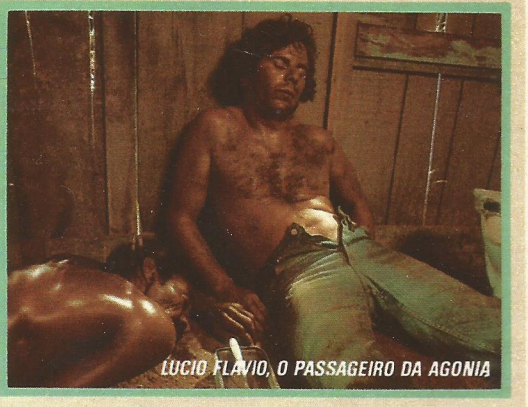
**LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO ★★**
*($ (Dollars), EUA, 1972)*
*Direção: Richard Brooks. Com Warren Beatty, Goldie Hawn, Gert Frobe.* RCA-Columbia.
Do diretor de *A Sangue Frio*. Conta a história de um mirabolante roubo de banco praticado por um casal (Beatty e Hawn). A graça está em que as próprias vítimas terão que se lançar em perseguição à dupla, já que não têm a ficha limpa na polícia. Mocinhos de moral duvidosa e simpáticos bandidos são a tônica deste filme ágil, de tirar o fôlego.

**LEGÍTIMA VIOLÊNCIA ★★**
*(Legitime Violence, França, 1982)*
*Direção: Serge Leroy. Com Claude Brasseur, Thierry Lhermitte.* Videocassete do Brasil.
Séria discussão sobre a viabilidade e necessidade da justiça com as próprias mãos. Brasseur vê sua família ser inocentemente morta num atentado terrorista numa estação de trem. Ante a inércia policial, decide agir sozinho. Uma organização de extrema direita cruza o seu caminho. Um filme-denúncia. Participações de Christophe Lambert e Valerie Kaprisky em começo de carreira.

**O LIMITE DA TRAIÇÃO ★**
*(Extreme Prejudice, EUA, 1987)*
*Direção: Walter Hill. Com Nick Nolte, Powers Boothe.* Tranvídeo.
Hill já perdeu a mão preciosa de filmes como *Warriors*. Esse faroeste moderno é prova disso. Apesar de sempre correto, nunca alça maiores vôos e nem consegue arrebatar o espectador nessa história sobre uma amizade de infância que, hoje, coloca dois homens em lados opostos da lei. Situação clássica. Como cenário, a fronteira do México.

**LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA ★★★**
*(Brasil, 1977)*
*Direção: Hector Babenco. Com Reginaldo Farias, Milton Gonçalves, Paulo Cesar Pereio, Ana Maria Magalhães.* CIC.
Com um estilo ágil e preciso nas angulações e na montagem, Babenco realizou um dos melhores filmes policiais brasileiros de todos os tempos. Reginaldo Farias está excelente na pele do famoso bandido carioca assassinado na prisão. Além disso, o filme desnuda as relações entre o Esquadrão da Morte e a polícia.

**McQ — UM DETETIVE FORA DA LEI ★**
*(McQ, EUA, 1974)*
*Direção: John Sturges. Com John Wayne, Eddie Albert, Diana Muldaur, Coleen Dewhurst.* Warner.
Policiais são mortos misteriosamente. Um deles era amigo de McQ ( o eterno justiceiro John Wayne), um velho tira que, ao investigar, esbarra na própria polícia, corrupta e comprometida até o pescoço. McQ, então, entrega a insígnia e passa a correr por fora, implacavelmente. Veículo para Wayne, pouco acima da média.


Embrafilme

LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA

**OS INTOCÁVEIS ★★★**
*(The Untouchables, EUA, 1987)*
*Direção: Brian De Palma. Com Kevin Costner, Sean Connery, Robert De Niro, Charles Martin Smith.* CIC.
Eis a obra da maturidade de De Palma. Um policial à moda antiga, seja na temática, seja na exaltação da inocência contra o mal, seja no ritmo sentimental. Ness (Kevin Costner) arregimenta um policial que fazia rondas noturnas, à beira da aposentadoria, honesto e irlandês — papel que deu o Oscar a Sean Connery —, um novato bom de pontaria (Andy Garcia) e um contador arguto e entusiasmado (Charles Martin Smith) para cercar a organização mafiosa de Al Capone (De Niro), botá-lo no xilindró e dar cabo do tráfico ilegal de bebidas na Chicago dos anos 30. Os bandidos reagem e ameaçam até mesmo a filhinha e a mulher do incorruptível Ness. As citações habituais do diretor estão espetaculares. Numa estação ferroviária ele recria a seqüência monumental das escadarias de Odessa, de *O Encouraçado Potenkim*, de Eisenstein. Entrou para a história. Um pistoleiro cai de um prédio como o guarda anônimo que despenca no início de *Um Corpo que Cai*, de Hitchcock. Cinema americano do melhor, que faz o clássico tangenciar a eternidade.

**MADIGAN – OS IMPIEDOSOS ★★★**
*(Madigan, EUA, 1968)*
*Direção: Don Siegel. Com Richard Widmark, Henry Fonda, Harry Guardino, Michael Dunn, James Whitmore.* CIC.
Excelente filme despretensioso do lendário Siegel, um dos melhores diretores de filmes B, que narra os problemas cotidianos do detetive Madigan — nas ruas, com seus colegas e seu chefe. Madigan é um policial determinado, durão, com dilemas intermináveis, que se aventura num caso perigoso que pode custar sua própria vida. Filmado realisticamente na cidade de Nova York, a história oferece detalhes autênticos do funcionamento de um departamento de polícia. Acabou virando série de TV.

Warner

## MÁQUINA MORTÍFERA ★★

*(Lethal Weapon, EUA, 1987)*
*Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Danny Glover, Gary Busey, Darlene Love.* Warner.
Se coragem é atributo de não temer a morte, o policial Riggs (Gibson) tem esse atributo em dobro: ele *quer* morrer, dilacerado pela saudade que sente da mulher que o deixou — e por isso é corajoso como um louco nas ações policiais. Seu parceiro, Murtaugh, vivido pelo ator negro Danny Glover, é o oposto: está perto da aposentadoria, tem família, ama esposa e filhos, *quer* viver e evita matar. O parceiro suicida é um estorvo, está para ser afastado da polícia e não ajuda em nada. Até que surge uma situação em que só um suicida, bom de pontaria e artes marciais, pode resolver. Investigando um aparente suicídio da filha de um amigo de Murtaugh (ambos combateram no Vietnã) a dupla vai desembocar numa formidável quadrilha internacional de traficantes. Os bandidos seqüestram a filhinha de Glover e aí ele fica ainda mais alopra-do do que Riggs. Outro atrativo: o "Mad Max" Gibson revela-se um ator melhor do que a encomenda.

## MEU NOME É COOGAN ★

*(Coogan's Bluff, EUA, 1968)*
*Direção: Don Siegel. Com Clint Eastwood, Lee J. Cobb, Don Stroud, Susan Clark.* CIC.
Na Nova York dos anos 60, Clint/Coogan, um policial turrão do Arizona, tenta desvencilhar-se da burocracia da metrópole para obter a extradição de um preso. Mais uma vez calado e solitário, o velho e bom Clint dá o recado. A decepção fica por conta da direção vacilante de Don Siegel. Normalmente, isso seria impensável.

## MEU OFÍCIO É MATAR ★★

*(Suddenly, EUA, 1954)*
*Direção: Lewis Allen. Com Frank Sinatra, Sterling Hayden, James Gleason.* Hollywood Classics.
Filme maldito em sua época e um tanto premonitório, pois trata da tentativa de assassinar o presidente dos EUA. Sinatra, magro, encovado, está perfeito no papel do pusilânime assassino contratado — tão perfeito que renegaria o filme mais tarde. Lançado nove anos antes que Lee Oswald explodisse os miolos de John F. Kennedy.

## 1931, NOVA YORK VIOLENTA ★

*(1931, Once Upon a Time in New York, EUA, 1972)*
*Direção: Vance Lewis. Com Tony Anthony, Adolfo Celi, Irene Papas.* MegaVídeo.
Filme de gângsteres em tom involuntário de farsa e elenco internacional. Narra as peripécias de um pistoleiro, Pete Di Benedetto, feinho e pouco convincente — mas talvez esteja aí a graça. A despeito do título, Nova York não aparece.

## MISTÉRIO NO PARQUE GORKI ★★

*(Gorky Park, EUA, 1983)*
*Direção: Michael Apted. Com William Hurt, Lee Marvin, Joanna Pacula, Brian Dennehy.* Globo Vídeo.
Hurt é uma espécie de Marlowe soviético, que investiga com peculiar humor eslavo e uma total falta de recursos as sujas armações que envolvem a KGB e um proeminente comerciante americano (o perigosíssimo Lee Marvin, em seu último papel de relevo). Um filme muito curioso, rodado em Helsinque, Finlândia (para dar o clima moscovita). Muita atenção: a trama é um pouco confusa.

## O NOME DA ROSA ★★

*(Le Nom de la Rose, França/Itália/Alemanha, 1986)*
*Direção: Jean-Jacques Annaud. Com Sean Connery, Christian Slater, F. Murray Abraham.* Globo Vídeo.
No século 14, um monge sherlockiano investiga mortes misteriosas ocorridas num mosteiro italiano. Adaptação do best-seller de Umberto Eco, privilegiando sua trama policial e o clima soturno da Idade Média.

Orion

Paris

**O PARCEIRO DO SILÊNCIO ★★**
*(The Silent Partner. Canadá, 1979)*
*Direção: Daryl Duke. Com Elliott Gould, Christopher Plummer, Susannah York.* Transvídeo.
Suspeitando dos planos de assalto de um antipático Papai Noel, um bancário (Gould) desvia uma soma valiosa para si próprio. O problema é que o ladrão (Plummer) percebe e passa a ameaçá-lo, querendo o resto do dinheiro. O roteiro febril de Curtis Hanson garante o suspense.

**PERIGOSAMENTE JUNTOS ★★**
*(Legal Eagles, EUA, 1986)*
*Direção: Ivan Reitman. Com Robert Redford, Debra Winger, Daryl Hannah, Brian Dennehy.* CIC.
Daryl Hannah (a replicante loira de *Blade Runner*) é uma artista performática que se envolve em um intrincado caso de roubo de obras de arte. Para complicar, surgem na história um promotor (Redford) e uma advogada de defesa (Winger), e fecham um triângulo amoroso com a suposta ladra. Policial leve que se apóia no carisma dos atores.

**PERSEGUIDOR IMPLACÁVEL ★**
*(Dirty Harry, EUA, 1971)*
*Direção: Don Siegel. Com Clint Eastwood, Harry Guardino.* Warner.
Clint Eastwood, lacônico e durão como sempre, é o tira preocupado em deter um assassino psicopata que está matando a esmo pessoas inocentes. A seqüência da perseguição ao ônibus seqüestrado pelo homicida e repleto de criancinhas é eletrizante. Siegel sente-se em casa dirigindo esse filme de ação incessante.

**PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO ★★★**
*(Brasil, 1980)*
*Direção: Hector Babenco. Com Marília Pera, Fernando Ramos da Silva, Jardel Filho.* CIC.
Realismo exacerbado para retratar a vida dos menores abandonados no Brasil. Além do excelente trabalho de Marília Pera, o filme tem a presença do "pixote" Fernando Ramos, aos 12 anos. Sete anos mais tarde, ele morreria fuzilado por policiais em Diadema, SP. Um filme barra-pesada, levado em ritmo tenso, que projetou o diretor Babenco internacionalmente.

**POLICE ★**
*(França, 1985)*
*Direção: Maurice Pialat. Com Gérard Depardieu, Sophie Marceau, Richard Anconina.* Polevídeo.
Policial honesto (Depardieu) apaixona-se pela mulher de um traficante preso e descobre ligações de vários tiras com o tráfico de drogas. Trama convencional é usada em filme de autor, com narrativa incômoda e final abrupto.

**POR TRÁS DE UM ASSASSINATO ★**
*(Flashpoint, EUA, 1984)*
*Direção: William Tannen. Com Kris Kristofferson, Treat Williams, Rip Torn.* VTI.
Policial mediano que se revela mais interessante do que de início se poderia supor. Dois policiais da fronteira (Texas/México) descobrem uma fortuna em dólares num carro há muito destroçado. Por parecer assunto velho e esquecido, decidem ficar com o dinheiro. Mas esta é a ponta de um iceberg nada ameno.

**A PRÓXIMA VÍTIMA ★**
*(Brasil, 1983)*
*Direção: João Batista de Andrade. Com Antônio Fagundes, Louise Cardoso, Mayara Magri, Gianfrancesco Guarnieri.* Vídeocassete do Brasil.
Várias prostitutas do bairro paulistano do Brás são esfaqueadas sem que o assassino seja descoberto. Um repórter de TV decide investigar os crimes. Versão brasileira de Jack, o Estripador, com fundo político.

**48 HORAS ★★**
*(48 Hours, EUA, 1982)*
*Direção: Walter Hill. Com Nick Nolte, Eddie Murphy.* CIC.
48 horas é tudo o que um policial conturbado dispõe para resolver um caso com o auxílio de um preso sob sua custódia. Murphy estréia no cinema como o presidiário em liberdade, arrogante e maneiro, que dá um baile no policial branco e durão. A ação é frenética, cheia de socos, tiros, perseguições automobilísticas e palavrões.

**QUEIMANDO-SE LENTAMENTE ★**
*(Slow Burn, EUA, 1986)*
*Direção: Matthew Chapman. Com Eric Roberts, Beverly D'Angelo, Dan Hedaya.* CIC.
O que torna este telefilme bastante convincente é a presença de Eric Roberts (*Expresso para o Inferno*), numa caracterização a Philip Marlowe. Ele, um ex-jornalista, detetive por necessidade, é encarregado de um caso simples a princípio, mas que se torna mais e mais escabroso à medida que secretas perversões vêm à tona. Destaque para a narração em primeira pessoa, cínica e desiludida.

**QUEM MATOU ANABELA? ★**
*(Brasil, 1956)*
*Direção: David A. Hamza. Com Ana Esmeralda, Procópio Ferreira, Jaime Costa, Ruth de Souza, Carlos Zara.* Abril Vídeo.
Policial atípico sobre moça que aparece morta em uma represa. Na pensão onde ela morava, todos os hóspedes querem assumir a autoria do crime. As investigações, conduzidas com humor por Procópio Ferreira, chegam a um final que surpreende.

**REPÚBLICA DOS ASSASSINOS ★**
*(Brasil, 1979)*
*Direção: Miguel Faria Jr. Com Tarcísio Meira, Sandra Bréa, Anselmo Vasconcelos, José Lewgoy.* CIC.
A vida de um policial fictício conta a mais-do-que-verdadeira história dos abusos cometidos pelas organizações paramilitares, como o Esquadrão da Morte, nos anos 70. O roteiro é confuso, os crimes políticos do E.M. não são mencionados, mas a soberba atuação de Anselmo Vasconcelos vale o filme.

**ROBOCOP ★★★**
*(EUA, 1987)*
*Direção: Paul Verhoeven. Com Peter Weller, Miguel Ferrer, Nancy Allen.* Globo Vídeo.
RoboCop é uma mistura de homem e robô nesta sarcástica visão da violência urbana no futuro. Por motivos mais ou menos óbvios, ele é o perfeito policial, sempre impassível e imune — não só aos tiros, mas também às chantagens e subornos. Apesar dos excessos (divertidos), o que o filme mostra não é de todo improvável, e inquieta o estômago, já meio embrulhado.

**RONDA MORTAL ★★**
*(Mortelle Randonée, França, 1982)*
*Direção: Claude Miller. Com Michel Serrault, Isabelle Adjani.* Mundial Filmes.
Uma criminosa foragida atravessa a Europa usando várias identidades e matando seus casos amorosos. Em seu encalço está um detetive fascinado, que projeta na mulher fatal a lembrança de sua filha falecida, numa vocação *noir* para a tragédia.

PIXOTE
CIC

A PRÓXIMA VÍTIMA

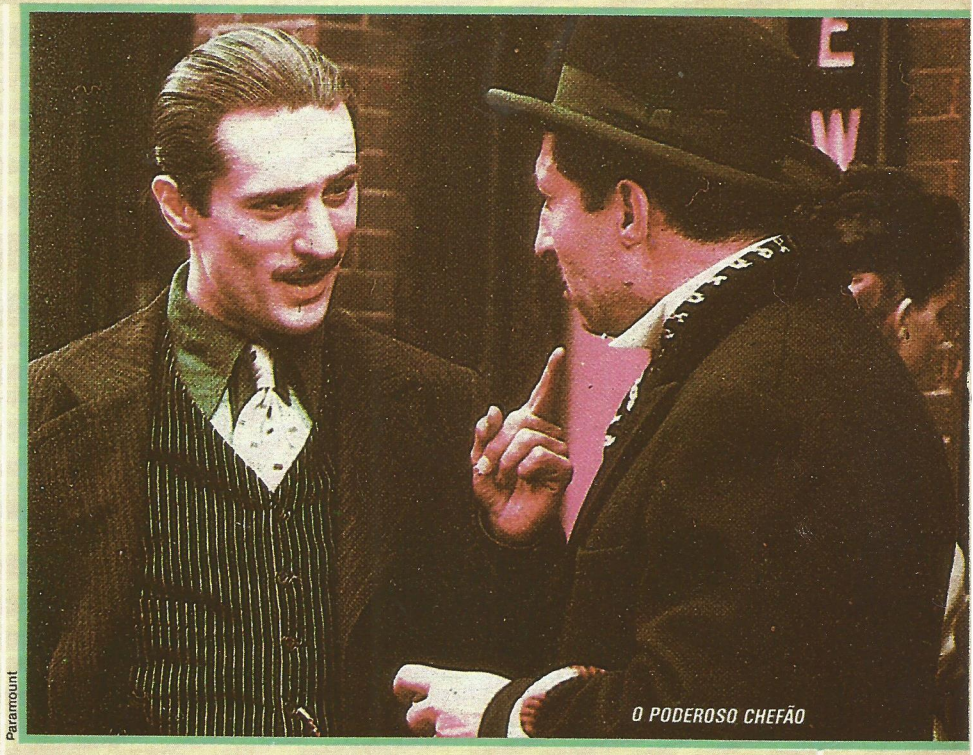
ROBOCOP
Orion

**O PODEROSO CHEFÃO ★★★**
*(The Godfather, EUA, 1972)*
*Direção: Francis Ford Coppola. Com Marlon Brando, Al Pacino, Robert Duvall, Diane Keaton.* CIC.

**O PODEROSO CHEFÃO II ★★★**
*(The Godfather — Part II, EUA, 1974)*
*Direção: Francis Ford Coppola. Com Al Pacino, Robert De Niro, Robert Duvall, Diane Keaton.* CIC.

Histórias de gângsteres sempre renderam ao cinema americano argumentos infalíveis para sucessos de bilheteria. Algumas vezes, porém, essa receita fácil escapa das costumeiras sucessões de clichês para cair nas mãos de um verdadeiro artista, capaz de transformar essa tosca matéria-prima em algo genial. É o caso de *O Poderoso Chefão* e sua não menos inesquecível seqüência (ou complementação), dirigidas pelo *fausto* de Hollywood, Francis Ford Coppola. A saga da família Corleone, adaptada de um *best-seller* do italiano Mario Puzo, é uma daquelas versões mafiosas do *american way of life* dos imigrantes que começaram a chegar à América no começo do século. Na primeira parte, o cenário é a Nova York da década de 40, em plena Depressão. Don Corleone (o bom e velho Marlon Brando) controla com mão de ferro o mercado paralelo da ilegalidade. Quando surge o narcotráfico, se recusa a ceder proteção ao novo negócio. O crime organizado se divide. A família Corleone começa a sofrer pesadas baixas. Mike (Pacino), o filho caçula, assume o comando e dá a sua versão para o rígido código de honra mafioso.

Na segunda parte, Coppola dá voltas no tempo para cobrir 60 anos e três gerações da família, complementando sua história. A partir da diferença de estilos de Mike (ainda Pacino) e de seu pai, Vito (aqui vivido por De Niro), Coppola reconstitui — em *flashbacks* — a ascensão dos Corleones desde sua partida da Itália, confrontando a passionalidade de um com a frieza de outro para provar que, desde que organizado, o crime (ou a família) sempre valerá a pena. Assim como os filmes de gângster.


Paramount
O PODEROSO CHEFÃO

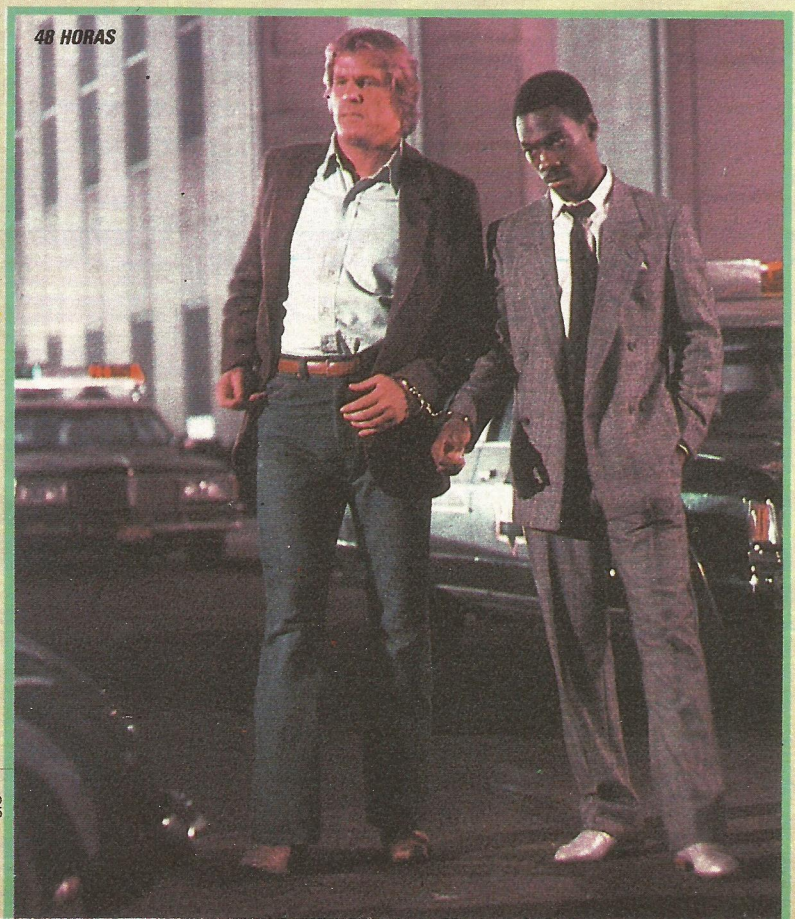
**SANGUINÁRIOS E CORRUPTOS ★**
*(Le Juge Fayard, França, 1977)*
*Direção: Ives Boisset. Com Patrick Dewaere, Aurore Clement, Philippe Leotard.* Poderosa.
Jovem juiz enfrenta a corrupção administrativa e a máfia francesa.
Até aqui nada de novo, não fosse a participação carismática de Dewaere, do cultuado *Corações Loucos* (anos depois, ele se mataria). Ainda assim, o filme atrai até o final, por impacto.

**SAPPHIRE ★★**
*(Inglaterra, 1959)*
*Direção: Basil Dearden. Com Nigel Patrick, Yvonne Mitchell.* F.J. Lucas.
O assassinato de uma estudante que se faz passar por branca leva a polícia britânica aos animados clubes negros de jazz. Racismo, vida noturna e hipocrisia são o combustível deste policial polêmico, que além de entreter também faz crítica social.

**SCARFACE ★★★**
*(EUA, 1983)*
*Direção: Brian De Palma. Com Al Pacino, Michelle Pfeiffer, Steve Bauer, F. Murray Abraham.* CIC.
Esta refilmagem do clássico de Howard Hawks narra a ascensão de um refugiado cubano no controle do tráfico de cocaína. Um filme em que a exagerada violência tem um lado paródico, mas sempre tenso e inquietante. Sua metragem é um pouco mais que longa, mas a beleza de Michelle Pfeiffer e a cena final, apoteótica, valem a vigília.

**SEM MOTIVO APARENTE ★**
*(Sans Mobile Apparent, França, 1971)*
*Direção: Phillipe Labro. Com Jean-Louis Trintignant, Dominique Sanda, Laura Antonelli, Sacha Distel.* Office.
Em Nice, o maior balneário da Côte d'Azur, uma série de assassinatos é cometida sem que haja qualquer ligação aparente entre as vítimas. Para descobrir o assassino, o inspetor Carella vai ter de abrir alguns precedentes... *Noir* estiloso, valorizado pelo elenco.

**NA SENDA DO CRIME ★★**
*(Brasil, 1954)*
*Direção: Flaminio Bollini Cerni. Com Miro Cerni, Cleyde Yáconis, Silvia Fernanda, Renato Consorte.* Globo Vídeo.
Enquanto história, um policial que pouco traz de novo, apesar de muito bem dirigido (que se leve em conta as limitações técnicas da época). Um bancário quer dar um belo golpe e se une a três salafrários para cometer alguns assaltos. O final é punitivo. O que mais interessa é ver São Paulo em seu quarto centenário, em vias de se modernizar. É uma cidade em obras. O clímax, num prédio em construção, é bastante bom.


48 HORAS
CIC

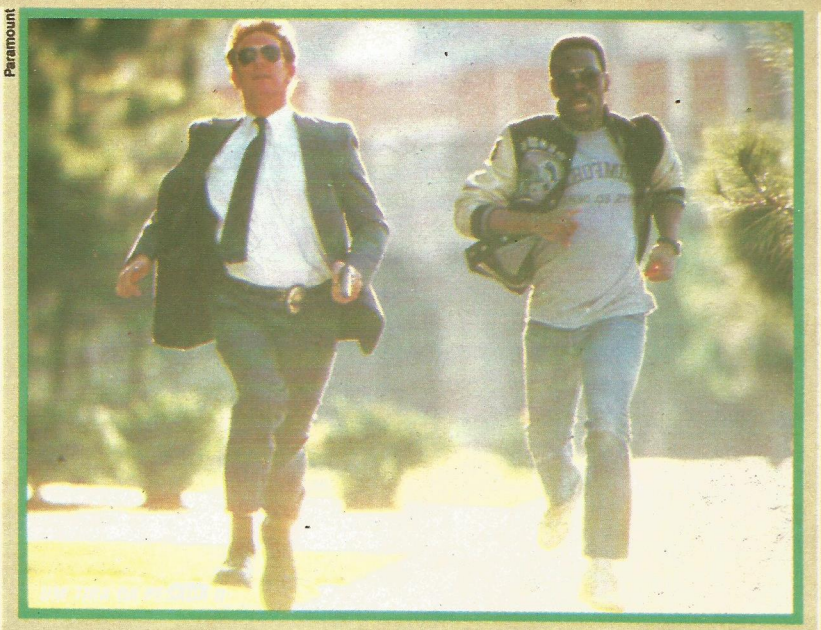
**SERPICO ★★**
*(EUA, 1973)*
*Direção: Sidney Lumet. Com Al Pacino, Tony Roberts, John Randolph, Jack Kehoe.* RCA-Columbia.
Típico "policial crítico" dos anos 70, realizado pelo excelente diretor de *Um Dia de Cão, Rede de Intrigas* e *O Veredito*. Pacino é Frank Serpico, tira de origem italiana que se torna *persona-non-grata* entre os policiais de Nova York por não compactuar com a corrupção generalizada na corporação. Baseado em fatos reais.

**SUBWAY ★**
*(França, 1985)*
*Direção: Luc Besson. Com Isabelle Adjani, Christophe Lambert, Michel Galabru.* Poletel.
Policial em ritmo de clip sobre anti-herói perseguido por tiras nos túneis do metrô parisiense. Muito estilo num cenário incomum, que conta, entre outras coisas, com a beleza estonteante de Isabelle Adjani e o cinismo de Lambert.

**TEMPORADA SANGRENTA ★**
*(The Mean Season, EUA, 1985)*
*Direção: Philip Borsos. Com Kurt Russell, Mariel Hemingway, Richard Jordan.* LK-Tel/Columbia.
Policial que brinca com a ética jornalística. Repórter policial de Miami, às vésperas de escolher uma vida mais calma, passa a servir de porta-voz de um louco criminoso. Ao mesmo tempo em que tenta desvendar a sua identidade, os crimes continuam. Quem estaria usando quem? Filme sóbrio que, na meia hora final, vira perseguição banal.

**UM TIRA DA PESADA II ★★**
*(Beverly Hills Cop II, EUA, 1987)*
*Direção: Tony Scott. Com Eddie Murphy, Judge Reinhold, Jürgen Prochnow, Brigitte Nielsen.* CIC.
Esse é um dos raros casos em que a continuação é bem superior ao primeiro. Uma das razões é o diretor Tony Scott *(Ases Indomáveis)* ter casado muito bem uma trama policial elaborada e ultramovimentada com o show de humor do palhaço mais rico dos EUA. Alex Foley (Murphy) vai à Califórnia ajudar a solucionar os "crimes do alfabeto", cometidos por uma gang cuja líder é Brigitte Nielsen, a mulher que pôs Silvester Stallone a nocaute.

Paramount



Columbia

**TIRA OU LADRÃO ★**
*(Flic ou Voyou, França, 1980)*
*Direção: Georges Lautner. Com Jean-Paul Belmondo, Marie Laforêt, Michel Galabru, Juliette Mills.* Polevídeo.
Belmondo é o simpático Borowitz, tira encarregado de limpar a polícia francesa da corrupção. Usando métodos pouco ortodoxos, quase sempre é confundido com um bandido, dando margem a muitas gags.

**A TESTEMUNHA ★★★**
*(Witness, EUA, 1985)*
*Direção: Peter Weir. Com Harrison Ford, Kelly McGillis.* CIC.
O pretexto é uma trama policial, mas o texto é uma visão delicada e original do velho tema do amor impossível. Aqui trata-se do confronto de uma bela viúva *amish* — seita anabatista, cujos seguidores vivem como se estivessem no século XVIII — e um policial. Os mundos são incomunicáveis e a paixão, transpirante de sensualidade, não pode se consumar. Weir abusa dos closes, criando um clima denso de desejo contido. E demonstra que um bom policial não precisa de violência gratuita. O filme consagrou Harrison Ford, que foi, inteligentemente, o responsável pelo convite ao diretor australiano para que o dirigisse. Os dois voltariam a colaborar em *A Costa do Mosquito*.

Sipa Press

**TROUBLE IN MIND ★★**
*(EUA, 1986)*
*Direção: Alan Rudolf. Com Kris Kristofferson, Keith Carradine, Lori Singer e Geneviève Bujold.* OMNI.
Hawk (Kris), um ex-policial que pagou longa pena por matar um homem, sai da cadeia e não consegue voltar à função. Coop (Keith), casado com a bela Georgia (Lori), cansado de viver como um cigano num trailer, parte para tentar a vida na cidade. Coop vira um ladrão profissional e deixa Georgia semi-abandonada. Hawk, que se liga nela, é recusado pela lei e flertado pelo crime. Um filme com um toque noir, moderno e elegante.

**O ÚLTIMO HOMEM INOCENTE ★★★**
*(The Last Innocent Man, EUA, 1987)*
*Direção: Roger Spottiswoode. Com Ed Harris, Roxanne Hart, David Suchet.* Herbert Richers.
Thriller que gira em torno da consciência de um advogado (Ed Harris). Cansado de defender e inocentar possíveis assassinos, ele resolve sair de cena. Mas, por questões pessoais (uma mulher), volta a se enredar nas ambigüidades do exercício penal. Um filme tenso, com alguma violência e considerações sombrias e oportunas sobre ética profissional.

LANÇAMENTO
LANÇAMENTO

# SUSPENSE

ATRAÇÃO FATAL

COTAÇÃO
★ REGULAR
★★ BOM
★★★ ÓTIMO

**ASSASSINATO NO ORIENTE EXPRESSO★**
*(Murder in the Orient Express, Inglaterra, 1974)*
*Direção: Sidney Lumet. Com Albert Finney, Lauren Bacall, Ingrid Bergman.* VTI.
Baseado num dos textos mais instigantes de Agatha Christie, o filme reúne um elenco estelar. Durante uma viagem de trem de Istambul a Calais, um crime é cometido. Todos os passageiros são suspeitos, exceto, é claro, monsieur Hercule Poirot (Finney).

**ASSASSINATO NUM DIA DE SOL ★**
*(Evil under the Sun, Inglaterra, 1982)*
*Direção: Guy Hamilton. Com Peter Ustinov, Jane Birkin, James Mason, Maggie Smith.* VTI.
Ambientado na Majorca, um caso que Agatha Christie entregou a Hercule Poirot (Ustinov). Várias pessoas são convidadas a uma ilha, e a anfitriã é morta. Filmagem convencional com produção esmerada e elenco all-star, o que a torna bastante desfrutável.

**ASSASSINATO POR DECRETO ★★**
*(Murder by Decree, Inglaterra/Canadá, 1979)*
*Direção: Bob Clark. Com Christopher Plummer, James Mason, Geneviève Bujold, Donald Sutherland.* Globo Vídeo.
Rompendo a cortina do *fog*, Sherlock Holmes investiga assassinatos de prostitutas na noite londrina. Esta é mais uma versão de Jack, o Estripador, só que com uma trama superintricada e um desfecho mirabolante.

**ATRAÇÃO FATAL ★**
*(Fatal Attraction, EUA, 1987)*
*Direção: Adrian Lyne. Com Michael Douglas, Glenn Close, Anne Archer.* CIC.
Um advogado "bem casado", cuja esposa está viajando, cai nas garras de uma executiva disponível. O encontro de uma noite torna-se um pesadelo, porque a vamp passa a persegui-lo. Filme com o moralismo repugnante da era da Aids, mas que provoca muitos sustos.

**BLACKOUT ★**
*(EUA, 1985)*
*Direção: Douglas Hickox. Com Richard Widmark, Kathleen Quinlan, Keith Carradine.* Vic.
Um homem acidentado e amnésico, que tem seu rosto reconstruído plasticamente, pode ser pai de família responsável por chacina da esposa e dos três filhos. Cabe à enfermeira, que se apaixona por ele, temer esse passado não enterrado. Bom elenco ajuda este filme sério e bastante assistível, que só peca por não evitar o óbvio.

**BRINCADEIRA MORTAL ★★**
*(One Joke Too Many Bloody Kids, Inglaterra, 1979)*
*Direção: Stephen Frears. Com Derrick O'Connor, Gary Holton, Richard Thomas.* Everest.
Telefilme de início de carreira do diretor de *O Amor Não Tem Sexo* (!), igualmente num tom cruel e impiedoso. Todo passado em uma só noite, gira em torno de dois garotos que simulam uma briga para chamar atenção. Um deles acaba mesmo ferido e, no hospital, inventa mentiras sobre o seu amigo, que foge e conhece a louca noite londrina. Instigante.

**A CASA VERMELHA ★★★**
*(The Red House, EUA, 1949)*
*Direção: Delmer Daves. Com Edward G. Robinson, Lon McCallister, Allene Roberts.* VTI.
Um fazendeiro obcecado por uma misteriosa casa abandonada trata de manter todos os curiosos afastados. Entretanto, sua filha não consegue resistir à curiosidade de descobrir o segredo da casa vermelha. Climático thriller psicológico.

**O CASAL OSTERMAN ★★**
*(The Osterman Weekend, EUA, 1983)*
*Direção: Sam Peckinpah. Com Rutger Hauer, John Hurt, Craig T. Nelson.* VTI.
John Hurt, um agente da CIA, convence um jornalista de que três de seus amigos são espiões soviéticos. É o ponto de partida para uma trama sinuosa, rica em surpresas e reviravoltas. Não é o melhor Peckinpah, mas ainda assim um filme que mantém o interesse do início ao fim.

**CONSPIRAÇÃO NUCLEAR ★★★**
*(The Nuclear Conspiracy, Inglaterra, 1986)*
*Direção: Rainer Erler. Com Birgit Doll, Albert Fortell, Mark Lee.* W.R.
A esposa de um jornalista recebe um telefonema desesperado no meio da noite. Perturbada, descobre que seu marido se encontra a bordo de um navio que transporta lixo radioativo para o outro lado do mundo. O seqüestro de sua filha e a tentativa de assassinato de que ela é vítima revelam que há mais coisas em jogo do que uma simples reportagem. Thriller político.

**CHARADA ★★★**
*(Charade, EUA, 1964)*
*Direção: Stanley Donen. Com Cary Grant, Audrey Hepburn, Walter Matthau, James Coburn.* Transarte.
Suspense, mistério e humor em doses generosas fazem o encanto dessa paródia dos thrillers românticos de Hitchcock (especialmente *Ladrão de Casaca* e *Intriga Internacional*, ambos com Cary Grant). A bela viuvinha Reggie Lampert (Audrey Hepburn) é perseguida pelos quatro cantos da Europa por desconhecidos que querem saber onde o finado marido escondeu 250 mil dólares conquistados em golpes e trambiques. Entre os perseguidores está o galã grisalho Cary Grant, que muda de identidade a cada cinco minutos, confundindo a pobre moça e o público. A música de Henri Mancini (indicada para o Oscar), os carros conversíveis, as locações em luxuosos hotéis europeus — tudo conduz a uma deliciosa viagem ao início dos anos 60 e aos primeiros filmes de James Bond. Embarque.

**CORAÇÃO SATÂNICO ★★★**
*(Angel Heart, EUA, 1986)*
*Direção: Alan Parker. Com Mickey Rourke, Robert De Niro, Charlotte Rampling, Lisa Bonet.* Transvídeo.
O detetive Harold Angel é contratado para encontrar um músico desaparecido. As pistas o conduzem a New Orleans, entre shows de blues e rituais satânicos. Assassinatos se sucedem no mesmo ritmo da investigação. E todas as evidências apontam para uma solução sobrenatural. Thriller noir de terror.

**O COLECIONADOR ★★★**
*(The Collector, EUA, 1965)*
*Direção: William Wyler. Com Terence Stamp, Samantha Eggar, Maurice Dallimore.* RCA-Columbia.
O jovem britânico Freddie Colegg (Terence Stamp) tem duas obsessões: sua coleção de borboletas e uma paixão secreta pela evasiva Miranda (Samantha Eggar). Um dia ele resolve juntar as duas coisas. Seqüestra a garota e leva-a para junto de seus preciosos lepidópteros. Sua nova presa, entretanto, resiste à submissão, reagindo alternadamente com dureza e com um fingimento de sedução. As tortuosas relações homem-mulher são estudadas ao microscópio pelo veterano William Wyler *(Ben-Hur, O Morro dos Ventos Uivantes)*. Uma espécie de *Psicose* soft, *O Colecionador* é uma pequena obra-prima de suspense psicológico embalada pela música delicada de Maurice Jarre.

CHARADA

CORAÇÃO SATÂNICO

O COLECIONADOR

**A CONVERSAÇÃO ★★★**
*(The Conversation, EUA, 1974)*
*Direção: Francis Coppola. Com Gene Hackman, John Cazale, Frederic Forrest.* CIC.
Talvez um dos menos grandiosos Coppola, esse filme pré-estetização eletrônica recebe bem menos elogios do que merece. Um expert em espionagem industrial — perito em ouvir conversas alheias, mesmo que estejam acontecendo numa praça cheia de gente — entra em conflito quando a revelação de um segredo pode levar a um assassinato. A assinatura do diretor está presente na maneira angustiada com que a história policial vai progressivamente se transformando em drama e, sobretudo, na forma brilhante como justapõe som e imagem. Vencedor do grande prêmio no Festival de Cannes.

## UM CORPO QUE CAI ★★★

*(Vertigo, EUA, 1958)*

*Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Kim Novak, Barbara Bel Geddes.* CIC.

Considerado por muitos críticos a obra máxima de Hitchcock (o que não significa pouco), esse filme é um mergulho num mundo obscuro de paixão, mistério e erotismo. Scottie Ferguson (James Stewart), um policial aposentado por causa de seu medo de altura, é contratado por um velho conhecido para seguir e proteger a esposa deste (Kim Novak), que tem tendências suicidas. No decorrer da missão, Scottie apaixona-se irremediavelmente pela mulher do cliente e descobre que as coisas não são o que pareciam ser. A música hipnótica de Bernard Herrmann, o enredo retorcido, os pesadelos recorrentes de Scottie e, principalmente, os delirantes movimentos de câmera criam uma permanente e poderosa sensação de vertigem. Um arraso.

## CRIMES DE PAIXÃO ★★

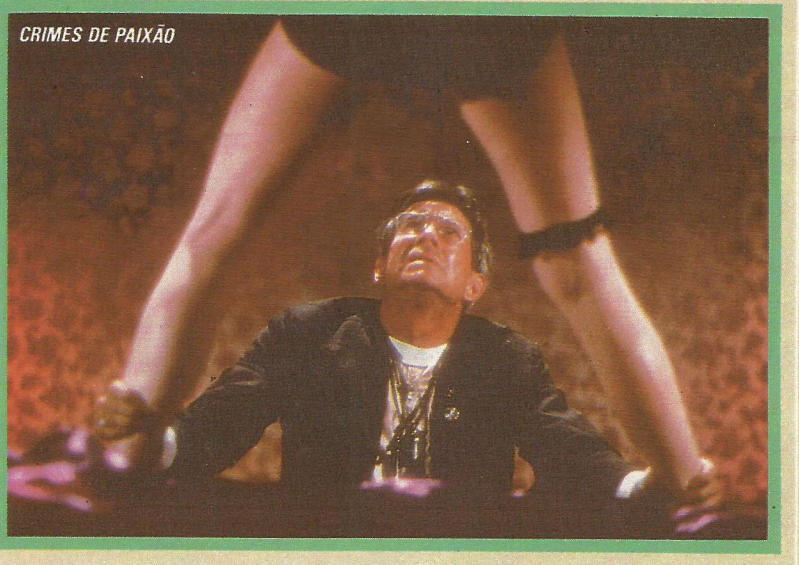
*(Crimes of Passion, EUA, 1984)*

*Direção: Ken Russell. Com Kathleen Turner, Anthony Perkins, John Laughlin, Annie Potts.* RCA-Columbia.

O inglês Ken Russell, que entende de sexo e não tem vergonha de vê-lo (e mostrá-lo) bem de perto, homenageia Hitchcock, outro inglês que também apreciava o assunto, mas preferia a linguagem de refinadas sutilezas. Russell começa por eleger uma loira para protagonista. Kathleen (que pouco fica, se é que fica, a dever a Kim Novak, Grace Kelly, Tippi Hedren) é China Blue, a prostituta mais gostosa deste mundo. O tributo continua na dupla personalidade da moça — ela é na verdade duas loiras *(Um Corpo que Cai?)*, porque durante o dia é uma desenhista de moda, de nome Joanna. A homenagem faz uma curva quando um cidadão pacato, Grady (Laughlin), casadão, se apaixona pela primeira loira, descobre a segunda e tenta seduzi-la e trazê-la de volta à unidade. Mas, em vez da solução moral, Russell levará Grady a uma solução mais sensual. Finalmente, a homenagem é explicitada com a presença de Perkins (o filho psicótico de *Psicose*) na figura de um pastor estranho que gosta de facas fálicas e da combinação delas com mulheres.

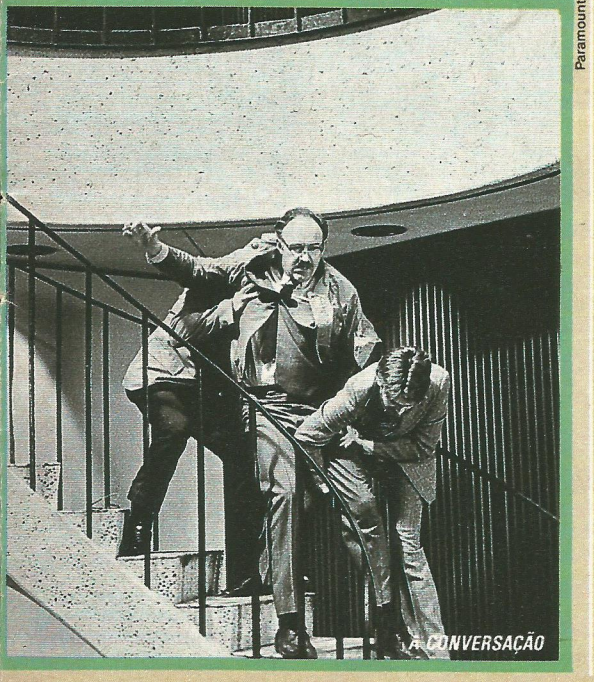
Fox

*UM CORPO QUE CAI*



*CRIMES DE PAIXÃO*

Paramount



*A CONVERSAÇÃO*

## O CORTE DA NAVALHA ★

*(Razorback, Austrália, 1984)*

*Direção: Russell Mulcahy. Com Gregory Harrison, Arkie Whiteley, Bill Kerr.* VTI.

Um javali gigante ataca nas imensidões do deserto australiano. Embora de estrutura narrativa similar a *Tubarão* e congêneres, o filme revelou o diretor Russell Mulcahy, um virtuose da câmera, que realiza aqui um excelente trabalho de iluminação.

## DOIS HERÓIS BEM TRAPALHÕES ★★★

*(Crime Wave, EUA, 1983)*

*Direção: Sam Raimi. Com Feran Crash, Arthur Caddish, Louise Lasser.* Globo Vídeo.

LANÇAMENTO

Um filme montado a partir de clichês, incluindo sua trilha sonora, que mata de rir. A história possui elementos de *film noir* e o humor violento dos desenhos animados. Dois assassinos sanguinários e trapalhões são contratados para eliminar o sócio de um comerciante. Fazem melhor, liquidam também o contratante, perseguem sua esposa e todos os que cruzam o seu caminho. Caricatura cruel escrito por Raimi (diretor de *Uma Noite Alucinante*) e pelos irmãos Ethan e Joel Coen (de *Gosto de Sangue*). Pérola negra da melhor vertente cinematográfica independente americana.

## O EMISSÁRIO DE MACKINTOSH ★★

*(The Mackintosh Man, Inglaterra, 1973)*

*Direção: John Huston. Com Paul Newman, James Mason, Dominique Sanda.* Warner.

Neste 28.º filme de Huston, Newman é um ladrão de jóias que se vê obrigado a participar de uma operação do serviço secreto britânico para desmascarar um agente duplo infiltrado no Parlamento. O bom desempenho do elenco é reforçado pelo ritmo ágil e pela beleza das locações — há cenas na Inglaterra, na Irlanda e na Ilha de Malta.

**DR. MABUSE, O JOGADOR ★★★**
*(Dr. Mabuse, der Spieler, Alemanha, 1922)*
*Direção: Fritz Lang. Com Rudolf Klein Rogge, Alfred Abel, Bernhard Goetzke.* F.J. Lucas.
Obra do cinema mudo equilibrada entre o real e o fantástico, um dos melhores exemplos da estética expressionista. O anti-herói Mabuse é um poderoso anarquista que, através de meios misteriosos, ganha nos cassinos, domina a Bolsa de Valores e leva outras criaturas, sob os seus poderes de sugestão, a cometerem assassinatos. O filme funciona como retrato da Europa no primeiro pós-guerra. A ser lançado em maio.

**DUBLÊ DE CORPO ★★★**
*(Body Double, EUA, 1984)*
*Direção: Brian De Palma. Com Craig Wasson, Gregg Henry, Melanie Griffith.* RCA-Columbia.
De Palma cita *Um Corpo Que Cai, Janela Indiscreta* e *Disque M para Matar*, clássicos de Hitchcock, num filme perverso, que aborda voyeurismo e o mundo dos filmes pornôs. Um ator desempregado se envolve com uma mulher que observa por um telescópio, tornando-se testemunha de seu assassinato.

**ESCURIDÃO DA MORTE ★★**
*(Fade to Black, EUA, 1980)*
*Direção: Vernon Zimmerman. Com Dennis Christopher, Linda Kerridge, Mickey Rourke.* Nacional.
Um jovem cinéfilo complexado resolve se vingar do mundo cruel. Disfarçando-se em personagens famosos do cinema, dá vazão a sua esquizofrenia e comete uma série de crimes. Sua namorada é idêntica a Marilyn Monroe e suas falas favoritas pertencem a James Cagney. Curiosidade extra: Mickey Rourke faz uma ponta de início de carreira que não consta de sua filmografia oficial.

DUBLÊ DE CORPO
Columbia

**ENIGMA ★★**
*(Inglaterra, 1982)*
*Direção: Jeannot Szwarc. Com Martin Sheen, Sam Neill, Brigitte Fossey.* Transvídeo.
Cinco dissidentes soviéticos serão assassinados numa operação da KGB. A tarefa de descobrir onde, quem e quando fica a cargo de um combativo dissidente (Sheen), assessorado à distância pela CIA. Praticamente sozinho, ele será perseguido como um chacal (a menção não é casual) e ainda terá fôlego para enfrentar um triângulo que envolve sua namorada alemã (Fossey) e o espião encarregado de capturá-lo (o excelente Sam Neill).

THE HIT
Liaison/Gamma-Sigla

**ENCURRALADO ★★★**
*(Duel, EUA, 1971)*
*Direção: Steven Spielberg. Com Dennis Weaver.* CIC.
Nos noventa minutos de filme só acontece uma coisa: um caminhão-tanque persegue implacavelmente um carro numa estrada. Spielberg já anuncia, em seu primeiro sucesso, sua habilidade em mexer com os nervos do espectador. Nesse *road movie* de suspense, com alguns recursos simples — por exemplo, o rosto do motorista do caminhão nunca aparece — e câmeras criativas, a tensão e o mistério são mantidos até o final. O curioso é que o roteiro de Richard Matheson foi baseado numa história real. E isso torna o filme ainda mais instigante. Originalmente produzido para a TV, *Encurralado* venceu o Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz e só então foi exibido nos cinemas.

FESTIM DIABÓLICO
CIC

**ESTRANHO PODER DE MATAR ★★**
*(The Shout, Inglaterra, 1979)*
*Direção: Jerzy Skolimowski. Com Alan Bates, John Hurt, Susannah York, Tim Curry.* F. J. Lucas.
Quem será o misterioso anônimo interpretado por Bates, um andarilho que se aninha no cotidiano de um casal, seduzindo a esposa e ameaçando o marido com um grito mortal aprendido com aborígenes? Skolimowski, narrando a história num hospício, não tenta convencer o espectador. Prefere o vago.

**ESTRANHO ENCONTRO ★★**
*(Brasil, 1958)*
*Direção: Walter Hugo Khouri. Com Mário Sérgio, Lola Brah, Andréa Bayard.* Globo Vídeo.
Um dos primeiros sucessos de Khouri e filme amplamente premiado à época. Deixa transparente o padrão dos estúdios Vera Cruz,

com nomes estrangeiros em sua equipe técnica. Gira em torno de uma perturbada e misteriosa loira, Júlia, que foge de um homem perneta e sádico. Filmado nas margens da belíssima represa Guarapiranga (!), a trama, hoje, é até simplória, mas foi narrada com clima sofisticado e a sobriedade típicos de Khouri.

**O FÃ - OBSESSÃO CEGA ★**
*(The Fan, EUA, 1981)*
*Direção: Edward Bianchi. Com Lauren Bacall, Michael Biehn, Maureen Stapleton, James Garner.* CIC.
Bacall canta e cativa após longa ausência das telas, sendo o principal motivo para se assistir a esse eficiente, porém bastante sanguinolento thriller sobre fã psicótico de atriz da Broadway que a persegue e passa a ameaçá-la. Bom elenco.

**O FIO DA SUSPEITA ★**
*(Jagged Edge, EUA, 1985)*
*Direção: Richard Marquand. Com Jeff Bridges, Glenn Close, Robert Loggia.* RCA-Columbia.
Magnata da imprensa é o principal suspeito do assassinato de sua esposa. A advogada contratada para defendê-lo também desconfia de sua inocência. Mas isso não a impede de se envolver com ele. Uma sucessão de reviravoltas leva a um final emocionante.

**O FUGITIVO ★★**
*(Hitch-Hike, Itália, 1977)*
*Direção: Pasquale Festa Campanile. Com Franco Nero, Corinne Clery, David Hess.* Century.
Franco Nero é um jornalista em crise existencial que viaja pelo deserto da Califórnia com a mulher, filha de milionário (a bela Corinne Clery, de *História de O* ). Certo dia oferecem carona a um desconhecido, sem saber que este é um perigoso assaltante. A tensão nasce entre os três, e cresce à medida que a viagem prossegue. Bom thriller psicológico.

**FESTIM DIABÓLICO ★★★**
*(Rope, EUA, 1948)*
*Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, John Dall, Farley Granger.* CIC.
O filme ficou famoso por ser construído com oito tomadas fluidas de dez minutos, sugerindo total continuidade, principalmente por se desenrolar num único espaço. É quase teatro filmado. Brilhantemente. Dois amigos matam um terceiro e convidam familiares e o professor do mesmo para um jantar, mantendo o corpo escondido na sala. Tentam, dessa forma, provar a própria superioridade sobre os outros. Uma lição absoluta de síntese.

F.J. Lucas

**O GUARDIÃO ★**
*(The Guardian, EUA, 1984)*
*Direção: David Greene. Com Martin Sheen, Louis Gossett Jr.* Herbert Richers.
Gossett Jr. (o militar durão de *A Força do Destino)* é contratado como um guardião protetor de prédio vítima de assaltos, mortes e estupros. Sheen passa a questionar seus métodos pouco ortodoxos. O guardião tem uma aura quase sobrenatural e um discurso moralista contra todo e qualquer drogado. No mínimo, provocante.

**THE HIT ★★★**
*(Inglaterra, 1984)*
*Direção: Stephen Frears. Com John Hurt, Terence Stamp, Tim Roth, Laura Del Sol, Fernando Rey.* Omni.
Thriller inquietante e imprevisível do diretor de *Minha Adorável Lavanderia.* Willie Parker (Stamp) denuncia num julgamento seus companheiros de quadrilha e ganha a liberdade, fugindo em seguida para a Espanha. Braddock (Hurt) é o membro da quadrilha encarregado de buscá-lo e levá-lo a Paris, onde se dará o acerto de contas. Estabelece-se então um duelo mais psicológico do que físico, indo desembocar num final absolutamente inesperado.

**GOSTO DE SANGUE ★★★**
*(Blood Simple, EUA, 1984)*
*Direção: Joel Coen. Com John Getz, Frances MacDormand, Dan Hedaya, M. Emmet Walsh.* F.J. Lucas.
Não é apenas o corrosivo filme de estréia dos Coen bros. — Joel, diretor e roteirista; Ethan, produtor e roteirista —, que detonaram a grande América caipira em *Arizona Nunca Mais. Gosto de Sangue* é uma obra-prima do suspense, brutal e inesperada. Como em Hitchcock, o engenho da trama serve à angústia crescente: os cadáveres nem sempre estão bem mortos e os inocentes passam por culpados, até que lhes dêem uma chance — não de provar sua inocência, mas de confirmar sua culpa... Um triângulo amoroso — o da esposa de um rancoroso proprietário de night-club com um de seus empregados — torna-se um quadrângulo sangrento com a inclusão de um detetive com senso de humor mortal... Um clássico moderno, pleno de más intenções.

**O HOMEM DE PALHA ★★★**
*(The Wicker Man, Inglaterra, 1973)*
*Direção: Robin Hardy. Com Edward Woodward, Christopher Lee, Britt Ekland,* VTI.
Uma carta anônima, denunciando o sumiço de uma garota de 12 anos, leva um policial da Scotland Yard para uma pequena ilha da costa britânica cujos habitantes seguem uma exótica seita pagã com ritos regados a sexo grupal. Teria sido a criança sacrificada num ritual profano? O roteirista e dramaturgo Anthony Schaeffer (de *Trama Diabólica* ) responde por este thriller opressivo e ardente.

VTI

**O HOMEM QUE NÃO ERA ★**
*(The Man Who Haunted Himself, Inglaterra, 1970)*
*Direção: Basil Dearden. Com Roger Moore, Hildegard Neil.* VTI.
Roger Moore é um típico executivo britânico, com guarda-chuva e pastinha na mão, que sofre um acidente de carro e perde vários dias no hospital. Quando volta à ativa, percebe, para seu desespero, que um outro, um sósia perfeito, já estava em seu lugar... Produção barata — um thriller angustiante que lembra um pouco os contos de Edgar Allan Poe.

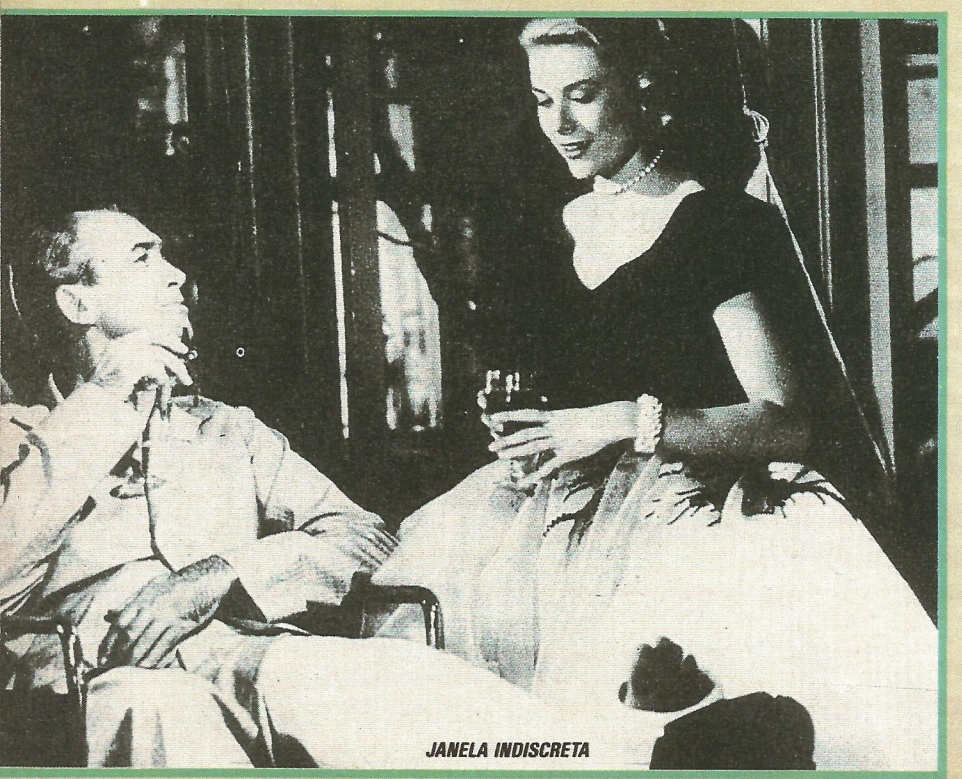
**O HOMEM QUE SABIA DEMAIS★★★**
*(The Man Who Knew too Much, EUA, 1956)*
*Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Doris Day.* CIC.
Hitchcock dá a segunda versão de um filme seu de 1934, homônimo, e realiza um de seus trabalhos mais saborosos, apesar de pouco marcante em sua filmografia. Stewart e Day são um perfeito casal americano que se envolve numa intriga internacional, tendo seu filho seqüestrado. Ficou famoso com Day cantando o oscarizado "Que Sera, Sera".

UIP
*O HOMEM QUE SABIA DEMAIS*

**JANELA INDISCRETA ★★★**
*(Rear Window, EUA, 1954)*
*Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Grace Kelly, Thelma Ritter.* CIC.
Um dos melhores e mais sofisticados jogos de Hitch. Coloca Stewart imóvel numa cadeira de rodas e, mantendo sua curiosidade de fotógrafo, faz com que investigue seus vizinhos com um binóculo, até supostamente presenciar um crime. O uso inventivo das janelas, das lentes do binóculo, da imobilidade e da visão sintetizam os temas preferidos do mestre do suspense.

**LIGAÇÕES FATAIS★★**
*(Blood Relations, EUA, 1988)*
*Direção: Graeme Campbell. Com Jan Rubes, Lydie Demier, Kevin Hicks.* Vic.
Thomas, o filho único mimado de um importante médico, aguarda o pai em seu casarão com uma brincadeira macabra: finge que está morto e ensangüentado na banheira. A partir daí vai se estabelecendo um sombrio e confuso conflito de gerações, num clima de suspense bem armado, com miados de gatos agourentos e pesadelos.

**LADRÃO DE CASACA ★★**
*(To Catch a Thief, EUA, 1955)*
*Direção: Alfred Hitchcock. Com Cary Grant, Grace Kelly, Charles Vanel.* CIC.
Um dos Hitch mais próximos de um mero *entertainment*. O charme indiscutível do casal de protagonistas associa-se à beleza da Riviera Francesa e ao luxo dos anos 50 para contar uma série de roubos de jóias que remetem ao estilo do gatuno aposentado Grant. Este deve provar sua inocência. Um espetáculo simples e leve.


*JANELA INDISCRETA*

Estréia nas telas do diretor teatral Chéreau. Partindo de um best-seller policial americano, elabora-se um exercício estilizado e virtuosístico (repleto de detalhes sofisticados) em torno do mistério que cerca Rampling, mulher traumatizada pelo passado e que ataca a tesouradas os olhos dos homens que a assustam.

**A MARATONA DA MORTE ★★★**
*(Marathon Man, EUA, 1976)*
*Direção: John Schlesinger. Com Dustin Hoffman, Laurence Oliver, Roy Scheider, Marthe Keller.* CIC.
Hoffman é um estudante obcecado por maratonas que se vê subitamente envolvido com refugiados nazistas. Intimidado, perseguido, torturado, sua capacidade de ação e resistência vai ser duramente colocada à prova. Não será de espantar se o espectador chegar ofegante ao final do filme.

**A MENINA DO OUTRO LADO DA RUA ★★**
*(The Little Girl Who Lives Down The Lane, EUA/Canadá/França, 1976)*
*Direção: Nicholas Gessner. Com Jodie Foster, Alexis Smith, Martin Sheen, Scott Jacoby, Mort Shuman.* Nacional.
Magra e dentucinha, Jodie Foster, aos 13 anos, é uma menina que vive sozinha numa casa com um pai que está sempre misteriosamente trabalhando, ou dormindo, ou em viagem de negócios — sem nunca aparecer. Cercada por pessoas que se incomodam com sua arro-

**M — O VAMPIRO DE DÜSSELDORF ★★★**
*(M — Eine Stadt Sucht Einen Morder, Alemanha, 1931)*
*Direção: Fritz Lang. Com Peter Lorre, Gustaf Grundgens, Otto Wernick, Gerhard Bienert, Fritz Odemar, Theo Lingen.* F.J. Lucas.
Na Alemanha dos anos 20, uma cidade assiste aterrorizada ao assassinato de várias crianças. Um clima de histeria permeia a busca do psicopata tanto pela polícia quanto pelos outros criminosos, que pretendem executá-lo através da sua própria corte marcial. Obra legendária dirigida magistralmente por Lang que deu ao ator húngaro Peter Lorre seu único papel de protagonista, numa das melhores interpretações do cinema expressionista. Último filme produzido por F. Lang na Alemanha antes de partir para os EUA, onde permaneceu 20 anos.

**A MARCA DA ORQUÍDEA★★★**
*(La Chair de l'Orchidée, França, 1974)*
*Direção: Patrice Chéreau. Com Charlotte Rampling, Bruno Cremer, Simone Signoret, Alida Valli.* Look.

gância precoce — entre elas a jararaca da locatária e seu filho, um pervertido sexual (Sheen) —, Jodie tira de letra. Bons diálogos num suspense um tanto ingênuo.

**O MENSAGEIRO DA MORTE ★**
*(When a Stranger Calls, EUA, 1979)*
*Direção: Fred Walton. Com Charles Durning, Carol Kane, Colleen Dewhurst, Tony Beckley.* Tec Home Vídeo.
A primeira meia hora é tão boa que sustenta o resto: uma inocente baby-sitter mergulha no coração do pavor ao receber ameaças telefônicas durante seu trabalho noturno. Ela está sozinha no andar de baixo da casa. No andar de cima, duas crianças estão dormindo. Ou, pelo menos, deveriam estar.

**MENTIRAS ★★**
*(Lies, EUA, 1983)*
*Direção: Ken e Jim Wheat. Com Ann Dusenberry, Gail Strickland, Clu Gulager, Dick Miller.* Taipan.
Atriz pensa estar sendo contratada para um filme, mas acaba envolvida num caso de ganância e morte em torno da volumosa herança de uma jovem. Termina confundida com uma louca no hospício. Thriller bastante convincente e tenso, com trama intrincada (e bem armada) e uma ótima vilã na figura da atriz Strickland.

**METRÔ DA MORTE ★★★**
*(Death Line/Raw Meat, Inglaterra, 1973)*
*Direção: Gary Sherman. Com Donald Pleasence, Christopher Lee.* Zircon.
Pleasence, numa de suas melhores interpretações, investiga desaparecimentos no metrô londrino. O mistério envolve supostos canibais. Apesar do uso de fortes maquiagens, é um filme de pouca violência, que ousa desfilar longos e silenciosos planos repletos de morbidez. Interessante e bizarro.

M - O VAMPIRO DE DUSSELDORF

**MATADOR ★★★**
*(Espanha, 1986)*
*Direção: Pedro Almodóvar. Com Assumpta Serna, Nacho Martinez, Antonio Banderas.* J. Home Vídeo.
Um toureiro aposentado que ainda traz no sangue o instinto matador. Uma respeitável advogada que treme de gozo diante da morte alheia. Um adolescente cujo transbordante desejo sexual é abortado a golpes de sinal da cruz pela mãe castradora e adepta da Opus Dei. No centro dessa ciranda, uma série de misteriosos assassinatos de garotas e rapazes. Na investigação conduzida por Almodóvar (um dos melhores cineastas europeus dos últimos anos) nada fica de pé. Deus, pátria e família sucumbem à lei do desejo nessa diabólica tragicomédia em que se fundem tradição e modernidade, breguice e erudição, sexo e morte. Olé.

**O MONSTRO HUMANO ★★**
*(The Human Monster, Inglaterra, 1939)*
*Direção: Walter Summers. Com Bela Lugosi, Hugh Williams, Greta Gynt, Edmond Ryan.* Hollywood Classics.
Lugosi, o melhor Drácula do cinema, interpreta aqui o Dr. Orloff, ex-médico londrino que tem uma companhia de honestidade (quase) inatacável. Só que sucessivos corpos são encontrados no Tâmisa, e os supostos suicidas haviam todos comprado apólices do doutor... Clássico filme B com suspense temperado pelo *fog*.

**MORTE E MISTÉRIO ★★**
*(Un Papillon Sur L'Épaule, França, 1978)*
*Direção: Jacques Deray. Com Lino Ventura, Claudine Auger, Paul Crauchet, Nicole Garcia.* Look.
Com certeza o Polanski de *Busca Frenética* já viu este filme. Executivo francês (Ventura) em viagem a Barcelona presencia dois misteriosos assassinatos, dos quais ninguém toma conhecimento. Para piorar, é confundido com outra pessoa (ou não?) e tem a mulher seqüestrada. Como resgate, pedem uma maleta... Se a curiosidade resistir à lentidão, o filme compensa.

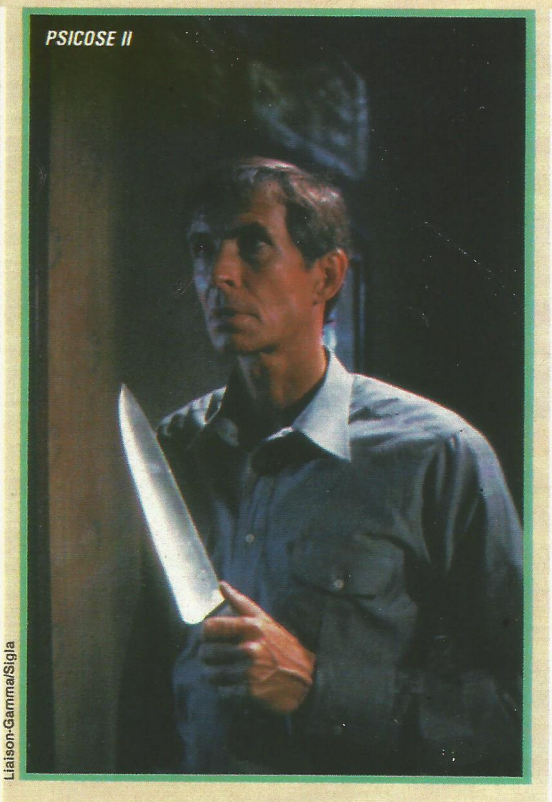
**A MORTE PEDE CARONA ★★★**
*(The Hitcher, EUA, 1986)*
*Direção: Robert Harmon. Com C. Thomas Howell, Rutger Hauer, Jennifer Jason Leigh.* América.
A estréia de Harmon na direção revelou-se altamente promissora. A linha narrativa é simples: um jovem leva um carro de costa a costa dos EUA e, numa noite chuvosa e chata, decide dar carona a alguém para se manter acordado. O fato de Hauer ser o caronista já sugere algum contratempo. Hauer se revela um louco assassino. Apesar de Howell conseguir se livrar dessa sua primeira investida, a figura do caronista sempre o surpreenderá no trajeto futuro. O jovem atônito passa a testemunhar crimes e a ser acusado pelos mesmos. Hauer apenas sorri. O detalhe que enriquece o filme é Harmon nunca afirmar quem (ou o que) é Hauer — pode-se ter várias leituras em torno da relação de vítima e algoz. Essa liberdade torna o medo mais efetivo.

UIP
A MORTE PEDE CARONA

**NOITE TENEBROSA★★**
*(Terror by Night, EUA, 1946)*
*Direção: Roy William Neill. Com Basil Rathbone e Nigel Bruce.* Hollywood Classics.
Uma rica senhora escocesa, dona de um superdiamante, ao retornar de um nobre baile inglês, pede a proteção de Holmes (Basil) e Watson (Nigel). Tudo se passa num trem em movimento, com muito entra-e-sai de cabines e cadáveres surgindo. Este ágil suspense é uma pequena pérola da média-metragem.

**OS OLHOS DE LAURA MARS★★**
*(The Eyes of Laura Mars, EUA, 1978)*
*Direção: Irvin Kershner. Com Faye Dunaway, Tommy Lee Jones, Brad Dourif.* RCA-Columbia.
Laura Mars é uma fotógrafa que conseguiu notoriedade por suas imagens de sexo e violência. De repente, ela passa a ter visões de assassinatos cometidos por um psicopata. As vítimas são sempre pessoas ligadas a ela. A qualquer momento, o assassino baterá em sua porta. Thriller escrito por John Carpenter.

**PIQUENIQUE NA MONTANHA MISTERIOSA★★★**
*(Picnic at Hanging Rock, Austrália, 1975)*
*Direção: Peter Weir. Com Rachel Roberts, Dominique Guard, Helen Morse.* J. Home Vídeo.
Revelação do diretor australiano Weir *(A Testemunha)*, inspirada em fato real. Na Inglaterra de 1900, um grupo de moças de um internato parte para um piquenique numa montanha. Três delas e a governanta desaparecem sem deixar vestígios. O filme é misterioso até na falta de clímax, o que, estranhamente, não é nada ruim. Pelo contrário.


PSICOSE II

Liaison-Gamma/Sigla

**PSICOSE II★★**
*(Psycho II, EUA, 1983)*
*Direção: Richard Franklin. Com Anthony Perkins, Meg Tilly, Vera Miles, Robert Loggia.* CIC.
Continuação injustiçada por viver à sombra do clássico de Hitchcock. O diretor Franklin conseguiu construir um bom filme de suspense em torno da volta de Bates ao motel e o seu envolvimento com uma garçonete ingênua (Tilly). Apenas o seu final apela para o sangue mais do que a história pedia.

**OS QUE CHEGAM COM A NOITE★★**
*(The Nightcomers, Inglaterra, 1972)*
*Direção: Michael Winner. Com Marlon Brando, Stephanie Beacham.* Globo Vídeo.
O filme ficciona os protagonistas de um texto de Henry James. É uma perturbadora fábula sobre a perversidade livre da infância. Dois irmãos órfãos, Flora e Miles, admiram o jardineiro da casa, Quint (Brando), que lhes ensina conceitos sobre amor, sexo e morte. A imaginação das crianças desencadeará uma tragédia inconsciente.

**O TESTAMENTO DO DR. MABUSE ★★★**
LANÇAMENTO
*(Das Testament des Dr. Mabuse, Alemanha, 1933)*
*Direção: Fritz Lang. Com Rudolf Klein Rogge, Oscar Beregi, Karl Meixner, Theodor Loos, Otto Wernicke.* F.J. Lucas.
O médico Dr. Mabuse, considerado morto pela população, vive há muitos anos internado num manicômio. Apesar de paralítico, ele domina seu médico através da hipnose, fazendo com que este cumpra todas as suas ordens, dia após dia, instaurando um clima de caos e matança no manicômio. Segundo filme sonoro dirigido por Fritz Lang, um dos maiores gênios do expressionismo alemão, com interpretações e cenários primorosos e a belíssima fotografia em preto-e-branco de Fritz Arno Wagner. Um testamento clássico imperdível.

**UM TIRO NA NOITE★★★**
LANÇAMENTO
*(Blow Out, EUA, 1981)*
*Direção: Brian De Palma. Com John Travolta, Nancy Allen, John Lithgow.* Globo.
*Blow Out* quer dizer estouro. Mas também é uma referência ao clássico *Blow Up*, de Antonioni, em que um fotógrafo casualmente registra um crime com sua câmera. Em *Um Tiro na Noite*, um sonoplasta de filmes Z registra o som de um assassinato. Gravando sons noturnos, ele testemunha a queda de um carro descontrolado num lago, mergulha e salva uma jovem. Mas não consegue salvar seu acompanhante, o governador de Nova York, candidato à presidência. Sua fita, entrentanto, registrou o som de um tiro disparado contra o pneu do carro. Trata-se de uma conspiração. E de um dos melhores thrillers de De Palma — que, como de regra, cita seu mestre Hitchcock (há um filme dentro do filme que é uma paródia de *Psicose*)

**SOB O DOMÍNIO DO MEDO ★★★**
*(Straw Dogs, EUA, 1971)*
*Direção: Sam Peckinpah. Com Dustin Hoffman, Susan George, Peter Vaughan.* Transvídeo.
Um dos mais violentos filmes da década passada. Dustin Hoffman é um pacífico professor de matemática que se isola com a mulher (Susan George) num lugarejo da Escócia. O que deveria ser paz e tranqüilidade transforma-se em pesadelo quando o casal passa a ser ameaçado pelos rapazes da aldeia. A tensão progride milimetricamente até a catarse final, quando Hoffman, sitiado em sua casa, resolve proteger um débil mental do bando que violentou sua mulher. A última meia hora, de uma violência insana, revela todo o talento de Peckinpah na manipulação do suspense. Mais do que um simples thriller, trata-se aqui de dissecar os mecanismos que conduzem ao irracional. A cena do estupro de Susan George é antológica.

UM TIRO NA NOITE

Columbia

REPULSA AO SEXO

Ouro

**REPULSA AO SEXO ★★★**
*(Repulsion, Inglaterra, 1965)*
*Direção: Roman Polanski. Com Catherine Deneuve, Ian Henry, John Fraser.* Globo.
Uma manicure se tranca em um apartamento e enlouquece lentamente. Esquizofrênica, incapaz de resolver seus desejos, divididos entre atração e repulsão sexual, ela mata seus pretendentes imaginando que está sendo violentada. Thriller psicológico clássico da parceria entre Polanski e o roteirista Gérard Brach, com Catherine Deneuve mais linda do que nunca.

**O SEGREDO★★**
*(Le Secret, França, 1975)*
*Direção: Robert Enrico. Com Jean-Louis Trintignant, Marlene Jobert, Philippe Noiret.* Videocassete do Brasil.
Homem portador de um perigoso segredo é aprisionado por questões de segurança e dado como doente mental. Em uma única tentativa, ele consegue fugir e encontrar refúgio na residência de um casal desconhecido — que passa a atormentar.

**SHERLOCK HOLMES E A ARMA SECRETA ★★**
*(Sherlock Holmes and the Secret Weapon, Inglaterra, 1942).*
*Direção: Roy William Neill. Com Basil Rathbone, Lionel Atwill, Nigel Bruce.* Top Tape.
Bomba secreta inventada durante a Segunda Guerra provoca disputa entre os nazistas e o bloco dos aliados. Interpretação brilhante de Rathbone como Holmes, aqui mais uma vez na cola de seu arquiinimigo, o criminoso Moriarty. Colorizado.

**SÍNDROME DA CHINA ★★**
*(The China Syndrome, EUA, 1979)*
*Direção: James Bridges. Com Jane Fonda, Jack Lemmon, Michael Douglas.* LK-Tel.
Uma repórter de TV, realizando um rotineiro trabalho de reportagem numa usina nuclear, descobre que o risco de um acidente radioativo é iminente. Tensão do começo ao fim, num filme que mistura suspense e denúncia na dose certa. Jane Fonda está ótima.

**A TRAMA ★★★**
*(The Parallax View, EUA, 1974)*
*Direção: Alan J. Pakula. Com Warren Beatty, William Daniels, Paula Prentiss.* CIC.
Durante um comício, no alto de uma torre, o senador Carrol, candidato à presidência, é assassinado. Um garçom tenta fugir e é morto — mas era evidentemente o homem errado. Prova disso é que as testemunhas do atentado, uma a uma, morrem misteriosamente. Afogamentos, enfartos, batidas de carro, explosões... Beatty, um jornalista arrojado, obstinado e bem pouco ortodoxo, passa a investigar por conta própria. Vai desembocar — após alguns percalços violentos — numa organização que recruta assassinos através de testes psicológicos: a Parallax. O diretor Alan J. Pakula — que depois faria *Todos os Homens do Presidente* — mostra que tem estilo. Há pelo menos duas cenas — dois assassinatos mergulhados em silêncio, filmados em espaços amplos — que garantem o ingresso em qualquer antologia. Um filme inteligente, estranho e bastante pessimista.

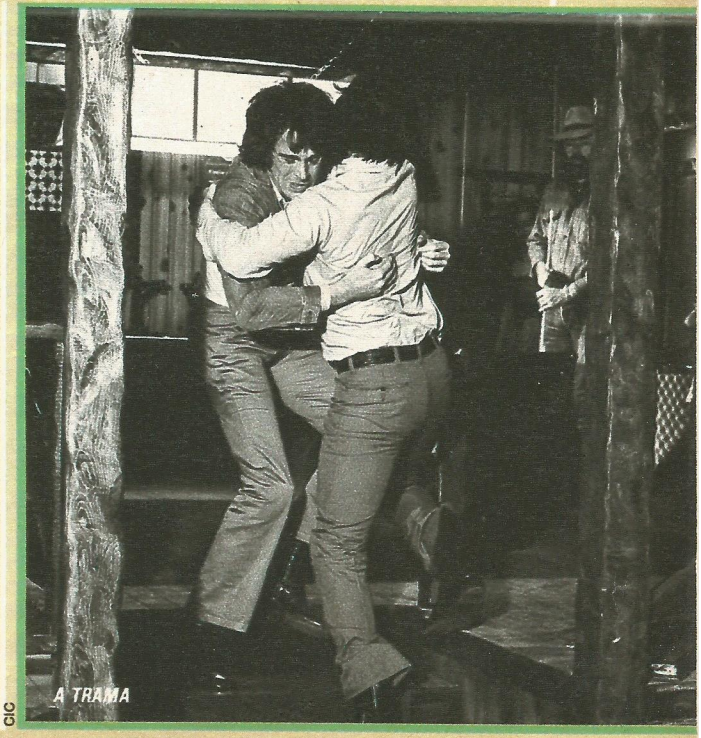
**TOCAIA ★★★**
*(Stakeout, EUA, 1987)*
*Direção: John Badham. Com Richard Dreyfuss, Emilio Estevez, Madeleine Stowe, Aidan Quinn.* Abril Vídeo.
Richard Dreyfuss é o tira quarentão, descasado e meio encostado na corporação, mas disposto a mostrar que ainda dá no couro, tanto com os bandidos como com as mulheres. Emilio Estevez é seu jovem parceiro cu-de-ferro, preocupado com o casamento e a ascensão profissional. Madeleine Stowe é a boazuda que eles têm de vigiar, pois seu namorado é um bandido perigoso (Aidan Quinn) que acaba de fugir da cadeia. As coisas esquentam quando Dreyfuss se apaixona pela vigiada e resolve largar a luneta e partir para a ação, colocando a missão em risco e criando momentos antológicos de suspense e humor. Entretenimento puro, numa homenagem de Badham *(Jogos de Guerra, Trovão Azul)* a *Janela Indiscreta* e *Dublê de Corpo*.

LANÇAMENTO

TOCAIA

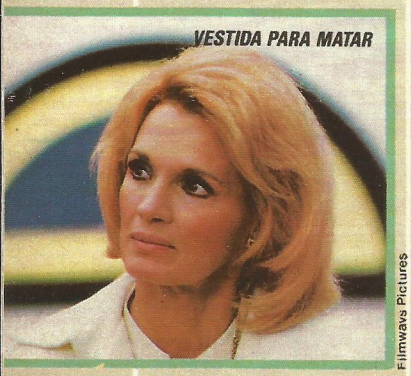
Warner

**O TERCEIRO TIRO ★★★**
*(The Trouble with Harry, EUA, 1955)*
*Direção: Alfred Hitchcock. Com Shirley MacLaine, John Forsythe, Royal Dano.* CIC.
A estréia de MacLaine nas telas se dá num dos Hitch mais divertidos, um inteligente e pequeno exercício de humor negro. Harry é um cadáver que transtornará a vida de uma comuni-


A TRAMA

CIC

dade na Nova Inglaterra, em especial a sua antiga família e os amigos mais próximos. Enterrá-lo ou não? O que houve com ele, afinal? Hilariante.



Filmways Pictures

## TRAMA DIABÓLICA ★★★

*(Sleuth, EUA, 1972)*
*Direção: Joseph L. Mankiewicz. Com Laurence Olivier, Michael Caine.* Nacional.
Escritor de histórias policiais envolve o amante de sua mulher num jogo diabólico e cheio de surpresas. Deliciosamente sutil e inteligente, o filme baseia-se numa peça de Anthony Shaffer, adaptada pelo próprio para a tela. Olivier e Caine, os únicos atores em cena, não precisam de companhia. Estão simplesmente soberbos.

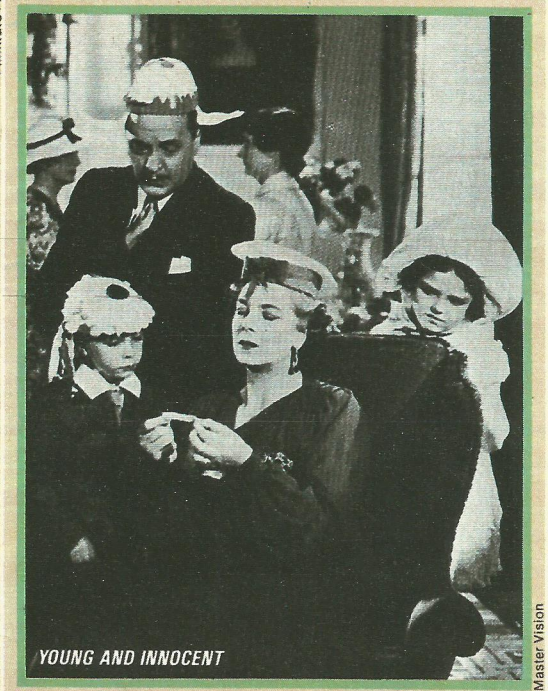
## VELUDO AZUL ★★★

*(Blue Velvet, EUA, 1986)*
*Direção: David Lynch. Com Kyle MacLachlan, Isabella Rossellini, Dennis Hopper.* Tec Home Vídeo.
Uma orelha decepada encontrada num terreno baldio leva um jovem a se envolver com uma cantora de cabaré acuada por gângsteres. A perversidade de Frank (Hopper, genial), o chefão, choca o jovem herói, ao mesmo tempo que encontra na cantora uma recepção masoquista à altura. Um thriller perturbador.

Fox

## VESTIDA PARA MATAR ★★★

*(Dressed to Kill, EUA, 1980)*
*Direção: Brian De Palma. Com Michael Caine, Angie Dickinson, Nancy Allen, Keith Gordon.* Globo Vídeo.
O que faz uma mulher (bem) casada em Nova York? Freqüenta sessões de psicanálise e comete adultério. Angie Dickinson interpreta uma dessas esposas que têm um tremendo azar: acaba assassinada por uma tétrica personagem, que veste couro negro e empunha uma navalha. Uma jovem prostituta testemunha o crime e, com a ajuda do filho da falecida, tenta descobrir o assassino. De Palma maneja muito bem as referências hitchcockianas, mas, onde o mestre era sutil e/ou velado, ele incrementa a trama com um clima sexualmente perverso e pesado. E ainda por cima tempera com seu característico suspense violento de tirar o fôlego de qualquer um.



Master Vision

## YOUNG AND INNOCENT ★★★

*(Inglaterra, 1937)*
*Direção: Alfred Hitchcock. Com Nova Pilbeam, Derrick de Marney e Percy Marmont.* Master Vision.
A seqüência de um casal discutindo num chalé, entre os trovões de uma tempestade, dá início à trama. Toda a decomposição do casamento dessa atriz que gosta de rapazinhos é exposta em uma dúzia de frases que culminam com três tabefes no rosto do marido — um homem ciumento que se recusa a dar-lhe o divórcio. O homem pisca os olhos freneticamente, revelando um tique nervoso. Mostrar o assassinato é desnecessário: por essa abertura-clímax já sabemos que o corpo que aparece na praia em seguida é o da atriz.
Por infelicidade, um dos rapazes que freqüentavam a casa da atriz encontra o cadáver pouco antes da chegada de duas jovens. E, como ele foge, é tomado por assassino. O filme inteiro é a história dessa fuga, presa num universo de ambigüidades e aventuras, onde nada é o que parece ser. Um dos últimos filmes da "fase inglesa" do mestre Hitch.

**Seleção de Daniel Benevides. Vídeos cedidos pelas distribuidoras e pela locadora 2001, (tel. 251-1044, 284-8788, SP)**



EDITORA AZUL

**Editor e Diretor:** VICTOR CIVITA

**Diretoria**
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

**Diretor Superintendente:** Angelo Rossi

SET

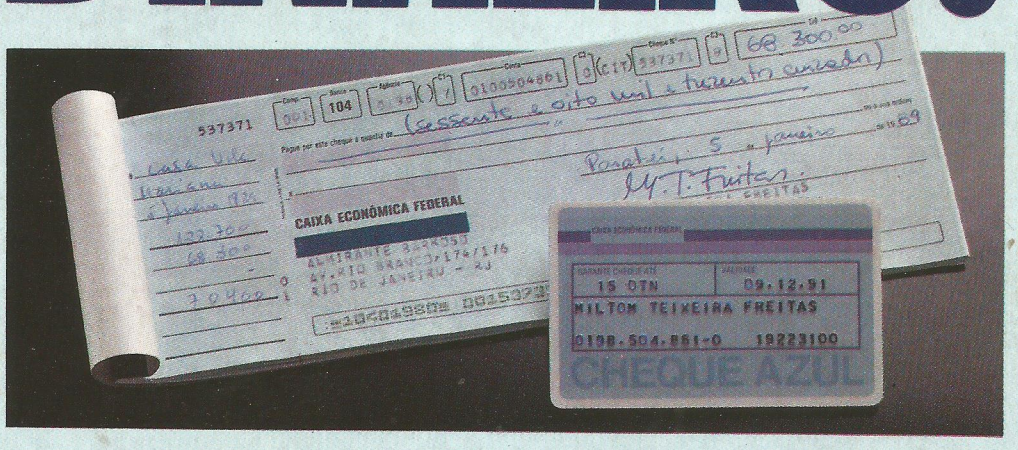
**Diretor de Grupo:** Carlos C. Arruda

**REDAÇÃO**
**Editor-Chefe:** Eugênio Bucci
**Editor:** Carlos Volpato
**Editor Executivo:** Dilson P. Gomes
**Redação:** Walter Silva
**ARTE**
**Editor de Arte:** Michel Spitale
**Chefe de Estúdio:** Deise Bitinas
**Diagramadores:** Angelo de C. Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
**Arquivo e Pesquisa de Fotos:** Cidval Heredia
**Atendimento ao Leitor:** Celso Ferrari Masson
**Correspondentes:** José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres) e Adilson Nunes (Paris)
**Colaboradores — SET Policial e Suspense**
**Editora Assistente:** Isabella Rocha e Silva
**Texto:** Arnaldo Lorençato, Bia Abramo, Christian Petermann, Daniel Benevides, Deborah Peleias, Fernando Morgado, Fernando Paiva, José Geraldo Couto, Marcel Plasse, Paulo Caputzo
**Arte:** Izaú Norbertino, Marco Irici
**Ilustração:** Luiz Gustavo
**Fotos:** Luiz Dantas, Ricardo Siqueira, Ruy Mendes
**Revisão e Preparação de Textos:** Edmundo Juarez Filho e Thais H. S. Juarez
**Diretora Responsável:** Liège de Lima Dória Castelli
**PUBLICIDADE**
**Diretor:** Carlos Alberto F. de Araújo
**SP - Gerente:** Oswaldo Maffei Jr.
**Contatos:** Gilberto Newton da Silva Oliveira, Iracema Marques Gil, Renata Dogliotti
**RJ - Gerente:** Maria Fernanda Jorge
**Contatos:** Eduardo Vicente Chaves Barros, Márcia Srauthes Garambone
**Coordenação Gráfica:**
**Gerente:** Edna K. Burigo
**Coordenador:** José Soares A. Santos
**Representantes:**
**Porto Alegre:** 3 R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-6591
**Belo Horizonte:** Republicar Ltda. Fone (031) 463-4666
**Brasília:** Oleno Leite Filho. Fone (061) 223-0421
**Ribeirão Preto:** Intermídia Representações e Publicidade S/C Ltda. Fone (016) 623-4262 e 623-4291
**Serviços Editoriais**
**Abril Press - Gerente:** Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
**Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
**Departamento de Documentação** - Dedoc - **Gerente:** Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
**Serviços Fotográficos - Gerente:** Pedro Martinelli
**COMERCIAL**
**Diretora:** Vera Helena Mirandez Gomes
**Gerente de Produto:** José Carlos Boldarine
**Gerente de Circulação:** Gilberto Finotto Gil
**Promoção:** Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
**Diretores:** Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

**SET** é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 24,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTN verificada no período. Circulação desta revista: abril de 1989. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
**Fotolito:** Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
**IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.**

# COM CHEQUE AZUL TODO MUNDO VÊ A COR DO SEU DINHEIRO.




**CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**

AZZARO

VILLE

DIANA PAOLUCCI S/A IND. E COMÉRCIO
Rua Dom Bosco, 710 - Moóca - CEP 03105 - São Paulo - SP
Representantes em todo o Brasil.
Fone (011) 278-4022 - Telex: 11.21478

GRAFMODA